

OSVALDO POLIDORO
(reencarnação de Allan Kardec)

O GRANDE CISMA

DEUS

Eu Sou a Essência Absoluta, Sou Arquinatural,
Onisciente e Onipresente, Sou a Mente Universal,
Sou a Causa Originária, Sou o Pai Onipotente,
Sou Distinto e Sou o Todo, Eu Sou Ambivalente.

Estou Fora e Dentro, Estou em Cima e em Baixo,
Eu Sou o Todo e a Parte, Eu é que a tudo enfaixo,
Sendo a Divina Essência, Me Revelo também Criação,
E Respiro na Minha Obra, sendo o Todo e a Fração.

Estou em vossas profundezas, sempre a vos Manter,
Pois Sou a vossa Existência, a vossa Razão de Ser,
E Falo no vosso íntimo, e também no vosso exterior,
Estou no cérebro e no coração, porque Sou o Senhor.

Vinde pois a Meu Templo, retornai portanto a Mim,
Estou em vós e no Infinito, Sou Princípio e Sou Fim,
De Minha Mente sois filhos, vós sereis sempre deuses,
E, marchando para a Verdade, ruireis as vossas cruces.

Não vos entregueis a mistérios, enigmas e rituais,
Eu quero Verdade e Virtude, nada de “ismos” que tais,
Que de Mim partem as Leis, e, quando nelas crescerdes,
Em Meus Fatos crescereis, para Minhas Glórias terdes.

Eu não Venho e não Vou, Eu sou o Eterno e o Presente,
Sempre Fui e Serei, em vós, a Essência Divina Patente,
A vossa presença é em Mim, e Quero-a plena e crescida,
Acima de simulacros, glorificando em Mim a Eterna Vida.

Abandonando os atrasados e mórbidos encaminhamentos,
Que lembram tempos idólatras e paganismos poeirentos,
Buscai a Mim no Templo Interior, em Virtude e Verdade,
E unidos a Mim tereis, em Mim, a Glória e a Liberdade.

Sempre Fui, Sou e Serei em vós a Fonte de Clemência,
Aguardando a vossa Santidade, na Integral Consciência,
Pois não quero formas e babugens, mas filhos conscientes,
Filhos colaboradores Meus, pela União de Nossas Mentas.

RASGANDO O VÉU

A primeira perseguição em massa, oficialmente levada a efeito contra os cristãos novos – relata-nos a história – teve lugar no reinado do truculento Nero (ano 64 D.C.). Acusado o imperador pelo povo de haver ateadado fogo à cidade de Roma para se inspirar, pois fora visto, na ocasião, de lira em punho, a entoar um hino sobre o incêndio de Tróia, lançou toda a culpa desse crime contra os seguidores do Nazireu. Daí o motivo pelo qual o poviléu, açulado como a hiena bravia, exigisse o trucidamento sumário e impiedoso desses mártires, ora nas arenas à sanha dos leões, ora untados com pez para servirem de archotes vivos, em dias de festa, nos jardins do famigerado César.

Foi esse, realmente o primeiro golpe assestado contra o verdadeiro cristianismo, nas pessoas dos seus ardorosos e sinceros sectários. Todavia, foi Décio, dos imperadores romanos (anos 249 a 251 D.C.), o primeiro a empreender uma perseguição sistemática e oficializada contra os neófitos da doutrina cristã. Iniciada nesse reinado, ela se desdobrou até atingir o seu clímax no governo de Diocleciano (anos 303 a 311 D.C.). Caracterizada pela sua violência sanguinária, foi, entretanto, o marco inicial de uma completa transformação tática e política, no reinado do imperador sárdico, transformação essa visando à nova seita. Como os métodos violentos aplicados contra essas vítimas inermes não surtiram o efeito desejado, havia, portanto, mais que nunca, necessidade de mudança dessa atitude drástica por outra mais inteligente e eficaz, uma vez que logo nos dois primeiros séculos de vida o cristianismo havia aumentado consideravelmente o seu raio de influência; no terceiro, avassalara todo o Império Romano e no princípio do quarto século estendeu-se também pelo Oriente. O sangue dos mártires era, assim, como que a essência generosa e providencial, que conferia à doutrina a consistência vigorosa e tenaz do cacto bravio, a desafiar a aspereza do chão piçarrento.

No dizer de diversos historiadores, Constantino era um homem relativamente iletrado, porém, sagaz, de uma acuidade espiritual inimitada; percebeu ele, desde logo, a inutilidade daqueles processos de perseguição calculada e fria movida contra os nazireus, como eram então chamados. Por outro lado, ante seus olhos processava-se rapidamente o desmoronamento do Império, pela falta de unidade, coesão e moral. A sociedade romana deixava-se empolgar e corromper-se ante as pompas e a ociosidade do viver oriental. De promiscuidade com os elementos bárbaros da invasão, os súditos não obedeciam mais ao governo central. Os desregramentos morais, as incontinências, a lascívia e outros vícios que prognosticam sempre a deterioração social, roíam surdamente o pedestal das instituições romanas, anunciando o fim próximo dessa civilização decrépita e doentia.

Tudo isso passou como um relâmpago pelo cérebro de Constantino. Urgia, pois, uma providência eficaz para evitar a catástrofe iminente.

No seu leito de morte, corroído pelas úlceras, Galério, aquele mesmo potentado que antes arrancara das mãos de Diocleciano o famoso edito de perseguição aos cristãos, entregava aos seus executores outra ordem, mas esta, de complacência à nova doutrina. Remorso ou não, quiçá – quem sabe? – os mesmos fundamentos que despertaram os cuidados e a preocupação de Constâncio, o tetrarca moribundo via no seu último gesto o passo fundamental dado no sentido da solução de um grande e importantíssimo problema. Eis o edito:

“Entre os importantes cuidados que ocuparam o nosso espírito em prol do bem e preservação do império, foi nossa intenção corrigir e restabelecer todas as coisas de acordo com as antigas leis e disciplina pública dos romanos. Fomos particularmente insistentes em chamar ao caminho da razão e da natureza os iludidos cristãos que, tendo renunciado à religião e cerimônias instituídas pelos seus pais e desprezado, presunçosamente, a prática da antiguidade, entenderam de inventar opiniões e leis extravagantes em harmonia com os ditados de sua fantasia, para, dentro delas, constituir com elementos das diferentes províncias do nosso império, uma sociedade heterogênea. Os editos que publicamos para reforçar o culto dos deuses, tendo exposto muitos dos cristãos a perigo e aflição, muitos tendo sofrido a morte, e muitos mais que ainda persistem na sua ímpia loucura tendo-se visto privados de qualquer exercício público da religião, achamo-nos dispostos a estender a esses infelizes homens os efeitos da nossa habitual clemência. Damos-lhe, portanto,

permissão para professar livremente as suas opiniões privadas e reunir-se em seus conventículos sem receio ou molestamento, desde que mantenham sempre o devido respeito pelas leis e o governo constituído. Por um outro rescrito, manifestaremos as nossas intenções aos juizes e magistrados; e esperamos que a nossa indulgência estimule os cristãos a oferecer as suas orações à divindade que adoram, pela nossa segurança e prosperidade, pela sua própria e pela da república.” (H. Universal – H.G. Wells).

Anos depois, subia ao trono Constantino, o Grande. O **ato de clemência** do seu antecessor, mais ainda avivou no espírito do novo imperador a necessidade de uma outra medida acertada para salvação do império e das suas instituições seculares. Romper definitivamente com estas, para salvar a unidade política da pátria, seria um sacrifício caro demais para ser posto em prática. O paganismo tinha de continuar vivendo, ainda que camuflado por qualquer modo e a qualquer preço.

Um clarão nefasto iluminou, então, num átimo de tempo, o cérebro do filho de Constâncio Cloro: simularia uma conversão; desse modo, estaria perfeitamente garantido o plano que concebera para manter a hegemonia do Estado e solapar os alicerces da novel religião, em proveito das instituições romanas. Desse conchavo, resultou o edito de Milão e a convocação, pelo poder temporal, do famoso primeiro Concílio de Nicéia (ano 325). Constantino fez da Igreja uma instituição prepotente, autoritária, absoluta, porém sempre um instrumento dócil aos interesses políticos do Estado, ainda que, para isso, fosse necessário derramar, como derramou, o sangue generoso de tantos mártires.

Assim entronizada pelo braço forte do poder estatal, iniciou a Igreja a sua jornada fatídica, pontilhando as páginas da História de crimes horripilantes e lançando sobre os povos uma imensa cortina de trevas.

O segundo Concílio de Nicéia, fiel às tradições do paganismo, assegurou a adoração das imagens, condenada pela Lei. O **cristianismo** emergido dos decretos forjados nos concílios nada tinha de comum com a pulcra doutrina pregada por Jesus; em nada diferia dos cultos Serapis, Amon ou Bel-Marduk, no dizer de Wells. Fez do papa um deus e da verdade um mistério proibido à argúcia dos fiéis. E é esse, infelizmente, o desfigurado arremedo de cristianismo que ainda hoje vige em grande parte da nossa sociedade, se bem que apresentando já sintomas indisfarçáveis de colapso.

De todas as ofensas, porém, dirigidas contra a pureza dos elevados ensinamentos de Jesus, a mais ignominiosa é aquela que proíbe, que sufoca e procura ainda hoje sufocar o exercício sagrado e fundamental do Espírito Santo, conforme se lê em I Epístola de Paulo ao Coríntios, cap. 14. Esse foi, sem dúvida nenhuma, o maior cisma cometido pelos falsos cristãos, embora conhecessem a terrível advertência: “Portanto vos digo: Todo o pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens, porém, a blasfêmia contra o Espírito Santo não lhes será perdoada. E todo o que disser alguma palavra contra o Filho do homem, perdoar-se-lhe-á; porém, o que a disser contra o Espírito Santo, não se lhe perdoará, nem neste mundo, nem no outro.” (Mateus, XII, 30 a 32).

Perseguidos e espezinhados por todos os lugares pelo feroz Anticristo, esses médiuns foram paulatinamente desaparecendo, enquanto a Besta 666, ao contrário, ia consolidando os seus tentáculos em todos os quadrantes do mundo profano. O materialismo, como consequência dessa apostasia, desenvolveu as suas raízes.

Cumpre-nos, todavia, o dever de saber fazer a distinção devida entre Catolicismo e Cristianismo, hoje tão lamentavelmente confundidos. Assim, enquanto advertia o profeta Jeremias: “Maldito o homem que confia em outro homem”, o papa se fazia **infallível**.

Enquanto recomendava Jesus: “A qualquer que te ferir numa face, dá a outra; quem quiser apossar-se da tua roupa, dá-lhe também a tua capa; ama aos vossos inimigos, etc.” – a bula do papa Nicolau II proclamava: “Anátema eterno e excomunhão ao temerário que não tenha em conta o nosso Decreto e que em sua perseguição tentar submeter ou perturbar a igreja romana. Que nesta e na vida futura prove a cólera de Deus (!) e a ira dos apóstolos, cuja igreja ele tenha tentado derrubar; que sua casa fique deserta, que seus filhos fiquem órfãos e viúva sua mulher; que seja desterrado e seus filhos obrigados a mendigar seu pão e expulsos de sua casa; que toda a terra combata contra eles e que todos

os elementos lhe sejam hostis!”. Que belo exemplo de amor fraternal! Quanta diferença da mansidão e humildade de Jesus!

Também foi dito: “Guardai-vos dos que querem andar com vestidos compridos e gostam de ser saudados nas praças e de ter os primeiros assentos nos banquetes; os quais devoram as casas das viúvas a pretexto de longas orações. Receberão uma condenação severa.” (Sem comentários...).

A chamada conversão de Constantino não era, como se vê, mais do que uma reação para sobrevivência do politeísmo pagão da Grécia e de Roma dos primeiros tempos. Todavia, as profecias de Jesus já previam a futura restauração da verdade, antes do ano 2000; e hoje vemos o Espiritismo sacolejando vigorosamente os alicerces falsos dessa máquina, que não tardará a se dismantelar; e a Igreja de Jesus, iniciada no Pentecoste, a irradiar benditas verdades para a salvação dos povos.

São de Emmanuel as seguintes palavras: “Em vão o mundo esperou as realizações cristãs iniciadas no império de Constantino. Aliada do Estado e vivendo à mesa dos seus interesses econômicos, a igreja não cuidou de outra coisa que não fosse o seu reino perecível. Esquecida de Deus, nunca procurou equiparar a evolução do homem físico à do homem espiritual, prendendo-se a interesses mesquinhos da política do mundo. É por isso que agora pairam-lhe sobre a frente os mais sinistro vaticínios.” (“A Caminho da Luz”).

Os tempos chegaram. A onda de fenômenos psíquicos em crescente intensidade invadiu toda a Terra e já não há mais quem tenha o poder de sustá-la. Nesse crescendo constante e rápido, ao som do tropel fragoroso dos quatro cavalos apocalípticos, enquanto o mundo velho se esboroa irremediavelmente, os raios brilhantes de um novo sol começam a despontar no horizonte da vida. Em meio desse caos, o surdo rumor da velha igreja que se desmorona afugenta, espavoridos, os escravizadores do homem.

Iniciada a restauração da igreja revelacionista, o ciclo agora vive a sua fase sintética e, assim, tudo procura seguir a senda da unificação.

“O Grande Cisma” faz parte de uma série onde os interessados e estudiosos encontrarão os mais elevados ensinamentos e informes sobre o renascimento da igreja cristã.

Heráclito Carneiro

Nunca soube de meus pais, nem de parente algum. E se chamei alguém de pai, de mãe, e pensei nos que podiam ser irmãos, não o fiz por engano, mas enganei-me e por inteiro. Assim é que comecei a minha vida, na última passagem que fiz pela Terra, no último arranco a bem de minhas relativas liberdades. Relativas, é claro, pois a libertação total ainda viceja muito longe de minhas realizações. No quadro de meus eventos, marcas fortes ainda restam, para que o encontro seja feito, entre mim, o Ego relativo, o ser evolutível, e o Ego Total, Deus.

Porque, inventem-se como queiram teorias, ou filosofias, adotem-se as mais variadas interpretações do problema espiritual, a verdade é que somos portadores de virtudes divinas, mas virtudes que devem aflorar em nós mesmos, à custa de vivências práticas, de trabalhos íntimos. Se dissermos que tudo se resume em pureza e sabedoria, ou amar a Deus de todo o coração e de toda a inteligência, estaremos muito certos, desde que se interprete isso como sendo aplicações práticas, e aplicações que resultem no bem-fazer ao próximo.

Nisto faço questão de chamar a atenção de quem eventualmente me possa vir a ler; embora se fale muito sobre o Céu, e graus celestiais sejam cogitados e distribuídos a granel, ninguém jamais gozará qualquer tonalidade celestial, sem que se faça espontaneamente amoroso. Porque, de tal modo, para dizer de um modo entendível, foram expostas as verdades espirituais pelo Ego Total, ou Deus, que sem amor, nenhum valor é de direito e de fato. O Céu interior é vigente quando o amor lhe marca o encontro, a chegada, identificando completamente o Ego relativo.

Também, amigos, podem teimar ferrenhamente os partidários de teorias as mais contrárias, dizendo ser ou não veraz a questão imoralista e suas conseqüências ou decorrências. Podem teimar, é claro, pró ou contra; mas ninguém deve pretender mudar a natureza real dos fatos, pelo simples poder de teimar, porque bem longe do alcance humano, paira o direito de alterar a ordem universal. Digamos, com simplicidade, que a função do Ego relativo não é discutir os problemas fundamentais, e sim aprendê-los, assimilá-los e dar-lhes seguimento íntimo. Sintonizar com o Ego Total é levantar bandeira e bradar vitória; fazer oposição significa truncamento, atrofia, quebrantamento dos direitos de libertação.

Não penseis que pretendo negar o direito de livre discussão. Sei muito bem a origem de tais veleidades volitivas. Quero dizer, apenas, que direito de discussão não significa poder de alteração da ordem fundamental. O Ego relativo, ou espírito dito criado é conseqüente e não necessário. Necessário é Deus, ou Ego Total, e Dele se derivam as leis e os destinos. Harmonizar-se, portanto, eis a tarefa do Ego relativo.

Para compreender o dever de harmonização, quanto se tem que viver?

Depois de haver crescido intimamente, ou ter evoluído, a ponto de compreender a importância da lei de harmonia, quanto resta fazer para realizá-la?

O grau de Céu a gozar corresponde integralmente ao tom de harmonização a que se atingiu. Que se atingiu de modo prático, fica bem entendido, pois as realizações teóricas são apenas teóricas, não conferem estado de vivência clássica. Sonhar é sonhar, e embora se o faça a respeito de questões sadias, nunca será mais de que sonhar. E podemos afirmar, com sobras de razão, o quanto apenas sonham miríades de criaturas, na Terra e nestes espaços tão saturados de complexidades ambientais. Porque vivem na esperança dos milagres e dos mistérios, dos cabalismos e dos poderes simbólicos. Confiam na força da fé contemplativa, esquecidos de que o seu poder é teórico, é apenas ideal, restando ao poder realizador a concretização de fato, a cimentação final, a ereção do edifício!

Nos baixios astrais deambulam legiões de criaturas crentes. Nos planos inferiores do Céu, ou nas esferas menos esplendorosas gravitam legiões de grandes esperançosos, de quiméricos pensadores do Nirvana. Isto porque, amigos, se de algum modo procuraram saber daquelas realidades, nem sempre se desincumbiram bem da função prática, achando que saber delas era o suficiente. A fé vale como instrumento primário, assim como a importância da teoria é apenas projetista. Sem a complementação prática, tudo fenece no momento mais asado, na grande hora em que a encruzilhada se faz presente, indicando que é chegado o momento de tomar posse do que se fez por ter até então.

Uma é a lei, para todos. Essa lei quer dizer tudo, os valores internos, inatos, e as instruções que nunca faltam, quando a criatura se faz acessível. Porque, em verdade, o Ego Total tudo tem disposto, a fim de que, na hora certa, surja a instrução necessária. Com a subida do homem na escala dos poderes intelectuais, não se processou a vinda dos Grandes Mestres? Entretanto, ninguém é obrigado a aceitar o Mestre; porque, para tanto, conta com o direito de livre discussão. Este direito faz do homem um semideus, responsabilizando-o, tornando-o proprietário de suas sementeiras e colheitas. Como homem, ou como igual a todos, posso afirmar o quanto temos usado e abusado deste direito natural. Pensamos como queremos, no quadro de nossas possibilidades, dizendo sim ou não ao Mestre; depois, na hora da verificação, temos o resultado exato, custando-nos dores ou regalias, constrangimentos ou frenesis deslumbrantes.

Na Terra, entre os povos chamados civilizados, ninguém pode acusar o Ego Total, alegando a falta de instrutores. O mais velho livro do mundo é de instrução moral, é religioso, é de religião consciente, isto é, de iniciação sintônica entre o Ego relativo e o Ego Total, ou, para ficar com o Cristo, de ligação entre o Filho e o Pai. Se, portanto, são brutos os homens, não cabe disso culpa alguma ao Emanador, cuja Suprema Inteligência supre os mundos com as organizações diretoras. Não há meta-galáxia, galáxia, sistema planetário ou mundo algum, que não esteja provido de sua organização diretora. Um Cristo e Seus imediatos cumprem as ordens superiores e ministram ensinamentos pelos canais competentes. É hora, aqui, de lembrar a importância da Revelação? Por acaso não sabem os homens da existência dos Livros Sagrados? E já houve grande povo sem grandes reveladores?

Enquanto isso, ainda se faz lodo com sangue humano!

Enquanto isso, os que falam em Deus obram como selvagens!

Enquanto isso, as religiões dividem os irmãos entre si!

Enquanto isso, se faz da religião simples meio de vida!

Também, para contribuir com o meu quinhão de inferioridade, que enquanto isso, ao lado das grandes instruções, dos fachos sagrados, arrasto a minha condição de pecador, de espírito endividado. Venho dos fundões embrionários, da inconsciência, estando ainda no período das primeiras investidas celestiais. O que tenho, por ora, são teorias. Muito pouco é prático, quase nada se traduz pelo valor de um estado feliz de estar. Vivo cá por baixo, focalizando o Céu através de ensinamentos sublimes, de lições imortais. Nos abismos de mim mesmo, à custa dos Grandes Mestres, percebo aquele Céu que um dia, mais cedo ou mais tarde, com certeza gozarei, na plenitude de minhas faculdades.

Caminhar é o lema dos espíritos, queiram ou não, aceitem ou deixem de aceitar. Eu caminho, pelos sendeiros da vida, embutido na imensa caravana de irmãos, cujos pensares e sentires divergem ao infinito, mas cujo fim é um só. Sou parte da falange que marcha, visando o mesmo ponto, mas tecendo a seu respeito os mais contraditórios comentários. Eu também vejo a Verdade pelo prisma que posso. E se colho aqui e ali maus bocados, devo isso à própria vida e a mim mesmo, pois nada mais faço do que colher o que semeiei.

Mas vamos ao meu relato, motivo de minha presença aqui, convidado que fui por amigo bastante responsável.

Como dizia, não conheci pais nem irmãos, e quando quis chamar alguém, seja lá pelo que for, saí-me bastante mal. Reconheci que os insultava, pois fizeram caretas e disseram palavras muito acres. Eram pobres, quase pedintes, mas tinham lá os seus braços de dignidade, disse que então eu desconhecia, mas que me fez amargar a alma pela primeira vez, na última jornada terráquea.

Nesse dia escondi-me e só voltei à boca da noite. Ao entrar em casa levei um puxão de orelha e fui convidado a ir dormir sem jantar. Era o castigo, por ter-me ofendido. Não tinha direito a saber de meus pais, nem de ofensa por ser repellido por aqueles que julgava que o fossem.

No dia seguinte, bem cedo, mandaram-me capinar.

– Moleque dos infernos, você vai comer, de hoje em diante, à sua custa. Com sete anos eu já era suficiente para limpar este quintal. Você já está nos oito, pode muito bem fazer a mesma coisa... Principalmente por isto – eu era filho da casa, enquanto que você é um...

Aquele homenzarrão podia muito bem ofender-me, pois seu, era aquele tamanho todo, aquele sítio estéril, e por cima a sua imensa fé, a seu modo. Porque ele era muito freqüentador de sua Igreja, estava armado de regalias e direitos que eu ignorava, e que agora faço todo o empenho em ignorar.

Levaram-me a comida numa lata vazia de banha, lá pelas onze horas. Uma menina fora a entregadora; filha dele, do pretão, e a quem sempre eu estimara por julgá-la minha irmã até o dia em que me disseram a verdade.

– Papai mandou dizer – avisou-me ela – que é comer ligeiro e trabalhar, ouviu? Ele vai para a Vila, mas eu vou ficar de olho. Se não trabalhar não come, porque ninguém aqui tem obrigação de sustentar um perdido, um vagabundo, um negro sem-vergonha.

– Vocês não são negros, também? – respondi-lhe.

– Mas o sítio é nosso. E você é filho da Mariquita, que fugiu com o Dito e acabou se matando. Sua mãe se matou e seu pai sumiu. Quem tem obrigação de sustentar um perdido? Trabalhe se quiser comer, ouviu?

Eu era um pretinho, com oito anos de idade, e tinha certeza de não haver criado a Terra nem coisa alguma. Falavam de Deus, aqui e ali, mas cada qual parecia ter um Deus todo especial, ou como se fosse artigo de feira-livre, cujo preço pode variar à vontade, e cuja aplicação era indefinível. Como dona Maria, a quem eu pensara ser minha mãe, praguejava por nada e por tudo, entredentes comecei a praguejar, desejando a eles todos os males possíveis.

Quando terminei de engolir aquele angu mal temperado, misturado a uns grãos de feijão preto, e nadando num caldo muito ralo, coloquei a lata vazia debaixo de uma figueira do mato, indo ao cabo da enxada. Um menino que passou pela rua, colega de brinquedos, chamou-me.

– Barnabé! Barnabé! Vai liquidar com o trabalho de uma vez?

Parei para falar-lhe, coisa de segundos, quando ouvi um berro. Era o meu até bem pouco suposto pai, que indo a caminho da Vila, viu-me encostado ao cabo da enxada. Recomecei o trabalho, o que fez o menino dizer-me, num tom de intriga.

– A coisa virou, seu Barnabé?... A enxada é maior do que você, hein?

Envergonhado, nada lhe respondi, continuando o trabalho. O menino, julgando a seu modo, disse muitas coisas mais, fustigando-me a paciência. Uma vez enraivecido, atirei a enxada para um lado, apanhei algumas pedras e atirei-lhas. Uma delas o apanhou em cheio, fez-lhe um furo na cabeça o que fez berrar como se estivesse morrendo. Foi um escândalo para o lugarejo e uma grande surra para mim. Nem o resultado podia ser outro. Surra e dormir sem jantar. Sem angu, ao menos isso, de mistura com caldo bem ralo de feijão preto.

O dia seguinte se fez presente e Barnabé lá se viu de armas em punho. À tarde fui convidado a ir visitar o meu adversário, que estava deitado numa esteira, e com ares de majestade ofendida. Ele e sua família eram brancos, mas também muito pobres, e segundo diziam, doentes de uma triste doença. É que a anemia pulmonar os ia eliminando, nada mais, assim como outros males eliminam outros seres, pois a vida na Terra não pode ser eterna.

Obrigaram-me a pedir desculpas, e fi-lo sem restrição, pois de fato estava arrependido. Não me lembro de o fazerem pedir desculpas, por sua vez, pelo fato de me haver procurado irritar. A meu ver, quem provoca é pior do que aquele que reage. Em todo caso, eram da mesma Igreja, e aquilo soava como formalidade ou qualquer modalidade de concerto piegas e superficial. Estou certo de que a bondade humana com ou sem beneplácito das veleidades sectárias, é sempre condicional. Pela mesma razão que um diz sim, outro diz não, mais além outro nada diz. Por falta de maturidade psíquica o Ego relativo entende como pode e não como é devido. E a Verdade fica sendo qualquer coisa, menos aquilo que deve ser.

Eles, portanto, concertaram-se através de minhas desculpas.

Quando saímos daquela casa, eles eram anjos e eu fazia, bem ou mal, a vez de filhote de Lúcifer. Mandaram-me andar na frente, feito cão surrado, cuja andadura devia ser fiscalizada. Ao chegar no domicílio, mandaram-me ao eito, com a devida advertência; isto é, ao escurecer podia vir para casa e jantar.

Fui capinar e tive um grande aviso. Este veio pela conversa de um outro menino, o Rafael, mulatinho claro, muito espigado, cujos pais diziam ser especialistas no trato com o diabo. Eram tidos como feiticeiros, e agora posso dizer que o eram, pois ainda gemem numa esfera inferior. Rafael deu-me o seu conselho, todo ele fundamentado numa lei ordinária. Interpreto assim o que disse:

– O Pedro Álvares Cabral ainda não havia descoberto o Brasil e a humanidade vivia. Por que, afinal de contas, você precisa ser escravo? Fuja, seu bobo! Um cabo de enxada pode-se achar em qualquer lugar, sem xingamentos ou coisa que o valha. Você não percebeu ainda que só cachorro é que tem patrão? Deus é Senhor de tudo e nós somos apenas irmãos uns dos outros...

Lá veio um berro:

– Acabe com isso, seu moleque! Vamos, trabalhe!

O mulatinho espigado foi saindo, recomendando:

– Não se esqueça, ouviu?

Daquela hora em diante, fugir era a solução do problema. Minha alma devaneava por terras de leite e mel, de liberdades e regalias, de uma felicidade que a Terra jamais poderá oferecer. Eu delirava, essa era a verdade, em torno do problema sumir, desaparecer, mundear.

Alguns dias depois, uma senhora apresentou-se, sabendo não sei o que, nem por informe de quem, no meu domicílio. Pedia-me, como disse, para criar-me como filho, mandar-me à escola, fazer-me homem. Como fosse noite, e me ordenassem ir deitar, estava acordado e ouvi toda a conversa, ficando em parte encantado e em parte acabrunhado. Aquela mulher, dizendo tudo aquilo, fazia supor qualquer coisa instigada por mim.

Lembro-me ter dito ela, finalmente:

– De qualquer forma, seu Bento, se ele tiver que ficar nisso, eu o aceito como filho. Um inocente não pode ser tratado assim. Que culpa tem ele de a sua prima cometer uma asneira? Ele pediu para nascer? Ou, porventura, teria prazer em nascer para isso? E quem é o senhor para julgar, tão radicalmente, a um pobre menino?

Ante um silêncio profundo, completou o seu vibrante interrogatório:

– Sabe certo sobre os desígnios de Deus? Já mediu a extensão de sua desumanidade?

A voz meio rouca, de minha, até então, suposta mãe, surgiu:

– Nós somos crentes em Deus, dona Tita.

Imediatamente veio a lúcida resposta, consubstanciada noutra pergunta:

– E Deus é crente em vocês?

– Temos fé – alegou meu, até então, suposto pai.

– Ter fé é apanágio de santos e de criminosos. Muita gente só acredita em Deus o suficiente para se julgar mais e melhor do que os outros. Entretanto, a verdadeira religião é o cumprimento dos deveres. Deus quer inteligência e amor e não laudatórias saturadas de bajulações, carregadas de lambetismos hipócritas. Eu sei que vocês se julgam...

A voz rouca abafou aquelas causticantes palavras finais, não me deixando ouvir-lhes o remate:

– Dona Tita, pare. Nós vamos pensar... A senhora parece que está rogando pragas!... Deixe-nos, faça o favor!

Ouvi um sussurro e nada mais. Creio que lhe abriram a porta. Ao longe, no entanto, ouvi que dona Tita bradou:

– Pensem bem, ouviram? Porque do contrário vou à Polícia!

A noite prosseguiu e Morfeu nos cobriu com o seu manto de esquecimento e paz.

No dia seguinte fui duramente interrogado; isto é, interrogado sob o terror de uma vara de marmelo, cujos vergões ficaram por semanas. O resultado foi ter eu sumido de casa, indo bater na casa de Dona Tita.

– Não – disse-me ela – aqui não. Vá ao Delegado, na Vila, e conte-lhe tudo, que logo mais por lá estarei. Quero ampará-lo, mas dentro da lei. Se ficar aqui, como menino fujão, poderão ter fortes alegações a favor.

Eu estava apavorado. Tristeza cruel varria-me a alma e bamboleava-me as pernas raquíticas. E foi gemendo que dali parti, indo ao encontro do Delegado. Cada passante era um possível inimigo, e do meio do mato parecia-me surgir alguém. Os poucos quilômetros foram vencidos penosamente, mas cheguei ao Delegado, feito em pranto, mergulhado numa crise de choro.

Deram-me café, disseram-me palavras carinhosas, depois examinaram-me. Eu estava todo marcado por varadas.

– Quanta maldade! – bramiu um dos soldados.

– A vida também oferece dessas coisas – filosofou um outro.

– Haverá mesmo um Deus? – perguntou um caboclo, abanando a cabeça.

O Delegado aparteou-o:

– Não é por falta de Deus que estas coisas se dão, é pelo mau uso das liberdades conferidas por Deus.

Um dos soldados comentou:

– Sendo assim, tanto maior é o crime. Ninguém tem direito a usar mal as graças do Emanador.

O Delegado disse a um dos soldados:

– Vá buscar aquela gente. Traga marido e mulher.

Apontou para o caboclo incrédulo e disse-lhe:

– Leve o menino para minha casa.

Lá fiquei uma semana, nada mais tendo ouvido nem sabido. Sei que dona Tita veio buscar-me e com ela e os seus, vivi até aos dezoito anos. Durante esse tempo, como não podia deixar de ser, pois era gente pobre mas bastante criteriosa, aprendi a ler e a escrever, fazer umas contas, e algumas coisas mais. Eles eram esoteristas, liam o quanto podiam, procuravam conhecer o suficiente do imenso Universo, do qual se sabiam partes integrantes. Conscientes dessa verdade simples, e por isso fundamental, não eram supersticiosos, tal como acontece com os crentes dogmáticos, que tudo esperam de pseudo mistérios e milagres, numa patente e formidável negação dos poderes intrínsecos, das virtudes básicas, do celestial fermento sagrado de que toda centelha é por natureza herdeira. Não esperavam dos possíveis milagres aquelas realizações que competem ao desenvolvimento íntimo; pediam menos ao Céu e procuravam dar mais de si próprios. Antes de procurar outros templos, fictícios, inidôneos e fanfarrões, tudo aguardavam de si, do sagrado repositório interno. Viviam a regra do Cristo – **o culto do Céu interior!**

Realmente, foram também mestres, porque souberam ser lídimos alunos da Verdade. Pieguismos exteriores, atitudes contemplativas, disposições de falsa humildade ou de nauseantes palavrórios, nunca neles encontrei; eram conscientes do ligamento natural e a religião era feita em base de racionalidade respeitável. Deus era o Princípio Sagrado e eles sabiam-se emanações cheias de poderes em latência, de virtudes em potencial, que deviam despertar à custa de aprender, amar e servir. Um gesto simiesco, uma farândola dogmática, uma arenga saturada de místico bajulismo, para eles isso nada resolvia. Eram um pouco mais do que simples esoteristas – eram verdadeiristas: Eles sabiam que o Céu, através dos espíritos, havia cooperado na obra do Cristo, porque o Cristo se votara à Sua obra integralmente, oferecendo a própria vida. Sabiam que a Revelação funcionara como parte integrante colaboradora, nunca, porém, a título de supressora de obrigações intransferíveis.

Ao observar o que hoje se passa, no âmbito vasto da cultura espírita, onde milhões de criaturas alimentam a teoria dos favores espirituais, das oferendas graciosas, dos piparotes fenomenais, minha alma se enche de tristeza. O Espiritismo é a súpula de todos os cultos, seu bojo tem limites

incalculáveis; é por demais completo para ser reduzido a um simples capítulo da história religiosa do homem, do roncoirismo que a humanidade tem cultivado com tanto carinho, e que os seus donos ou exploradores com tanto zelo têm mantido e usurpado.

Aquela gente, que me acudira, para mim, foi bastante espírita. Tinha por divisa que a grande prece era pensar, sentir e agir bem; sabia que a Deus, no templo interior, só se poderia ir pelas sendas do amor ao próximo e das conquistas em saberes superiores. Não vivia com peditórios cansativos nos lábios; procurava resolver suas questões com inteligência, e fazia por ser útil aos semelhantes, sempre que se apresentava a oportunidade.

É, pois, com saudoso carinho que deles me lembro. E representa para mim sacratíssima obrigação ir visitá-los, no domicílio carnal onde hoje se encontram, de novo reunidos em família, e a serviço do Consolador, do Batismo de Espírito, da mais grata oferta que jamais um Missionário pudera ofertar à Humanidade, por Delegação Suprema. Sei que a Moisés foi também concedido o mesmo apoteótico acontecimento; o Livro de Números, capítulo onze, testemunha plenamente esta assertiva; mas, tal como o Cristo, teve sua doutrina corrompida pelo clero levita. Isto é, assim como o Vaticano surgiu, três e meio séculos depois do Cristo, para liquidar com o Batismo de Espírito, e implantar um sistema de culto pagão, em nome do Cristo, assim teve Moisés a sua doutrina truncada pelo clero levita. Neste particular, o Cristo apenas restaurou a doutrina de Moisés, assim como fora dado a Kardec, ao espírito, conduzir os acontecimentos que culminaram na grande eclosão mediúnica do século dezenove, eclosão que não cessa de avançar em aumentos informativos de elevado nível espiritual. Cumpre assinalar a promessa do Cristo, pois disse Ele muito bem, sobre quem viria restabelecer todas as coisas. Tudo faz crer, e nós podemos falar com inteireza de autoridade, a respeito do encadeamento de tais acontecimentos. Afinal, quem poderia negar, sem cometer leviandade, a **ingerência do Plano Diretor** em todos os eventos do planeta?

Sabemos terem sido todos os lanços informativos, ou todas as Revelações, esforços do Céu, do Plano Diretor, no sentido de alertar o homem sobre os seus potenciais internos. Os Vedas, os Budas, Rama, Krisna, Hermes, Orfeu, Apolônio; os Patriarcas hebreus, Moisés, os Profetas, o Cristo, etc.; tudo isso, resumido a um só trabalho informativo, significa cientificar o cidadão terrícola a respeito de suas virtudes latentes. Nenhum ofereceu mistérios nem milagres salvadores, estes são de invenção posterior, foram fabricados pelos cleros, pelas companhias de exploração. E o Cristo, a súpula revelacionista, batizando em Espírito, colocou ao alcance do cidadão terrícola a chave de todas as questões, a fonte límpida e contínua.

– Eu, que comecei a minha educação espiritual em bases esoteristas, culminei na ciência do intercâmbio entre os chamados vivos e os ditos mortos. Foi o meu casamento, aos dezoito anos, que me conferiu ingresso nessas benditas práticas. Compreendi, então, pelo que me foi dado ler e praticar, que o Espiritismo comporta tudo quanto os antigos conhecimentos armazenam, e mais aquilo que só mesmo a Revelação ostensiva pode oferecer. Hoje, com o que há sido transmitido aos estudiosos, não existem problemas fundamentais, daí ou daqui, cujos trâmites não estejam catalogados em tratados, cujas leis não sejam conhecidas. A monumental bibliografia doutrinária de tudo trata, de tudo conta verdades sublimes. O século vinte transmitiu aos desejosos de muitas verdades, de saberes transcendentais, bastantes informes sobre as nossas condições de vida. O Céu em linhas gerais, empírico e hiperbólico, foi revelado como é, pelas mensagens mediúnicas. O diagrama astral, revelado ao homem através de obras elucidativas, completa uma parte dos ensinamentos que até então fora poupada. Qualquer leitor ordinário, sem mais recursos que um semi-analfabeto, sem mais recomendações mediúnicas do que um simples assistente de sessões práticas, lendo tais obras, sobre a vida nos planos astrais, faz-se consciente de verdades até bem pouco mantidas em grande segredo. O porquê desse ocultismo sabemos-lo muito bem. Mais do que as verdades reveladas pelos insígnies mestres, muito mais, teve repercussão fantástica a versão corrompida, falsa e comercializada que os cleros infundiram.

O Cristo, o batizador em Espírito, passou a vida mantendo colóquio com os espíritos; a guerra entre a Verdade e a Mentira, mantida pelo Divino Mestre, foi levada a cabo no âmbito da mais estreita colaboração com o plano astral. Expelia a uns, convocava a outros, de tudo extraindo imortais

ensinamentos, a tudo tributando as devidas atenções. Pois não é exato que Roma tudo fez para liquidar com o Batismo de Espírito? Quem vê, nas funções idólatras do Vaticano, um resquício que seja daquela maneira de culto apostolar tão bem exposta por Paulo na primeira carta aos Coríntios, capítulo quatorze? Quem poderia fazer confusão entre o culto dos Apóstolos e a miscelânea com que Roma investiu contra a Humanidade, tudo pervertendo, tudo transformando em mercantilismo e instrumento de politicalha e ignorantismo?

Fácil de compreensão é, portanto, **a função que cumpre ao Espiritismo**. E se os homens é que o devem difundir, então diremos o quanto pesa sobre os mesmos a responsabilidade de seu culto. Não comporta dogmas, porque pretender limitá-lo seria obra de mentecapto. Sobre a Revelação lançou o Cristo o edifício de Sua Doutrina; quem seria capaz de predizer-lhe os tentos finais? A mediocridade humana intervirá, sem dúvida, poluindo a linfa cristalina; mas o seu poder corrente em tempo devolverá a limpidez, fará o serviço de restauração.

Minha vida de rapaz casado começou com um grande acontecimento – minha esposa começou a sofrer, dentro de alguns dias, de ausências mentais ou perda momentânea dos sentidos. Sentia qualquer coisa, mas não conseguia falar. Ficava estática, pasma, inconsciente, abstraída. Tudo nela era mudez, tristeza, esquecimento e, por vezes, alguns choros. Depois, passados alguns minutos, voltava ao natural, cheia de vida, tal como era antes, nada percebendo da ocorrência. Eu me perguntava, então:

– Que será isto? Ela nada sabe do que lhe ocorre. Como se passará o fenômeno? Não serão coisas do mundo espiritual?

Procurei meu mais velho conselheiro, o senhor Abrantes, recebendo dele a seguinte opinião:

– Pretendo ser um bom filho de Deus. Logo, não me é lícito pretender restringir a Sabedoria do chamado Criador. Portanto, como a um filho digo – procure no Bem e na Ciência a solução para o seu caso. Se lhe puder ser útil, conte comigo.

Fez um gesto de compassiva oferta, concluindo:

– Eu, cá para meu uso, conheço umas tantas coisas. Sou meio espiritista...

– Meio? – perguntei, respeitoso.

Olhou-me com humildade, elucidando:

– E quem é mais do que meio?

Compreendi as entrelinhas, aceitando. Ele, todo bondade, ofereceu o de que podia dispor:

– Minha casa está às suas ordens. Compareça, e mais sua esposa, que muito prazer teremos em ser úteis.

– Realmente, senhor Abrantes, para cultivar essa ordem de Verdade é preciso fazê-lo com Amor e Sabedoria; e sem um conselheiro esclarecido, como poderia eu acertar? Sabe que sou ocultista, bom leitor e amigo de meditações. Mas praticamente nada sei, tudo são teorias, princípios filosóficos, cogitações.

Disse-me ele:

– **Espiritismo é resumo**, é síntese, e é análise e avançamento. Tem tudo o que já foi conhecido e **avança para rumos incalculáveis**, pois é a Revelação em marcha contínua. Queira estudar, Barnabé, e terá muito onde avançar. Não consente em que se tornem fanáticos e exclusivistas seus cultores; não endossa dogmatismo de ordem qualquer, não é supersticioso; não teme pretensos inimigos de Deus; não levanta questões que o bom senso humano diante delas se desespera. Espiritismo é o culto puro e simples daquela Verdade que não inventa diabos e não assusta a Deus com a sua capacidade em liberdades investigadoras. O Deus tacanho das religiões dogmáticas não lhe toma o tempo. O miraculismo e os seus mistérios valem por sandices que fazem rir. Resumindo, Barnabé, ser espírita é ser bom na medida do possível, sendo também livre para pensar e agir, em busca de toda e qualquer verdade.

Fez uma pausa breve, para logo mais sentenciar:

– Boa Religião é aquela que transforma o homem de ruim para bom. Boa Ciência é aquela que não loriga fronteiras, pressupondo indispor-se com Deus. E boa Filosofia é aquela que não admite fenômenos contrários a Deus. Porque, afinal, tudo se processa em Deus, que de tudo é ORIGEM, para tudo é LEI, e a tudo determina FINALIDADE. Os contrários, fica bem entendido, valem como fenômenos relativos, transitivos, mutáveis. São fases inversas momentâneas, pois os seus agentes íntimos se acham ligados à ORIGEM, estão submissos à LEI, e é forçoso que marchem no rumo da FINALIDADE.

– Compreendo, senhor Abrantes. Tenho lido e relido o Evangelho da Índia, o Bagavad Gita, cujo espírito monista é total. Uma ORIGEM, que é Deus, e tudo no âmbito dessa ORIGEM se processando. Nada há fora de Deus, e tudo quanto se passa é devido a leis que permitem e determinam. O livre arbítrio humano, que forja libelos, em contrário, que conceitua à revelia da LEI, já é por si só um poder legado, já representa uma virtude fundamental. Tudo é questão, portanto, de se acertar, de se harmonizar com a ORIGEM, através da LEI, para se alcançar a FINALIDADE.

Fez um gesto de assentimento, comentando:

– As Revelações Fundamentais sempre foram monistas. O mal é que sempre se levantaram cleros, organizações exploradoras da fé, pondo tudo de pernas para o ar; de tudo fazendo comércio, politicalha, chicanismo. É isso mesmo, Barnabé; todos os Grandes Mestres ensinaram que só há um PRINCÍPIO SAGRADO, que o homem é uma partícula individualizada, portadora de virtudes em potencial, senhor de relativa liberdade e obrigado a evoluir. Evolução, em resumo, se constitui em alcançar ao máximo de Pureza e Sabedoria. A Pureza representa paz e a Sabedoria significa autoridade.

Tomou um ar de gravidade, franziu o cenho e repetiu:

– É questão fechada, Barnabé – sem Pureza não há paz e sem Sabedoria não poderá haver autoridade. O homem nasceu, digamos assim, para lançar-se no rumo desses poderes gloriosos. Quem nada souber, se disso der conta, muito já sabe. Quem mais puro se faz e de melhores conhecimentos se armazena, do PRINCÍPIO SAGRADO mais se aproxima. Como é na intimidade da criatura que a união se passa, tanto mais se compreende a necessidade de esforço sintônico. Jesus, sentenciando que o Reino do Céu está dentro de cada um, disse o melhor que poderia ter dito. Resta, agora, que cada um faça a sua parte de reintegração, de religião ou religação. O estado crístico é o estado de religação consumada.

– Senhor Abrantes, o ocultismo ensina precisamente assim – **Cristo é grau hierárquico**, é estado sintônico, é religação consciente com o SAGRADO PRINCÍPIO.

– Eu sei, meu rapaz. Você irá ver a minha biblioteca. Conheço um pouco de tudo quanto há sido feito pelo homem, no campo da espiritualidade, desde que o mundo existe. Conseqüentemente, conheço muitos princípios filosóficos. E afirmo, em nome daquilo que conheço, o quanto prevalecem no mundo filosofias que não são realmente filosofias. Porque finalmente, filosofia que nega a Deus não é filosofia. Ser amigo da Ciência, para negar o PRINCÍPIO TOTAL, a CAUSA PRIMÁRIA, seja como FORÇA, seja como ENERGIA, seja como queiram conceituar, isso é absurdo.

– Bem, senhor Abrantes, não dizem que as filosofias passam e a Verdade permanece?

Olhou-me com algum assombro, revidando:

– Não! Isso não deve ser assim. A verdadeira filosofia é a Ciência dos Princípios. Logo, só pode ser filosofia aquele Princípio que esteja, de bem fundamentado a perfeitamente fundamentado. Negação do PRINCÍPIO TOTAL, ou Deus, nunca poderá ser filosofia. É mixórdia, pura mixórdia, e cessa com a evolução do espírito.

Uma sua filha veio chamá-lo, pondo fim a tão agradável prosa.

Como ficara combinado, fomos visitar uma noite o senhor Abrantes e família. A sua amizade vinha de bem longos anos, mas apenas por companheirismo de serviço. O meu orgulho de ocultista, afirmo agora que era de fato orgulho, apenas me permitia aproximar dele para tratar de assuntos outros, pois ele era homem velho, bem recomendado como grande experiente da vida. De sua parte, tratava do que lhe perguntavam, exclusivamente. Naquele tempo ninguém se recomendava ao se afirmar espírita. Entretanto, ele o fazia, sempre que calhava de oportuno. Coisa que nunca soube, fora ter ele convidado alguém para seus ágapes doutrinários. Se lhe pedissem alguma coisa, estava pronto a servir; mas não convidava para assistir sessões – mandava procurar um bom lugar.

Quando chegamos ao seu domicílio, disse logo:

– Convidei-os para visitar-me, e para assistir ao nosso trabalho espírita. Entretanto, se não gostarem de Espiritismo, devem falar com franqueza. Não queremos constrangimento de ordem qualquer, principalmente para os serviços práticos. O bom ambiente faz o bom resultado... Deve saber que o próprio Jesus, com todo aquele poder delegado, pedia fé, o máximo de fé. E o Evangelho relata, que nada fazia em Sua terra natal, onde O conheciam, onde não Lhe davam crédito. Vejam, pois, que se faz preciso bastante sintonia vibratória ou ético-mental.

Sorriu entredentes e disse, pilheriando:

– Quem não atrapalha já faz bastante, não acha?

– Vê-se que é investigador sincero – respondi-lhe.

Tornou a sorrir, retrucando:

– Nós temos consciência da realidade espírita. Portanto, trabalhamos, sem a menor prevenção. Aprendemos, com Jesus, que **depois de saber é preciso fazer**. Ele não mandou discutir, cogitar e apalpar a vida toda, mandou procurar a Verdade e trabalhar no seu redil. Se vier alguma coisa digna de observação, então disse se tratará, mas no conjunto da ação em geral.

Deu-me uma palmadinha amigável nas costas, dizendo:

– Você verá como aqui tudo é simples e apenas humano...

Devo ter apresentado um semblante estranho, pois ele emendou:

– Não é no íntimo do ser que está o Reino do Céu? Pois nós, sabendo isso, devemos ir a Deus através de nós mesmos. O mal dos cleros, Barnabé, é que inventam formalismos a mais não acabar. Tudo exteriorismo, tudo idolatria, tudo meio de vida, tudo para alcançar melhores postos na escala hierárquica material ou estatucional. No seio dos cleros, rapaz, trava-se uma luta contínua, desconhecida aqui fora, a bem de interesses apenas materiais. Seus elementos vivem do que dizem ser religião; entretanto, tudo é apenas pretexto, pois no fundo imperam a vaidade, o bolso, o estômago, o sexo, o egoísmo, etc.

Encarou-me com rigoroso olhar, sentenciando:

– Se, portanto, pretendemos ser de fato cristãos, tratemos de fazer melhores coisas. Pelo menos, não nos convertamos em exploradores da fé! Vivamos do nosso trabalho. Não sejamos peso nas costas de nosso próximo.

– Estou de acordo consigo, senhor Abrantes. Plenamente de acordo.

– Então, tomemos um pouco de café, para logo mais darmos início à sessão.

E assim se fez. Etna, minha esposa, veio do interior da casa, para onde a conduzira a senhora Adelina.

Éramos ao todo oito pessoas, e todos nos sentamos à mesa. Eu, e creio que também minha esposa, estávamos em grande expectativa. Apesar das muitas leituras ocultistas, ou das muitas presunções de conhecimento, o contato com o plano astral faz estremecer a arquitetura emocional. Certezas e incertezas chocam-se; a incógnita assombra; a esperança fervilha; a vaidade sectária se apresenta e serve de temível obstáculo. Tudo é início, tudo é prático, tudo deixa de ser teorias e mais teorias, sem prova alguma, sem constatação qualquer.

Quando o senhor Abrantes fez a prece inicial, minha pulsação estava bem alta; mal ouvi que dizia:

– Senhor! Não estamos aqui, apenas em Teu Nome. Estamos em Tuas graças. Temos certeza de Tuas graças, Senhor e de nelas podermos agir, procurando ser úteis. Sabemos também, que Tuas graças são leis; dá-nos, pois, Senhor, o senso de verdade que nos tornará dignos de Tuas Soberanas Ordens.

Orou-se em silêncio, depois do que o senhor Abrantes leu e comentou um trecho da Escritura. O trecho lido foi o seguinte:

“E aconteceu depois que Jesus caminhava por cidades e aldeias pregando, e anunciando o Reino de Deus, e os doze com ele, e também algumas mulheres que ele tinha livrado de espíritos malignos...” – Lucas, 8, 1 e 2.

Repisou ele a expressão *espíritos malignos*, acentuando a função de Jesus, não apenas como um simples pregador de credo deísta, mas como profundo conhecedor de verdades fundamentais. Fez um apanhado geral sobre a Revelação, a ciência do intercâmbio, como chamou, para terminar com a leitura de outro texto, depois do que comentou com grande vivacidade o seguinte trecho:

“Quando eu era menino, falava como menino, julgava como menino, discorria como menino; mas depois que eu cheguei a ser homem feito, dei de mão às coisas que eram de menino” – I Ep. Coríntios, 13, 11.

Realmente, quem não faz por avançar em conhecimentos comete ato de infantilidade. As verdades de Deus são por leis e não por estatutos ou dogmas de homens. Como é, então, que os homens inventam regrinhas e as passam avante como sendo tudo quanto Deus é, quer e sabe? Fatalmente, como muito bem asseverou aquele saudoso amigo, e hoje grande mentor astral, para Deus ser aquilo que muitos crentes pensam, ou é estulto Deus ou são por demais estúpidos certos homens. Hoje, falando de onde falo, e nas condições em que o faço, sei muito bem onde estão os erros. Há muita gente, na Terra e aqui pelas esferas inferiores, que nunca passou de menino... Ainda vive, essa gente, cheia de idolatrias, de superstições, de diabismos, de mil e uma patacoadas. Começando com o senhor Abrantes, comecei muito bem. Sua fé era uma rocha, seus conhecimentos eram vastos, seus procedimentos eram transparentes, lúcidos, admiráveis.

Ao ser iniciada a sessão prática, recomendou ele toda passividade possível. Eu, no entanto, estava em grande agitação mental. As certezas teóricas, bebidas sem constatação qualquer nas obras esotéricas, pairavam sem valência alguma ante o espetáculo das provas em expectativa.

A senhora Adelina teve um estremecimento, depois do que nos falou uma entidade, um guia, desejando-nos bênçãos superiores. Revelou-se pequenino, humilde servo da Lei. Falou a todos, nada disse a respeito dos males de minha esposa, razão por que o julguei um pobre medíocre. No momento pensei em fracasso, em nulidade. Todavia, foi-se ele, tendo acesso um outro, de fala vigorosa, que a todos saudou e particularmente a mim se dirigiu, dizendo-me:

– Tenha fé, irmãozinho, e tudo terminará muito bem. Há muito trabalho pela frente, e trabalho que rende; trabalho que se diria ser o Reino do Céu a emergir paulatinamente, fixar-se em vocês outros, manter-se e constituir um dia o prêmio de toda uma vida. Lembrem-se, porém, que **sem dedicação** ninguém trabalha e vence. A ética é marcar um ponto de referência e marchar no rumo final. Aparecerão percalços e dores, mas a certeza de um final glorioso amenizará as tormentas e reforçará seus ânimos.

Ele fez uma breve pausa, que aproveitei para indagar:

– Que devemos fazer, irmão?

Respondeu:

– Estender a mão aos que sofrem. Agora, para iniciar, perdoar e servir. Quem aí se acha e quer falar é o senhor Bento, alguém que lhe fez algum mal, bem pouco, dadas as circunstâncias

imediatamente surgidas. Ele, entretanto, está sendo guiado por sua mãe, aquela que se suicidou, pelo que passou muitos anos gemendo culpas em região trevosa. Ela o guia, porque em parte teve culpa, e assim como compreende suas faltas, assim mesmo se apieda dos outros faltosos.

– O que fizer eu agradeço, bondoso irmão...

Ele me interrompeu:

– Não quero isso, não quero isso; quero trabalho eficiente, quero atenção à obrigação. Disponham-se a trabalhar, que a vida não é teoria e sim prática. Jamais alguém se vestiu ou se alimentou de teorias, apenas. **O sentido prático da vida** é que deve ser encarado com todo o carinho possível. Enquanto o espírito não atinge o grau pleno, o estado crístico, quer como encarnado, quer como desencarnado, é circunscrito, é tangido por vasto campo de necessidades relativas. Há uma trama que se constitui de prementes necessidades, de intransferíveis urgências, pois é absolutamente dependente da vida de relações, da lei de permutas, seja para caminhar sobre a terra, seja para respirar, seja para se alimentar, seja para vestir, calçar, viver em geral. Creio que me compreende, pois não? E por ser assim, espero sua dedicação ao trabalho.

– Não sei o que deva fazer, irmão. Farei com gosto o que estiver ao meu alcance.

– Veremos – respondeu-me ele – pois são muitos os que prometem e poucos os que vencem. Os cuidados do mundo fazem que muitas promessas não passem de promessas. Não recomendou Jesus, aos que se propuserem ao arado não olhar para trás? E, no entanto, irmão, muitos são os que olham para trás e voltam correndo ao estado anterior. Porque as circunstâncias materiais forçam o homem no sentido inverso; porque os bens físicos iludem e atraíam; porque o Céu pleno parece distante, parece longínquo, enquanto os bens materiais são presentes, são imediatos.

– Terei tanto assim para fazer?! – inquiri assustado.

– Não – redarguiu ele – pois ninguém tem muito para fazer, mas apenas aquilo que lhe compete. Nem o Cristo teve muito a fazer, porque o devido estava em relação direta aos Seus poderes. Cada qual tem o seu dever a cumprir, e o dever é relativo ao poder. Assim, portanto, a falha, o fracasso, pode ser apenas relativo ao dever e poder. Cada um encontra, no seu caminho, as dificuldades naturais, os percalços devidos. Afora isso, todas as funções se parecem, porque são distribuídas relativamente aos poderes individuais.

– Compreendo, irmão. Nem poderia ser em contrário, partindo tudo, como parte, de uma Suprema Lei. Se um homem sensato não pede a uma criança o que não lhe é do alcance, como exigiria Deus muito mais de um espírito que só pode dar muito menos? Entretanto, compreende-se, também o pouco se torna muito, para quem ainda é bastante fraco. O montante do erro só pode ser relativo à função; uma vez que a função é relativa ao poder individual, o montante do erro é relativo aos propósitos individuais. Logo, ninguém deve propor-se a mais daquilo que de fato possa dar conta.

– Isso mesmo – emendou o espírito.

– Mas eu não sei o que terei prometido, antes de reencarnar.

Observou-me ele:

– Pelo fruto não se conhece a árvore?

– Assim ensinou o Cristo.

– Então, pelo que lhe for surgindo pela frente, poderá deduzir das promessas feitas. A muito poucos é dado conhecer o passado, sendo que muito menor ainda é o número dos que têm certeza de suas missões ou provas. Prossiga com bastante lucidez, que muito já tem lido, e pela bulha conhecerá o tamanho do bicho. Demais, se for necessário, e se houver merecimentos, aqui estaremos para a orientação devida, na medida indicada de mais alto. Como deve ter lido a respeito, nós também estamos enquadrados num plano de leis, hierarquias e ordens. Nossos chefes esperam de nós, assim mesmo como nós aguardamos de vocês outros. Todavia, aqui se erra menos, porque o grau de consciência é superior e as necessidades não são grosseiras. A não ser nas zonas muito inferiores, onde seres culpados se redimem através de árduos trabalhos, tudo se faz e se vence, contanto que se ponha atenção nos deveres a cumprir. Como deve perceber, o programa humano avança para estes lados, sem favores nem desaforos. Deus é sempre o mesmo e o programa das almas é um só. Aí ou

aqui, tudo é por leis e **soluções práticas**. Temos de atingir o grau pleno ou crístico, e como não há nem vigoram, na Ordem Suprema, mistérios nem milagres, eis que tudo emana de compreender e aplicar bem os poderes individuais.

– Estou de pleno acordo, irmão. Apenas, temo errar por falta de melhores conhecimentos.

Ele ponderou:

– Se errar por isso, conta com valiosa atenuante. Poucos são os que se podem valer desse recurso, depois de lerem com atenção as obras básicas do Espiritismo. De fato, como asseverou o Cristo, mais será exigido daquele a quem mais foi dado. A regra, portanto, é corresponder em obras práticas à montante de conhecimentos teóricos. Como vê, tudo é relativo, tudo é por peso e por medida. No íntimo de cada um está Deus, está a DIVINA ESSÊNCIA, e nada passa por esquecido. Assim como fizer, assim será contado. Nada é fora da Lei, o justo ou o injusto, o certo ou o errado, mas tudo é regulado, contado e assinalado. Para os mundos ou para os indivíduos, para os átomos ou para as galáxias, para tudo há leis e disposições de ordem. O que teve começo, por Lei o teve, e por Lei existe, sendo que por Lei avança para rumos certos. Não existe o acaso, pois tudo é em consequência e se torna consequente.

– Admirável a sua dissertação, irmão.

– Aprendemos com o Princípio Emanador. Olhem a Terra com olhos de ver, procurem penetrar o porquê de tudo, e em tudo descobrirão Amor e Sabedoria. Deus não está longe, Deus está no âmago profundo de tudo e todos. Quem marcha para o seu próprio interior, através de elevados sentimentos e alevantados saberes, força contato com o SAGRADO PRINCÍPIO e torna-se poderoso. O grau crístico, como o conhecemos na Terra, esse é o grau sintônico por excelência. Todavia, fica dito, não é apenas uma questão de teoria, de alcance passageiro, de realização estática mais ou menos prolongada, como acontece com certos místicos, principalmente com alguns escritores espiritualistas. O ponto crístico de fato é aquele curtido através de vidas e mais vidas, é aquele construído no contato direto com as grandes provas, onde a grandeza de alma se revela em rasgos de paciência, de tolerância e de renúncias. Lembrem-se do Mestre – não venceu por apenas falar nas coisas do Céu, por se trancar no silêncio de uma sala e meditar nas leis do espírito; a Sua vitória foi argamassada com trabalhos duros, suados, sofridos, ensangüentados; de pensar bem, no silêncio confortável de uma sala, disso muitos são capazes; de levantar cálculos e teoremas sobre as grandes leis do Cosmo, disso são capazes até mesmo aqueles que jamais se deram a pensar na avezinha que lhes forneceu, à custa de dores horríveis, o repasto do meio dia. Convém, pois, não confundir entre valores e valores. Pensar no Bem não é obrar o Bem, Falar no Cristo não é fazer obra de Cristo. Mais vale uma boa ação do que mil elocubrações sobre todas as virtudes catalogadas. Filosofar é apenas filosofar. E quantos passaram pela Terra, que havendo pensado bem, nem por isso obraram senão mediocrementemente. Os homens enganam-se com muita facilidade, mas a Ordem Suprema em nada se abala. Para ela tudo é simples, cada fenômeno possui a sua classificação, nada mais.

Naquela hora minha esposa começou a soltar uns gemidos, chamando a atenção do guia, que assim disse:

– Deixe-se tomar. Não faça oposição mental. Não tenha receio algum, pois é apenas um espírito pretendendo comunicar-se, a fim de implorar perdão.

Ouvindo aquilo, intervi:

– Eu não o condeno. De minha parte está perdoado.

O guia voltou:

– De sua parte sim, e é vantagem para si; mas a Lei, para com ele, que é devedor, impõe de outro modo. Deve comunicar-se e falar, pedir perdão pessoalmente. Se triste é sofrer, muito mais triste é errar. Lembrem-se disto – dor bem-aventurada é a dor missionária, ou quando muito a dor de prova. Aquelas oriundas de culpas, de agravos, são tudo, menos isso. Vamos dar fim a certas concepções errôneas, que apenas servem para pretender justificar atos indignos e situações culposas. Demais, aqueles mesmos que bendizem os sofrimentos, não os querem para si, e numa demonstração de imoralidade espiritual, superestimam aos seus menores achaques.

Os gemidos aumentavam, e o guia tornou ao convite, desta vez ordenando ao senhor Abrantes, para que pusesse sua mão direita sobre a cabeça da médium. Ele fi-lo e imediatamente um pranto agonizante ouviu-se. Logo se transformou em palavras, e estas eram lastimações e desculpas.

– De minha parte, senhor Bento, não quero que sofra. Pouco ou nada me fez, em virtude dos recursos que surgiram; desejo o seu bem, a sua paz, o seu progresso.

O pobre, entretanto, replicou-me:

– Teria ido longe, com a minha malvadez, se as coisas tivessem permanecido como de início. Deus me valeu, ainda posso dizer assim. Mas o pouco de mal feito, tendo sido contra uma criança, muito representa. Dói-me a alma!... Sinto dores na alma!... No íntimo!...

– Oremos por ele – pediu o guia.

Depois de algum tempo, houve calma, paz, expressões de graças a Deus.

O guia falou:

– **Em se usar bem**, resume-se toda a sabedoria do homem. Eis no que deu o culto do erro. E dizer que era um homem crente! Que se orgulhava de ter uma fé! Que se julgava mais e melhor, por ser um fanático ledor do Evangelho!

O espírito culpado balbuciou:

– É verdade. A grande lei é o Amor, dizem-me aqui nos ouvidos... O poder da inteligência é total, quando se alia aos sublimes alcandores do sentimento enobrecido e posto a frutificar. Eu não fiz assim... Acreditei na fé... Dei muito valor às minhas razões... Era muito cioso de mim, era muito vaidoso... Mas agora estou melhor, estou em paz, porque pedi perdão e sinto que fui perdoado...

Emocionado, chorei. Pela primeira vez, compreendia e sentia a vantagem de uma ação fraterna. Estava servindo. Estava sendo útil. Era interessante.

O guia fê-lo sair e os trabalhos prosseguiram.

O campo afetivo possui extensões e valores que a razão, por inculta, não sabe e não pode considerar. Um dia, porém, a criatura encontra os registros feitos no plano das causas, no mundo astral, certificando-se, então, do quanto zela o Poder Supremo pelas Suas criaturas. E chega, também, o dia em que a própria razão vive plenamente a certeza de todos os valores do espírito; tudo é questão de evoluir, de crescer na intimidade. Enquanto, porém, a razão viver inferiormente, não se der conta de suas possibilidades em extensões, o mundo sentimental age, marcha na frente, resolve os grandes problemas.

A morte, como vulgarmente se diz, trouxe-me um aluvião de testemunhos a considerar. Eu sabia, por ouvir, de sublimes verdades a esse respeito; muitos espíritos haviam dito, antes de me certificar pessoalmente, das lídimas atuações dos departamentos erráticos, onde tudo é registrado, onde tudo é assinalado com exatidão.

Naquela minha inaugural apreciação, ficara admirado, com o prosseguimento dos trabalhos, da capacidade receiptista da senhora Adelina, e do prazer com que procurava servir, muitas vezes cobrindo despesas que doentes pobres não podiam fazer. Ela dava tudo, segundo seus recursos, o que lhe vinha do Céu e aquilo que ela mesma colhia nas messes terrenas. O marido trabalhava e ganhava o bastante para uma vida simples, ela aumentava o orçamento, e distribuía, ambos, um pouco daquilo que lhes sobrava. Aprendi doutrina, aprendi regras salvadoras, observando gente assim, acompanhando caracteres tão nobres.

Dar não é tudo, pois é comum se o faça por indústria, dar **amorosamente** é que corresponde ao tratado celestial. A Terra comporta muita gente que dá, que distribui, mas que o faz muito ao longe, por medida e por cálculo, servindo mais ao cartaz social do que aos nobres impulsos do coração.

E a Lei por tudo é, de tudo trata e dá contas.

Devia desencarnar para saber o que é fazer o bem, antes do que apenas meditar sobre as grandes leis do Universo. Até por devaneio se pode fazer cogitações em torno das grandes verdades de Deus. Nada custa e até diverte. Mas para distribuir o produto do trabalho suado, e levá-lo a cabo com bastante amor, para isso é necessário haver crescimento íntimo, evolução de fato. Observando deste lado, vemos perfeitamente o que se passa na Terra, entre os encarnados, há mais falácia no ato de dar, há mais propaganda individual em oratória, do que mesmo dadivosidade ou espírito cristão.

Não admira, pois, que simples homens e mulheres do povo se revelem grandes beneficiários do Céu, enquanto muitos tidos e havidos como baluartes, se apresentem destituídos de suas aparentes validades psíquicas. Ler grandes tratados não faz verdadeiros sábios. Boquejar sobre a caridade é possível aos miseráveis. Alardear vantagens psíquicas pode não ir além de verbosidade fácil. Com isso tudo e mais alguma coisa, porém, não se ilude a Lei.

O homem, ou espírito, não foi lançado à vida, ou à consciência individual, que é produto de maturação espiritual, para resolver os problemas fundamentais, os delineamentos do Infinito, quer em síntese, quer em análise; o problema do homem é a solução íntima. É o desdobramento do mundo interior. É a exposição do Céu de dentro. No entanto, por erro de cálculo ou coisa que o valha, eis que o vemos empregando esforços, queimando pestanas, para a solução daqueles problemas que de si mesmos se acham solucionados, porque deles diretamente trata o Poder Supremo.

Não quero negar o dever de conhecimento, pois os Altos Chefes, os Cristos planetários, ou os de galáxias e meta-galáxias, não podem ser os ignaros das leis em geral. Pretendo, apenas, lembrar a solução do que é mais necessário. Para se auscultar os respiros do Universo Infinito, tanto basta um pouco de inteligência e alguma escola. Afirmando que, por aqui, até mesmo o mais rústico ser, se colocado em face de mapas, de maquetes, de diagramas, aprenderá com facilidade o grande, o problema geral. Depois, nada mais lhe resta que esmiuçar, que detalhar. Ou já possuem nomes os fenômenos mais relativos, ou tenham que lhes ser dados, mas tudo é simples, comum, ordinário. Mais esforços são necessários para lembrar nomes do que mesmo para saber leis. De um modo geral, a síntese é constituída de múltiplos e os múltiplos fazem a síntese. O TODO esfarela-se em infinitas partes, observando as regras, nos mínimos detalhes, a fim de que na parte e no TODO reine harmonia.

Os grandes tratados, cheios de termos empolados, vazados através de rebuscadas expressões, de tecniçssimas sentenças, não fazem um só felizardo celestial, a verdadeira chave é o Amor: O Evangelho é doçura! O exemplo do Cristo é renúncia!

Apesar dos pesares, nasci num corpo preto, casei-me com uma preta e tive cinco filhos pretos. É arrastar um peso moral o fato de nascer num corpo dessa cor, porque a maioria dos brancos mantém opressiva prevenção. No seio dos espíritas sentia-me mais à vontade. A doutrina do Cristo é acima de preconceitos, mede os valores humanos de outro modo, não pelas aparências, não pela casca, não pelo exterior. Mas a vida de um preto, de um modo geral, é marcada por vincos sofríveis, em virtude das prevenções que os brancos fazem por sustentar. Conseguem amar um cavalo, tratar carinhosamente um gato, mimar um cão; mas não conseguem pensar de maneira humana a respeito de um semelhante, pelo simples fato dele ter nascido preto.

Sério estigma, de fato, há pesado sobre a comunidade negra do planeta; consumados déspotas, renomados orgulhosos, têm encontrado aí elementos de expiação, de prova, para resgates inelutáveis. Entretanto, pobres espíritos, humildes servos de Deus, aí têm bebido e ainda bebem o cálice da amargura, por culpa de uma brancura que não atinge a lama de seus portadores...

Deus, porém, não é dividido contra si mesmo. Em face da Suprema Lei, nunca jamais sofrerá pena o inocente, menos que em caráter missionário e de espontânea vontade. O Céu é simples, assim como se descobre através das grandes almas. Sua gloriiosidade decorre de sua profunda, de sua divinal simplicidade. Devia mesmo estar em plenitude celestial, aquele que recomendou a simplicidade das crianças, aos desejosos de sua posse. O Supremo Todo é a suprema simplicidade; por isso é que lembramos aos complicadores da vida, aos fazedores de complexidades, muito cuidado, muita prudência.

Enquanto eu e minha esposa íamos marchando vida adentro, e nossos filhos tornavam-se jovens, o casal Abrantes curvava ao peso dos anos. Quando nós estávamos pouco acima de meia-idade, eles já haviam partido, deixando um vácuo imenso nas pessoas de suas relações. Se é paga de Deus ser defunto chorado, aqueles velhinhos foram muito bem pagos. Todavia, outras pagas obtiveram, no íntimo de si próprios, pelo bem levado a termo, de conformidade com as Disposições Supremas. Ao defrontá-los, mais tarde, quando de nossa desencarnação, não só entramos na posse dos bens adquiridos, gloriosos bens, inimagináveis felicidades espirituais, como também nos certificamos plenamente, das virtudes possuídas, erguidas na intimidade, por aquelas duas entidades queridas.

Estávamos acostumados a pensar, a cogitar seriamente das coisas do Céu, partindo deste princípio – o Cristo veio revelar amplamente a visão do Cristo interno, do Cristo por despertar, única solução para o problema do Céu. Não veio levantar clerezias, não veio pedir bajulações, não quis curvações melosas de quem quer que seja. Falou a linguagem pura e simples do Amor! Esqueceu glórias e merecimentos indiscutíveis, lançando-se aos serviços do bem alheio, mesmo à custa da própria vida! Para fundamentar o grande exemplo em obra imortal, culminou-o no Batismo de Espírito, na amplidão revelacionista, no Pentecoste.

Acostumados a pensar assim, desencarnamos com a mente afeita aos melhores propósitos; e de pronto obtivemos o testemunho da Verdade. Aos que vimos e reconhecemos em melhores condições, foram precisamente aqueles que mais haviam trabalhado com afinco nas obras de fraternidade, de sociologia cristã. E fomos ver, em lugares inferiores, alguns gemendo e lastimando, aos que se haviam aplicado muito em obras de evidência formal, em pompas e grandezas exteriores. Eu creio, e tenho para mim certeza disso, que o Cristo poderia voltar ao mundo e repetir a Sua tremenda lição de simplicidade e despertares internos; porque os historiadores sacros e os compiladores, por si mesmos ou por injunções estranhas, nunca fizeram ver e entender mais, do que um Divino Mestre bem deturpado, todo envolto em atos formais e amigo de reverências, Divino Mestre que sabemos, agora, jamais existiu!

E tanto é realidade isso, que não vimos ainda, depois de muitos anos de serviços socorristas, emergir da carne em condição gloriosa, **a um sequer, ao menos um**, de quantos vivem da exploração da fé, dos artificialismos religiosos ou ditos religiosos. **Quando muito**, notem bem os observadores, entram na consciência do estado, e trabalham nas zonas inferiores, aguardando nova imersão carnal, para os serviços de levantamento interno, de superações e conquistas intransferíveis. Iludem-se, muitos cultores de sessões, quando são visitados e quando são assistidos por entidades que na vida carnal foram dos comércios clericais, ou se entregaram a cultos mediúnicos abaixo de recomendações... Ser consciente do estado, e vir para os círculos de trabalho bastante chãos, não prova de modo algum mais do que débitos para com a melhor hierarquia.

Digo isto, pelo muito carinho com que **certos espíritos medíocres** querem ser tratados, impondo considerações, em palavras e atos, que fariam vergonha a qualquer entidade revestida de um pouco de evangelidade. Sem serem maus, são orgulhosos, vaidosos, arrastam muito, ainda, presunções mundanas. Pretendem, junto aos encarnados menos experientes, passar por aquilo que passavam durante a encarnação; isto é, por trunfos verdadeiros, de alto padrão psíquico, quando em realidade, mais valiam as vestes, as aparências, do que mesmo o tom espiritual, o grau de evolução. Para com os estatutos humanos, eram autoridade, mantinham alguma vaidade; e, ciosos de seus costumes, cauterizados pelo vício de querer ser, valem-se do véu carnal, que os encobre, que os oculta, e passam por aquilo que de fato gostariam de ser, mas que infelizmente não são.

É assim que, pela Terra em fora, em ambientes simplesmente simplórios, comunicam-se titulados de variada ordem; santos, anjos, papas, bispos, cardeais e outras pretensas outorgas religiosas.

Outros há, e avultado é o número, que descobrindo na morte, na aferição de valores, o **logro em que caíram**, votam-se a trabalhos árduos, dão nomes que já tiveram em outras vidas, sem representação ante o Panteão da vaidade humana. É outra forma de ser orgulhoso, é outro tom de vaidade, pois o ideal seria falar a verdade, e assim transformar uma simples experiência em uma

grande lição para muitos. Disso tudo, entretanto, muita culpa cabe aos encarnados, pois os espíritos comunicantes não valem pelas riquezas de alma, como se diz, mas sim pelos nomes com que se apresentam, ou queiram se apresentar... Uma vez que cumpre à Revelação, ao Batismo de Espírito, informar sobre as verdades exteriores, e consolar em geral pelas provas da imortalidade e da Justiça Imaculada, não fora muito melhor que cuidassem mais, muito mais, os encarnados, de se aplicarem nos serviços de levantamento interior, de surgimento do Cristo interno, apenas se valendo da Revelação para fins de assistência relativa, de amparos fraternais, de curas dessa ordem? É horrível presenciar certos espetáculos, oferecidos por agrupamentos menos conscientes, onde tudo é feito com o propósito de saciar vaidades, de saber aquilo que é domínio alheio, tratar de assuntos materiais e pretender deixar sobre a responsabilidade de terceiros aquilo que é de obrigação individual intransferível. É por isso que, mais tarde, ousam falar alguns espíritos, em tom lastimável, sobre a existência de guias que desguiam... E é demais, que alguns encontrem na vaidade, ou no seu emprego, a mentira que desilude primeiro, e o sofrimento que tange depois? Afinal, não é para todos os fins, negativos e positivos, que cada qual acha, segundo como procurou?

A morte é um fenômeno transitório. Perde em grosseria, ganha em espiritualidade quem pode; caso contrário, piora até. E notemos que se pode piorar muito, ultrapassar os limites do concebível. Deixar o corpo denso, o envoltório somático, tanto pode significar a posse de um corpo etérico ultra-sensível, brilhante, deslumbrante, como pode significar a entrada num reino grosseiro, denso, animal, brutal ou ultra-brutal. A morte não faz santos nem devassos, já foi dito por outros, e bastante autorizados, superiormente credenciados. Morrer equivale a **defrontar a Verdade** por um determinado ângulo, entre os inúmeros existentes. E muitos não ficam contentes com o grau que fizeram por adquirir, grau que significa dor, arrependimento, provas e expiações futuras... Não falou o Cristo em acertar contas antes de chegar ao meirinho ou juiz?... Entretanto, elevado número só acredita depois de experimentar a dolorosa realidade. Durante a vida carnal, tudo servia de pretexto para não fazer o melhor; nos planos da morte, ante a indiscutível constatação, o arrependimento avolumou-se, a tristeza ganhou foros de compressão dolorosa, mas tudo era tardio, nada mais restava fazer, senão ficar com o muito pouco, e nalguns casos sem nada de proveitoso, aguardando dias melhores para futuro bastante remoto.

Não passa mesmo a vida carnal, de um contínuo preparativo para a vida espiritual. Cada dia que passa é um de menos, e tempo perdido é um fato. Logo mais, com a chegada daquilo que chamam morte, mas que é apenas defrontação fatal com a realidade, ou tudo melhora, ou nada melhora, ou muito piora. O Evangelho, e todos os Evangelhos, de todos os povos, os chamados Livros Sagrados, encerram advertências radicais a esse respeito. Pode-se dizer, avançando para além dos sectarismos, que há um **verdadeirismo** histórico-revelacionista lembrando essa verdade ao homem de todos os quadrantes e de todas as épocas. Não detém o melhor quem não faz por isso. Não chega a se ter melhor, quem não se preparou. Há, pois, muita vantagem em saber lidar com o fermento interno.

Durante minha vida carnal, pouco mais ou menos toda ela votada aos trabalhos espiritistas, e sei que nos melhores moldes, bem poucos fenômenos se deram comigo, de ordem mediúnica, dignos de melhores atenções. Desenvolvida a faculdade falante, tudo era trabalhar com ela, simplesmente. Vez que outra, dava-se um raptó de vidência, de longe em longe sabia-me em viagem astral; o mais tudo era rotina, era sofrer dando passagem a certos espíritos, muitas vezes aturando por horas a fiodores e influências desagradáveis.

Por falar em dores, por fazer referência às influências desagradáveis, devo aqui uma lembrança aos médiuns – que nenhum deixe de trabalhar por isso; que jamais cesse um trabalho pelo temor de sofrimento qualquer; porque a recompensa em Deus ultrapassa os limites do concebível. Trabalhe-se, e com gosto, lenindo amarguras, enxugando lágrimas, consolando espíritos aflitos, curando doentes do mundo astral, porque a recompensa é digna de todos os respeitos. Sei o quanto é esquivo o espírito encarnado; considero a superfluidade dos conceitos humanos: respeito a pouca monta das certezas terrenas; mas afirmo que **convém perseverar**, que convém empatar o tempo em serviços de fraternidade mediúnica. Para mim, empregar tempo em obras de solicitude mediúnica valeu muito, ultrapassou o que a minha imaginação concebia. E julgo a meu modo, segundo as dádivas que recebi – fazer o bem, de espírito para espírito, sem mescla de interesse qualquer, é muito mais CRISTIANISMO, é muito mais RELIGIÃO, é muito mais ÉTICA do que viver propalando filiações igrejistas, do que viver fazendo afirmações sectaristas, como é comum entre os homens, quase que em geral. Basofiar crenças e postulados místicos, gastar rompâncias hierárquicas, ter certeza das verdades eternas, tudo isso é pouco face a face com o bom procedimento, tudo isso é quase nada em face de um pouco de amor fraterno.

Já disse alguém, e com sobras de razão, que o mal da Humanidade é estar ela sobrecarregada de criaturas que a si mesmas se justificam; verdadeiramente, temos sobras de santos de si mesmos. É a realidade, pois os que se julgam certos na fé que esposam, quase sempre dão bons errados, dão com os costados no erro. O bom senso indica no sentido de trabalhar, de aumentar em serviços úteis ao próximo; e a deficiência espiritual concita no rumo das afirmações sectárias, dos fanatismos religiosos, das certezas que salvam... Mais tarde, ao somar das contas, **tremenda é a desilusão**, porque a Lei queria boas obras e não excesso de falatório, e não afeição a estatutos humanos. Afinal, quem disse que a Verdade Suprema se guia e se comporta segundo os convencionalismos terrícolas? Por acaso, pode o homem julgar o Infinito? Então, quem não pode acrescentar um côvado à sua estatura pode ordenar ao que é Integral?

Não pode, é claro, e qualquer de nós consegue compreender isso; mas é muito mais fácil ter uma religião, e discuti-la com os amigos, do que ser bom, do que cumprir com os deveres da Humanidade. Se a Terra tivesse tantos bons, quanto tem de religiosos, de há muito seria um paraíso! É muito fácil compreender isso, não é?

Vamos, então, ao relato do fenômeno mais interessante passado em minha vida de encarnado, aquele que servira de guia místico em todos os momentos de minha trabalhosa vida.

Haviam-me convidado para um trabalho espírita. Um trabalho a mais, apenas, assim como bastantes outros que houvera feito. E lá fomos, eu e alguns confrades, atender a uma senhora, ainda muito jovem, acometida de mal súbito e desconhecido pelo facultativo que a atendera.

Lá estava ela, gemendo e chorando, no seu leito, acompanhada de seu marido e uma filhinha. Respondia coisas sem nexó, falava de assuntos estranhos à sua vida e ao seu meio. Nada mais, portanto, do que um caso mediúnico, do que um mal aparente. Dessas questões tínhamos conhecimentos a valer, era do rol ordinário.

– Façamos uma sessão, levando-a para a mesa – disse Cavalheiro, que era no tempo quem presidia aos trabalhos práticos.

– É o mais indicado, pelo menos para o que se pode entender, observando o caso pelos sintomas, apenas.

A essa minha observação, foi ela tomada por sobressaltos, saltando do leito e ameaçando agredir-nos. Disse quantos impropérios quis e rasgou roupas à vontade, antes que se pudesse dominar o agente que a dominava, que a controlava por completo.

Foi para a mesa, com algum custo, e ali se fez o necessário. Tudo rotineiro, tudo comum, apenas o normal para essas ocorrências. Uma vez elucidado o espírito, pediu para falar algumas coisas, tendo sido barrado pelo presidente, que nunca se dera de esgaravatar a vida, a esmiuçar particularidades alheias.

– Não – respondeu-lhe Cavalheiro – que nada temos com as suas questões íntimas. Feito aquilo que nos cumpre, é senhor de suas liberdades e intimidades. Cada um de nós possui um mundo interno que lhe é privado, e nós pensamos ser educados a ponto de respeitar esse direito.

Deu-se, porém, a comunicação espontânea de um outro espírito, por um dos médiuns presentes, avisando:

– Nobre é o seu procedimento, não resta dúvida. Muitas vezes, e sem ter essa intenção, alguns presidentes, por interrogarem muito aos espíritos recém-elucidados, fazem mal em lugar de bem. Estes, apesar do reconhecimento de última hora, permanecem embotados, avessos por desconhecimento à nova ordem, não podendo responder a contento de quem age em plano diferente, muitas vezes com prevenção, revelando não usar na prática o Evangelho de que tanto usa em palavras. Agora, para com este irmão, faz-se necessário abrir valioso precedente, pois nada terá a dizer de sua vida íntima, sendo que teria muito a tratar, de assunto que a todos aqui interessa, não fosse a escassez de tempo. A Lei reuniu-os e o caso diz-lhes respeito. Antes digo que, por ser de Lei, uma vez mais se encontraram no curso da vida.

– Sendo assim – concordou Cavalheiro – é interessante por ser útil.

A entidade comunicante emendou.

– Longa é a história. Ele dirá o suficiente, assim como lhe for ditado.

Interessado, inquiriu Cavalheiro:

– Quem vai instruí-lo?

– Quem de mais alto zela pelos seus bens. Há sempre uma autoridade maior, até chegar a Deus, a PLENITUDE DIVINA que é FUNDAMENTO ÍNTIMO em tudo e em todos.

– Compreendemos, então, estar presente o fator cármico, a obrigação de atender, por ser intransferível. Agradecemos o aviso.

– Ouçam-no, portanto, que poucas são as palavras – respondeu o enunciante.

E o recém-doutrinado falou:

– Temos tido muitas vidas, bem o sabem; mas não podem detalhar, nem muito nem pouco sobre elas. O que sabem é de modo geral, vale apenas como tese doutrinária, por ser princípio básico da Doutrina do Consolador. Todavia, dizem-me aqui, temos muito em comum sobre eventos históricos; e afirmam, também, que chegou para nós uma grande hora, um tempo de concerto entre partes.

Demonstrou o espírito estar ouvindo alguém, para terminar:

– Terão, em sonho, como dizem, a revelação de alguns fatos. Prestem a devida atenção ao que hão de sonhar. Por ora, agradecido me despeço, afiançando meu desejo sincero de ser útil, a fim de indultar-me perante vocês e a Lei.

E se foi.

Alguns dias se passaram, cheios todos nós de anseios e expectativas. Nada acontecera, enquanto pairávamos naquela tensão curiosa, naquele frenesi auspicioso. Também, ninguém tinha coragem para indagar sobre a demora ou fracasso da proposta, permanecendo numa esperança que aos poucos se desfazia, que se esvaía em desilusão.

Certa noite, quando menos cogitava mentalmente sobre o caso, e quando acontecimento da vida me prendia toda a atenção, pela gravidade que assumia, pude sonhar o mais lindo sonho de minha vida.

Eis o sonhado:

Era uma linda noite de luar. O ermo contagiava-nos, fazia-nos pensar na profundidade das leis universais. Fazia-nos, digo, porque éramos três homens, caminhando por entre campos e bosques, tendo a alma suspensa por indefinível temor. Chegando a uma elevação, vimos ao longe uma cidade, muito iluminada, vibrante, cheia de vida, alegrias e temores.

Um falou, com voz pausada e pontilhada de amargura:

– Vamos, que é Paris. Marchemos para a morte.

Minha alma pareceu gemer. Digo assim, e com razão, pois a dor vinha-me do mais profundo, dos recônditos espirituais. Eu ignorava, até então, o que continha aquela situação e aquela frase, parece que feita de agonia e atroz.

– Geme por quê? – inquiriu-me aquele mesmo companheiro.

– Não sei...

– Dói-lhe alguma coisa?

– Dói-me a alma!... Sofro do espírito!... Uma tremenda agonia me devora!

Ele balbuciou, lugubrememente:

– Previsões do espírito. Esta noite morreremos pelo Cristo, pela Verdade.

– Esta noite?! Mas se há tanta beleza nas alturas!

O outro interveio:

– Que se pode fazer, se há tanta feiúra em certas almas? Esta é a noite de São Bartolomeu, a noite que marcará na História uma das piores ações por parte da Igreja que se diz do Cristo. Muito sangue será vertido... Muito luto cobrirá aquela cidade e muitas outras... Porque a Verdade, na Terra, para vencer, tem obrigatoriamente necessidade de terríveis testemunhos. Pensa, por acaso, que foi preparada pelo Cristo a Sua própria crucificação? É que nos planos inferiores a Verdade é minoria. Se não a podem liquidar, podem entretanto, por algum tempo, constrangê-la.

– Ainda bem... Se estamos com a Verdade...

– Por isso mesmo, voltemos. Vamos morrer com os nossos companheiros, para que não nos marque a Lei com o sinete da covardia.

O companheiro começou a brilhar, pelo que o inquiri:

– Você é por acaso um profeta? Vejo que prediz e que brilha. Diz a Escritura, que isso acontecia com aqueles que possuíam o Espírito de Deus.

– Muito bem, somos profetas. Por isso mesmo, volte e cinja-se ao dever, que deve um severo resgate. Em outros tempos, por fraqueza de espírito, delatou, traiu, fez morrer a muitos servos da Verdade. E agora que chegou para si uma grande hora, por que foge de novo?

Tive, no momento, como que a revelação íntima do que ocorria. Envergonhei-me, atirei-me por terra, pedi perdão.

– Levante-se, que é um homem! – bramiu um deles.

Levantei-me, mas conservei a cabeça baixa.

O companheiro fez-me encarar-lo de frente. Estremeci, pois ele era o retrato vivo de Wicliff. Olhei para o outro, como que forçado por estranha influência, e reconheci-o como sendo João Huss. Eram os paladinos da Reforma, os alicerces do Protestantismo, que eu tinha pela frente, no momento em que fugia de Paris, quando abandonava os companheiros da luta.

Terrivelmente constrangido, mortalmente agonizado, roguei:

– Pelo amor de Deus, ajudem-me!... Não tenho coragem!... Não sei morrer...

Eles agora brilhavam. Não se lhes podia encarar, porque ardiam os olhos.

Huss falou, com vigor e brandura:

– É necessário enfrentar a situação com espírito alevantado, certo das vantagens da Verdade sobre as escabrosidades da mentira e do erro. A Verdade é brilho, a mentira é treva. Na morte se

adquire a Vida, e na vida inferior sepultam-se as alegrias da chamada morte. Vá, pois, e empunhe o estandarte da renúncia, que um belo testemunho dará, enquanto um grande resgate levará a termo.

Huss pairava no ar, cheio de esplendor espiritual, quando Wicliff foi com ele se emparelhar.

Huss prosseguiu:

– É chegada a hora da reposição das coisas no lugar, conforme as palavras do Divino Mestre. Para que o Pentecoste ressurja no mundo, muito há que fazer, como preparativos necessários. Se todos fugissem, se todos se portassem assim, como levaríamos a cabo o Mandado Superior?

– Eu voltarei... Mas peço ajuda...

Viram meus olhos, então, o para mim inconcebível. Eles foram subindo e o firmamento estrelado foi se abrindo, abrindo e clareando, chegando a brilhar, ofuscando minhas vistas. Eu teimava em olhar, vencida o brilho, sentia o prazer da vitória. Da abertura brilhante surgiu uma multidão incontável e a música que descia à Terra não tinha comparação em beleza e glória. Do seio da multidão foi surgindo Jesus Cristo, que embora ensangüentado, sorria e espargia amor e confiança. Ao chegar a nuvem gloriosa a uma certa distância, Jesus separou-se dela, desceu mais, apanhou os dois baluartes da Verdade pelas mãos e de novo subiu, fazendo-os parte da gloriosa multidão. Foram sumindo nas alturas e tudo voltou ao natural, tendo eu rumado à grande cidade, para renunciar a vida em proveito de uma obra de resgate e testemunho verdadeiro.

Na próxima sessão, aquele espírito retornou e disse-se infeliz monarca que, inconsciente da Verdade, ordenou a terrível matança.

– Muito ainda devo, muito terei de pagar. Em futuras vidas farei o que estão fazendo, pois fazer o bem é melhor do que sofrer o mal feito. Haja de sua parte, em meu favor, um pensamento de perdão, uma prece...

Ele vinha sempre nos visitar e anunciava-se “O Devedor”.

Mais tarde soube que Cavalheiro, Inocência e Alfredo foram companheiros de agonia e morte nas mãos dos Príncipes e da Igreja. Eles tiveram seus sonhos.

Religião que não implique no culto do bem fazer é hipocrisia mal disfarçada, é comércio de uns contra outros, é pretexto para vazações mentais doentias, é negociata política; é tudo, digamos, menos religião.

A palavra deriva de ligar e tornar a ligar, ou religar, e Jesus Cristo deixou bem patente que se deve fazer isso com toda a força do coração e de toda a inteligência. Palavrórios, idolatrias, fanatismos, adulações caras ou baratas, atitudes piegas, tudo isso serve muito bem aos homens, pelo menos aos menos cultos de espírito, mas não convence a Lei. Em Deus não há lugar para favores nem para desaforos; em Deus não cabem farsas, gestos cabalísticos, liturgias, sacramentos, paliativos de qualquer ordem. Os cleros existem por suas conveniências, porque certos homens acham que devem viver à custa da ignorância de outros certos homens. As superstições são filhas da ignorância, que por sua vez, é o único diabo que de fato existe. Mas a Deus agrada a fraternidade, sendo o mais tudo uma simples questão de Ciência, de Arte, de Filosofia, etc.

Por isso mesmo repetimos – andou bem quem disse que religião é o culto da fraternidade, do bem fazer. Acentuemos, porém, que isso em prática e não em retórica, ou para efeito de retórica. Fosse por este processo, e os cleros seriam todos fraternos, capazes de esgotarem todo o amor de Deus, quando em verdade são contra, pois o tempo não lhes basta senão para fazerem círculo vicioso em torno de fingimentos e salamaleques, manias e explorações temporais.

Falo assim e com sobejas provas, pois vivo a catar clérigos em regiões inferiores, pois vivo a arrebanhar presumidos proprietários da Verdade em tristes lugares. Se em face de Deus prevalessem certas importâncias humanas, prerrogativas estatucionais, veleidades convencionais, naturalmente essa gente não acabaria assim, teria melhores lugares onde dar com os costados espirituais.

Não pretendo, com isto, modificar o sistema de vida de quem quer que seja; nem mesmo a fim de alertar o faço. Cada qual é o senhor de suas relativas liberdades e a Lei faz o resto. Falo porque sei que devo falar, por estar certo de que estou agindo em prol dos bem intencionados. Tanto assim que, clérigos e não clérigos, crentes e não crentes, recebem segundo o bem ou o mal feito, mas nunca segundo as crenças esposadas. A quantos espiritistas já socorri, como servo da Lei, nos lugares mais tristes! E por quê? Simplesmente porque tinham o Espiritismo apenas na ponta da língua e nas dobras da presunção sectária. Saber das leis fundamentais não significa estar, em obras, em dia com elas. Pelo contrário, pois quem sabe e não pratica é tanto mais criminoso. Por isso mesmo, repito, e o faço com absoluta consciência da realidade – melhor é não conhecer, do que conhecendo não executar!

Como vou relatar um acontecimento mais, daqueles passados em minha carreira espiritista, quero chamar a atenção dos companheiros de ideais e finalidades, para que do exemplo vivo, da constatação, se tirem proveitos, se subtraíam elementos de prudência e vitória. Não foi o Divino Mestre quem afirmou ser função do Consolador informar, ilustrar, repetir e forçar no rumo da vitória final? E que estamos aqui fazendo, agarrados ao palanque espiritista, ao Consolador restaurado, senão a dar cumprimento às palavras impassáveis do cordeiro de Deus? Tudo isso que, tendo início em Wicliff e João Huss, passando por Lutero e Giordano Bruno, e culminando na grande eclosão mediúnica arrastada por Kardec, pelo preposto do Cristo, que é, que representa, sem ser a volta do Pentecoste, o retorno em maior escala do Batismo de Espírito?

Eis, pois, que estamos a postos pelo menos por duas razões – uma é desmascarar o criminoso *cisma* levantado por Roma, adulterando a Doutrina do Cristo, liquidando com a Revelação a bem de suas traficâncias e despotismos. A outra razão implica em tornar práticos os ensinamentos teóricos, revelando ao rés do chão como se desempenha a Lei de suas funções, no imo das criaturas, impondo situações e condições que valem por pagas integrais.

Eu fora amigo de um certo homem. João era seu nome, e por fé atendia aos desígnios de um culto mediúnico que a mim desagradava profundamente, não por cálculo, não por feição intelectual, mas a força de um invencível sentimento de repulsa, uma imposição íntima irreprimível. Ele, entretanto, era a devoção personificada, era toda adoração aos seus amigos do plano espiritual. Duas vezes estive em seu domínio de trabalhos, não conseguindo vencer aquela pronúncia tremenda que se erguia das profundidades de minha alma. E disse-lhe tudo, contei-lhe tal e qual como sentia.

Respondeu-me, com ares de mais e melhor:

– Orgulho! Você não é simples nem humilde, como convém ser. Pensa que é melhor, por ter relações com espíritos de outra corrente, que não a nossa. Entretanto, saiba, alguns de nossos caboclos foram grandes homens, príncipes da Igreja, reis, generais, etc. Apresentam-se como caboclos para se fazerem iguais, para darem provas de humildade cristã. Um dia se arrependerá... Mas será tarde... Voltará, então, para reparar essa falta.

E desandava a tecer comentários, a incriminar meus sentimentos, enquanto tratava de ofertar bebidas, fumos, carnes e quitutes aos seus guias, aos seus príncipes, reis, generais, etc.

Por medida de prudência, falei a um de nossos amigos, um espírito que se revelava penetrante, e que de si nunca tratava. De fato, começou trabalhando, atravessou todo o nosso tempo de vida carnal em trabalhos, mas nunca se deteve a falar de si próprio. Este espírito, hoje grande amigo e categorizado servo do bem, prometeu-nos:

– Não o faremos esta noite, por estarmos com o tempo contado, nós e vocês outros. Amanhã, entretanto, abriremos um lapso e faremos uma visita a certos lugares do plano espiritual. Verão o que se passa e farão o devido juízo. Pelo menos, podem estar certos de uma coisa – **a humildade não exclui o bom senso**, assim como a **simplicidade** não despreza a **análise**. Para que alguém seja bastante simples e humilde é necessário que seja igualmente bastante conhecedor e prudente.

Aquela noite nada nos revelou. Mas a seguinte foi bastante pródiga. Fomos ver em que região habitavam e como agiam os guias daquele homem e daquela casa. Era incontestável que haviam sido príncipes da Igreja, reis, generais, etc. Podiam, de fato, reclamar aqueles direitos de encenação, tomar aquelas posturas, exigir aqueles festins baconianos. Mais do que isso, pois se valiam de certos contatos fluido-eleto-magnéticos para outras e mais animalizadas satisfações...

A Terra astral em que viviam era a imagem viva da sua crosta, e um tanto a menos, pois nem todos os povos encarnados concordam com o regime ali vigente ainda, onde a truculência domina, onde tudo é medíocre. Já terão lido sobre como se escalonam as regiões astrais, a começar do centro do planeta; pois o Céu daquela gente era um lugar bastante inferior, deveras criticável, não fosse, por Lei, o correspondente ao merecido.

E cidadãos daquele teor, apresentavam-se como portadores de validades altamente cristãs.

Calhando, em conversa amigável e franca, falei-lhe no ocorrido. O homem dera-se a duvidar, depois concordara em admitir, culminando por fim a dizer, presa de tristeza indisfarçável:

– É, mas agora não posso voltar atrás... Seria perseguido...

De minha parte, aprendi mais com ele mesmo, por dizer aquilo, do que com a revelação daquele amigo do plano espiritual.

E, resumindo, que diferença há entre um culto idólatra, ou pagão fantasiado de cristão pelos adicionais sacramentistas e nomenclaturas evangélicas, e o culto da Revelação em tão baixo teor? Nada vale pelo uso apenas, mas sim segundo o que se usa e como se usa, ainda quando se esteja no plano da Verdade.

É muito comum entre as criaturas esta falha – criticar a Ciência em termos científicos; falar mal das Filosofias usando as filosofias; ridicularizar os poetas apelando para a Poesia; escarnecer da Matemática fazendo cálculos, etc. Até mesmo inteligências bem nutridas cometem essas gafes, fazem essas auto-traições.

O mesmo se passa com os religiosos sectários, pensam estar certos, não porque podem estar emparelhados com o culto do bem, mas sim por se sujeitarem aos preceitos formais da religião admitida. Para falar estão com as virtudes de fato, enquanto que para acreditar e praticar ficam no campo das observâncias sectárias. A Verdade serve para ser atirada contra a Verdade, simplesmente porque se lhe pode emprestar uma determinada cor, exclusivamente porque é difícil, quase impossível tomá-la por inteiro. A faceta vale mais do que o todo, a vírgula mais do que a composição e o grão de areia mais do que a praia inteira.

Esse é o sistema de culto espiritual do homem terrícola. Salvam-se algumas exceções, que de bom senso não bastam para fazer regra, embora constituam a regra, porque na Terra a qualidade perde para a quantidade, o peso para com o volume e a inteligência fica devendo à astúcia, ao engodo, à malícia.

Pelos séculos em fora, a chicana tem perguntado à Verdade o que a Verdade é; e a resposta é sempre a mesma, porque ao néscio não se deve resposta, que de nada adiantaria, sem ser aquela que está encerrada na própria vida, cujos ditames valem por agulhões dolorosos. Do contrário, pergunte-se aos milênios, na pessoa dos Grandes Mestres, se houve jamais possibilidade para se transformar um néscio em sábio, a queima-roupa, ou de imediato. Não, que isso não é de Lei, pois esta determina a auto-reforma, a levedação íntima, o fazimento de dentro para fora, através de todos os dilemas e de quanta polêmica possa a vida requerer, até que o sujeito consiga saber e viver em sintonia com a Grande Lei.

Ao cabo das ebulições interiores, multi-milenares, obtém-se a resposta comum, atinge-se o grau de consciência desejável; então se compreende que o espírito de escol, o brilhante, não é aquele que ostenta uma ou algumas tiaras ou qualquer galardão sectário e exterior, mas sim é aquele que atingiu mais em matéria de sabedoria e de pureza. Simplesmente, apenasmente, Deus não tem necessidade alguma de engodos sectários, de afeições particularistas, de rituais adutores. O amor entre irmãos é a grande proclamação da Verdade, daquela Verdade que está acima, muito acima das pagodeiras com que certos homens se locupletam. E para complementação, levanta-se a necessidade premente dos **melhores conhecimentos**. Ao invés de gastar tempo em gestos e atitudes nauseantes, aplique-se-o em fazer o bem e na conquista de saberes imortais. Dois universos existem que se completam em profundidades gloriosas; esses dois universos são o chamado Criador e a chamada criatura. Toda a criatura que marcha em busca de suas próprias virtudes latentes, a fim de torná-las patentes, essa é a que mais serve a Deus. Fora disso há fanatismo, chicana, malícia.

Foi assim que se disse ao padre Ladislau, depois de ter ele, do púlpito de sua igreja, brandido contra o Espiritismo todas as invectivas que lhe vieram do fundo da alma raivosa. Ele, entretanto, continuou a sua lúgubre marcha; para falar, era inimigo de tudo quanto não fosse de sua grei sectária; para realizar, pedia dinheiro, vendia tudo e comprava o que podia. Fez um grande templo, comprou terras e casas, construiu um império temporal. Ganhou o mundo!

Mas, para ele, chegou também o dia da grande prova, da tremenda defrontação a que é sujeito todo aquele que nasce sobre a Terra. Deu-se isso uns dois meses e pouco depois de minha despedida do plano carnal. E como já estava servindo nas hostes do Consolador, fui convidado a observar aquela passagem.

– Vamos – disse-me um companheiro – que está por minutos.

– Tenho certeza que se sairá bem mal o pobre Ladislau. Fez de tudo apenas comércio, procurou avidamente ganhar o mundo. Em matéria de fé, cultivou apenas o pretexto...

O companheiro atalhou-me:

– Fê-lo espontaneamente?

– Claro. Ninguém o tangeu, creio eu, a querer somar tantas regalias temporais. E não se fale de como odiava os outros credos, principalmente o Espiritismo. Tive oportunidade, várias vezes, de lhe falar, e o pobre homem passava da conversação à vociferação, pairando dentro em pouco nas alturas do ódio à solta. Tornava-se agressivo, era ameaçador, lembrando de contínuo a necessidade das funções inquisitoriais.

– Assim foi que semeou, não é isso? – interveio o companheiro.

– Simplesmente. Sorte que não pôde consumir as intenções.

– Pouco menos se comprometeu. Enegreceu o olho interno, na lídima expressão do Cristo, tornando-se trevoso por inteiro. Egoísmo, ódio, idolatria... Tudo aquilo que devia ter combatido, eliminado em si e nos seus irmãos. Entregou-se ao erro, acometido de fanatismo cruel e desesperado egoísmo. Agora, que chegou a hora da grande transição, colherá na razão direta da sementeira feita. Terá o seu e na justa medida. Nada mais.

Chegados nós ao hospital em que se achava, deparamos nos corredores grande número de seus iguais, companheiros de infeliz campanha, fervilhando em comentários. Como eram do mesmo naipe, teciam-lhe encômios, gabavam-lhe os merecimentos, julgando-o um grande paladino da Igreja. Todavia, uns eram rotos, outros esfarrapados, havendo até quem fosse a expressão da tristeza. Pelo menos um velho sacerdote, de olhos esbugalhados, levantou a rouca voz para dizer:

– Miséria! Miséria!...

Em coro ditaram os outros, uma assembléia de uns vinte e tantos, que entre si discutiam o destino do companheiro, pelos méritos que ostentara:

– Cala-te cassandra! Cala-te mau agouro! Sempre vaticinando tragédias e pecados. Qual, enfim, a função de um bom padre? Enriquecer a Igreja! Torná-la uma potência! Fazê-la dominar! Cala-te! Cala-te agourento!...

O velho de rosto compungido respondeu, abanando a cabeça:

– Jesus ensinou isso? Ele, o Divino Mestre, falou a linguagem dos pobres, o aramaico, andou de preferência descalço, vestiu-se com uma túnica inconsútil e saiu mundo afora a consolar os aflitos, a expelir os maus espíritos, a sarar todas as doenças... E nós, que temos feito? Ganhar o mundo! Perseguir! Matar e reclamar direitos!... Miséria das misérias!...

Meu companheiro alertou-me:

– Vamos fazer-nos invisíveis.

Lançando mão desse recurso, entramos no meio deles, observando melhor os caracteres. De fato, eram criaturas bem mal informadas, apenas ávidas de bens mundanos, de respeitos e validades temporais. Como já se disse, satisfeitos com os próprios vícios, dominados por eles.

Fomos observar o velho sacerdote, que recostado a uma parede resmungava qualquer coisa. Ele orava, pedia, clamava ao Céu.

Meu companheiro avisou-me:

– Merece atenção, pois se fez penitente. Iremos socorrê-lo.

Uma freira, assustada, passou por nós, gritando:

– Ladislau pede o confessor!... Ladislau pede o confessor!...

O sacerdote amargurado, que orava, gemeu, baixinho:

– Eu também apelei para o confessor... Que adiantou?...

Um padre, muito jovem ainda, veio em companhia da freira. O padre dizia, presa de grande pasmo:

– Ele pensa que Deus é surdo? Já o confessei umas vinte vezes em cinco dias!... Tenha confiança em Deus! Não é um sacerdote?...

Seguimos os dois, indo ver o moribundo no seu leito de morte. Ladislau estava encaveirado, irreconhecível, tétrico.

– Olhe para o espírito – recomendou-me o companheiro.

Apelei para minhas possibilidades e vi o que desejara não ver. Ladislau carnal era muito melhor do que Ladislau espiritual. Todo ele era uma pasta escura, cheia de manchas vermelho-escuras, sendo que aqui e ali espocavam borbulhas chagosas, fétidas.

O quarto se encheu de padres e freiras. O confessor anunciou o grande momento e todos se ajoelharam, entrando em orações.

Suas mentes repetiam:

– Senhor! Recebe Teu servo! Pai Nosso, recolhe Teu servidor! Virgem Santíssima, acode a Teu filho!...

A pasta informe foi saindo, saindo, saindo. As manchas tornavam-se mais fortes, as borbulhas mais intensas, o mau cheiro fazia-se insuportável. Dentro de alguns instantes, a pasta ganhou forma humana e começou a gemer, a gemer. Providenciaram a retirada do corpo, mas ali ficou a massa escura, gemendo, gemendo.

Os do plano espiritual diziam, olhando assustados:

– Ficaré assim até o dia do Juízo Final! Pobre Ladislau!

Centenas de comentários surgiam, pelos corredores, entre os desencarnados, enquanto nós dois forçávamos o velho padre, o amargurado penitente a sair dali. O nosso intento era falar-lhe, mas longe dali, a fim de encaminhá-lo. Vibrando sobre ele, fizemo-lo obedecer, transportamo-lo ao pátio. Fizemo-nos visíveis e dissemos-lhe de nossas condições e intenções para com ele. Mostrou-se compreensível, aceitou a oferta e acompanhou-nos.

Deixamo-lo num bosque, longe daquele ambiente infecto, respirando o melhor daquelas radiações vegetais. Prometemos voltar ao anoitecer, pois o nosso intento era levá-lo ao grupo espírita onde trabalhávamos. Ele aceitou e nós partimos, e partimos envoltos em luminosidade absorvente, gloriosa, para lhe servir de encorajamento e estímulo. Vendo-nos assim, ajoelhou-se e deu-se a orar com grande fervor. Foi-lhe isso muito vantajoso, pois ao voltarmos, à noite, achava-se bastante identificado com as nossas intenções.

Entramos pela casa adentro; apresentamos o velho padre aos amigos e companheiros de trabalhos; fizemos referência aos necessitados, como ele, de curas em geral, do corpo perispiritual e da alma. Ele ficou estupefato, notando os serviços que ali se prestavam, num recinto familiar, pobre, muito humilde.

– A Lei manda servir de fato e não manter as aparências, padre.

Ele olhou-me, com aqueles olhos esbugalhados e tristes, murmurando:

– Jesus deu esse exemplo... Falou a linguagem...

– Já sabemos disso, pois ouvimo-lo assim falar, no corredor, quando disputava com os companheiros de infortúnio.

– E não é verdade? – tornou ele, vivamente.

– É uma das verdades do Cristo. Outras existem, dignas de todo o respeito, assim como seja a missão que o Cristo trouxe.

Ele balbuciou, apelando para a memória:

– A missão... Falou a linguagem dos pobres... Enxugou lágrimas... Consolou aflitos... Expulsou os maus espíritos... Curou toda sorte de doenças... Recomendou o amor entre irmãos... Ressurgiu dos mortos... Subiu ao Céu...

– Que mais? – consultei-o

– Seriam detalhes?... – respondeu, duvidoso.

– Que coisas disse Dele o Batista?

– Que trazia o machado nas mãos e cortaria as árvores infrutíferas para atirá-las ao fogo.

– Que mais?

Fazendo um gesto de cabeça, significativo de dúvida, tornou:

– João disse, de si, que batizaria em água, sendo que Jesus batizaria no Espírito Santo. O Pentecoste foi o testemunho dessa profecia cumprida, não foi?

– Muito bem. E que fez Roma, três séculos e meio mais tarde, dessa gloriosa consolação posta ao dispor da Humanidade? Quem autorizou Roma a trincar a torrente revelacionista, em troco de idolatrias e fomentações comerciais? O derrame de Espírito não fora para toda a carne?

O velho padre fez-se triste, cabisbaixo e mudo.

– Qual era o culto dos Apóstolos? – perguntou-lhe meu companheiro.

O padre continuou triste e cabisbaixo. Meu companheiro disse-lhe:

– Lembre-se, padre, de que a franqueza é por aqui a mais bela expressão de respeito à Verdade. Não recalque coisa alguma. Escancare sua alma. Mesmo que esteja errado, havendo sinceridade e franqueza tudo se conserta com facilidade. Os maliciosos vão para baixo...

– Desculpem-me, desculpem-me. Eu estava imaginando... Não penso ser malicioso, não tenho dúvidas a contar. Eu imaginava... Um dia mandaram-me uma carta anônima, cheia de frases bonitas, recomendando a leitura de alguns textos. Eram os quase oitenta textos que falam sobre o Espírito Santo... Eu os li, e encontrei muitas verdades. Muitas... Jesus praticou a Revelação e deixou a Revelação como testemunho de Sua Doutrina. Os Apóstolos prosseguiram fazendo o mesmo. Assim, vemos Paulo dizer, fazer e recomendar, no capítulo quatorze da primeira carta aos gregos de Corinto. É incontestável, é incontestável...

– E que fez, a seguir? – perguntei-lhe.

– Procurei assistir a algumas sessões espíritas.

– Admitiu os fenômenos?

– Sim. Era evidente a realidade. Mas parei nisso, pois tinha a minha obrigação de padre católico a cumprir. Havia estudado, havia jurado...

Os encarnados formaram a mesa e deram início aos trabalhos, orando. Depois um orador falou, comentou um texto evangélico, muito auxiliado por um agente de nosso lado. Fez vibrar o ambiente eletro-magnético, atingindo em cheio o velho padre, que derramava lágrimas a valer, felizes lágrimas.

Ao iniciarem a sessão prática, pediu o padre para se comunicar. Queria experimentar a sensação de falar aos encarnados, queria dizer-lhes sobre a imortalidade, queria afiançar-lhes a certeza, a Justiça de Deus, a Lei.

– Faça-o. – disse-lhe o companheiro – Mas lembre-se de que eles sabem isso e disso muito bem, pois nesta casa recomendam-se estudos e observações. Demais, o que o irmão vem de saber e sentir hoje, outros já o souberam e sentiram antes, havendo se pronunciado com grande entusiasmo. Embora seja comum, e louvável, o gesto que esboça, deve saber que é prudente manter a melhor serenidade.

Encarou o velho padre com agudeza e completou o pensamento:

– A Verdade não tem aumentado nem diminuído com as afirmações ou com as negações de quem quer que seja. Portanto, hoje, amanhã, aqui ou onde for, convém conservar o melhor das condutas, que é saber com simplicidade e ignorar com esperança. Os encarnados estão fartos de saber o que ocorre com muita gente; depois de morrer, e sofrer muito, e ganhar consciência do estado e dos deveres, muitos voltam saturados de entusiasmo e advertências. E acham, o que é judicioso, que melhor fora cultivassem um pouco mais de espiritualidade durante a vida carnal. Creio que me compreende, pois não?

– Compreendo. – respondeu o padre – E faço questão de falar aos encarnados.

Foi conduzido, na ocasião propícia, e falou aos encarnados. Falou de pai para filhos e confessou o erro em que caíra, a tragédia em que se metera, por falta de ombridade moral, por fraqueza de espírito. Antes tivesse abandonado tudo o mais, antes tivesse dado, em vida carnal, o testemunho devido, rompendo com o criminoso cisma romano, aquele que liquidara com o Batismo de Espírito, a fim de impor à Humanidade idolatrias e explorações temporais em nome do Cristo.

Ao deixar o médium, que era uma juvenzinha, disse-nos:

– Eu devia a Jesus Cristo essa confissão; e quis fazê-la através do Consolador, para melhor prova perante meus irmãos. Todos os cristãos devem um tributo de honra ao Consolador, por constituir a pedra sobre a qual o Cristo edificou a Sua Igreja. Eu, que fui traidor, confessando o delito, cumpri o meu dever. De ora em diante tenho o direito de julgar-me um filho pródigo.

Seus olhos brilhavam, sua inteligência fulgurava. Não se podia deixar de estar bastante com ele. Abraçamo-lo, fizemo-lo um grande amigo, um bom companheiro de serviços.

Padre Mazzini entrou no plano espiritual consciente, empunhando o facho da bem-aventurada simplicidade de espírito. Isto é, sem malícia religiosa, sem embargos sectários. A presunção de impor condições a Deus, através de dogmas e prerrogativas estatucionais humanas, logo aprendeu a esquecer-la, por compreender quanto é a Verdade Transcendente acima de cogitações humanas. Estudou de modo ordinário, ainda em ordinárias aulas de uma região inferior. Apenas, compreendeu a diferença que há entre o Poder Absoluto de Deus, infinito como o próprio Deus, profundo como Deus é, e a infantil e bizarra, senão blasfema presunção humana, que através de dogmas, decretos, rituais e veleidades manhosas, quer comandar aquilo mesmo que ignora, e que constitui a Verdade Suprema, o Poder a que é sujeito. Padre Mazzini compreendeu depressa a ridícula inversão da ordem.

Outra grande verdade por ele descoberta foi a antiguidade das verdades básicas reveladas; leu muito em nossas bibliotecas, chegando à conclusão de que Jesus, vindo Batizar em Espírito, ou edificar doutrina sobre o culto da Revelação ostensiva, nada mais fez do que encimar todas as revelações, coroá-las, dar-lhes o sentido complementar à custa do intercâmbio entre os dois planos da vida.

Padre Mazzini fez, verdadeiramente, um curso completo de todas as Revelações; os Vedas, os Budas, Rama, Zoroastro, Hermes, Krisna, Apolônio de Tiana, Orfeu, Moisés, os Profetas, o Cristo, Kardec; todos foram estudados à luz do mediunismo, do intercâmbio. E achou em todos o contributo da Revelação, e viu que todos se firmaram em uma só e inabalável Verdade – Deus!

Falando-lhe, certo dia, de permeio a um serviço urgente, respondeu-me:

– Barnabé, o Deus-figura, fazedor de favores, amigo de vinganças, atencioso de bajulações, esse Deus não existe. O Deus que é, a Divina Essência, Onipresente, início, sustentáculo e determinação íntima em tudo e em todos, esse Deus não priva com os compadrismos sectários, não faz negociatas, não reconhece liturgias. A Ele se vai, no templo interior, através do Amor e da Ciência. Quem não ama ao seu próximo e quem não busca conhecer ao máximo, para melhor servir, esse não ama ao Deus que é. Muito se enganam os que buscam adorar a Deus nos templos de pedra, de cantaria ou de madeira e outros ingredientes; Deus é Espírito e acha-se melhor representado na profundidade das criaturas amorosas e sabias, bondosas e servisais.

Meditou um pouco, estremeceu sob a influência de uma elevada entidade para ele invisível, opinando:

– Tudo testemunha a Deus, de modo genérico. Mas para testemunhar a comunhão, ou o estado de comunhão, ou teofania prática, só mesmo através da elevação em geral, só mesmo à custa do mais perfeito. As belezas inferiores, orgânicas ou mesmo inorgânicas, dão testemunhos quando muito passivos, porque naturalmente instintivos. As belezas espirituais não são passivas, não são nem devem ser por instinto, mas sim grandezas de Amor e Ciência. Cumpre, pois, a cada um, erigir o sagrado templo interior, onde se pode amar a Deus, através de toda verdade elevada.

– Assim é que sabemos, sr. Mazzini. As religiões que impõem gestos, formas, ídolos, liturgias, hierarquias pomposas, etc., são restos de primitivismo, são entulhos que a barbárie deixou. Sobrevivem porque fornecem galardões e garantias mundanas a seus donos e empreiteiros; sustentam-se porque se aliam aos politiquismos e chicanas temporais. E acima de tudo prevalecem, porque muito grande é ainda o coeficiente de analfabetismo na Terra.

Outro companheiro emendou:

– Cheguei a uma conclusão, depois de estudar tudo quanto me foi possível, assim como o está fazendo o sr. Mazzini, ou padre Mazzini, já que ainda usa as vestes sacerdotais. E creio que todos chegarão à mesma conclusão – retornando todos os cristãos ao culto dos Apóstolos, como se lê na primeira epístola de Paulo aos Coríntios, capítulo quatorze, e fazendo prevalecer, em obras, a Moral do Decálogo, teremos a Religião perfeita, porque estaremos enquadrados na Moral integral e no Batismo de Espírito. Concludentemente, teremos a Religião completa, porque suficiente em todos os sentidos, no religioso, no filosófico e no científico. Teremos, com certeza, caminho franco para todos os progressos gloriosos.

Padre Mazzini acentuou:

– Saibam que estou para mudar de vestes... Apenas aguardo alguns serviços junto de meus colegas, aqueles infelizes, lembram-se? Devo comparecer em vestes sacerdotais, para lhes captar as simpatias. Depois, com as graças de Deus, farei questão de outros revestimentos; quero revestir-me das virtudes do espírito, para assim, no templo interior, honrar a Deus. Chega de fingimentos! Chega de aparências! Chega de idolatrias!

Aquela entidade invisível a ele, que o tangia, fez-lhe lembrar a obrigação em vista. Despediu-se, pois, indo a caminho de seus deveres. Ele estava encaminhando aqueles sacerdotes infelizes, ignaros e rebeldes, amigos de suas próprias teimas e convicções. Como já disse um outro narrador, setenta por cento do que parece religião, na Terra, é apenas vício convencional, idólatra, formal. A criatura acredita na forma, no modo exterior, em tudo quanto é aparência, e nisso se conforta, assim como o fumante, o alcoólatra e outros viciados refestelam-se com as suas viciosidades, por mais feias e comprometedoras que sejam. Bastante auxiliado, estava ele fazendo um belo serviço entre aquela gente tresmalhada, arredia ao Cristo, isto é, inimiga de si própria. Afinal, diga-se uma vez mais, o Cristo externo foi o modelo apresentado pela Sabedoria Divina, a fim de que cada um saiba de que valores é senhor e os ponha em evidência. Se edificou doutrina sobre o culto da Revelação, como afirmou várias vezes, e como testemunhou no fenômeno de Pentecoste, foi para que Suas palavras jamais fossem esquecidas. Nós, que temos falado através desta canaleta mediúnica, temos repetido sempre, e uma vez mais o fazemos – aqui estamos em serviço de esclarecimento, para dar testemunho do Batismo de Espírito, da função messiânica do Cristo, que se encerrou em viver a Lei e em cultivar a Revelação, tornando-a ostensiva a toda a carne. Quem se der ao trabalho de observar a anunciação de João Batista, sobre vir o Cristo a fim de Batizar em Espírito. Quem se der a ler com atenção o Evangelho, segundo João, capítulo dezesseis, onde o Cristo promete o Batismo de Espírito. Quem se der a estudar o capítulo dois do Livro dos Atos, onde se deu o prometido Batismo de Espírito. Esse mesmo encontrará, na primeira epístola de Paulo aos Coríntios, capítulos doze e quatorze, os informes necessários a respeito do que seja o Batismo de Espírito e de como os Apóstolos o praticavam.

Negando-se a esse culto, e inventando formalismos e idolatrias sem conta, para servir aos interesses do Império Romano, e depois às suas próprias sanhas de poder temporal, tornou-se a **Igreja Romana o grande cisma**, a grande contradição, o motivo de um grande serviço restaurador. Todos sabem que Jesus Cristo profetizou tudo isso, a corrupção e a reposição das coisas no lugar. Nós estamos sendo uma parte do imenso serviço restaurador. Graças a Deus, assim é. Qualquer contestação deve ser endereçada ao mesmo Jesus Cristo, nosso Divino Condutor, o chefe Planetário, que através de Seus arautos nos encaminha e torna fortes.

Outros narradores falaram bastante sobre o diagrama planetário; sobre as regiões astrais, em formas concêntricas e superpostas, a começar do centro do planeta. Portanto, o Céu, o plano espiritual, divide-se em múltiplos Céus, até mesmo em zonas infernais.

Afinal de contas, irmãos, na Casa do Pai há morada para todos, os bons, os ruins, os melhores e os piores. Cada qual, por peso específico, ou tônus vibratório, situa-se eqüitativamente. O que Jesus chamou de “olho interno” é que determina estacatos, subidas ou descidas. A chave está na posse de cada espírito. Os trabalhos são de ordem individual. A Lei a cada um dá, na conformidade das obras.

Não sabe quem faz por ignorar.

Não realiza quem não faz por realizar.

Não tem quem procura de fato não ter.

Uma é a Lei e ninguém poderá alterá-la.

A Lei se acha, como seta indicadora, no imo de cada espírito.

Não prevalecem, portanto, os cultos exteriores.

Prevalecem, isso sim, os valores amorosos e sábios.

Aqueles que no mundo, por vícios concepcionais, por veleidades litúrgicas, por validades sectárias, por etiqueta ou engodos sociais, podem comprar gestos aos fazedores de gestos, idolatrias aos vendilhões dos templos, perdões e absolvições àqueles que pensam poder vendê-las, que se lembrem de uma coisa – jamais pensem estar traficando com a Justiça Divina! Ela não toma parte nessas transações.

Aqueles que, conhecendo as leis da Revelação, as extensões mediúnicas, o trato com os habitantes do mundo ou dos planos astrais, e que o fazem à revelia da Moral Decalagal; por dinheiro ou qualquer outro fim imediato; para forçar ações em segundos e terceiros em proveito próprio; para atender a rogos de espíritos inferiores. Enfim, para fazer o que é antievangélico, saibam que estão cometendo graves faltas e não terão o beneplácito da Justiça Divina. Ela não está dividida contra si mesma e não endossa, portanto, aquilo que é blasfêmia!

Saberão todos, mais tarde ou mais cedo, ao que chamou Jesus Cristo blasfemar contra o Espírito Santo, o erro que não faz jus ao direito de desculpa, mas que será justicado em obras de resgate doloroso. Não somos, também, apologistas da dor, dos sofrimentos, das automartirizações; preferimos o caminho das realizações amorosas e sábias. As dores servem para os grandes errados, para os inimigos da ordem, e para os fazedores de perlangas orais e escritas, enquanto elas se acham longe ou no próximo, ou para aqueles que superestimam seus mínimos dissabores. Nós já pertencemos a outro quadro, graças a Deus, e recomendamos a todos um pouco mais de bom senso. Afinal, quem não sabe entender isto? Quem foi à cruz, foi em grande agonia, foi como lenho verde atingido em cheio pelo fogo. E quem O enviou à cruz, que foram muitos e não apenas um, todos se viram de braços com as dolorosas investidas do porvir; tiveram que passar por transe muitas vezes inenarráveis, não se resgataram em obras apenas de amor e de sabedoria.

Porque, convém lembrar uma vez mais, **as faltas são por escala**, havendo as que podem ser resgatadas em obras de amor e de sabedoria, em renúncias relevantes, em honrosas condições, enquanto que outras só podem ser ressarcidas através de sujeições tenebrosas. A lei de gênero, grau e número, prevalece em tudo no plano relativo. De acordo com o conhecimento de causa e o propósito alimentado, assim se responderá. A Grande Lei não toma parte em manobras convencionais e não se ilude com as artimanhas de quem quer que seja; perante ela, como último recurso atenuante, prevalece a verdadeira intenção pura. Em verdade, felizes os que se apresentarem errados, mas ostentando a validade da mais fiel boa intenção, da mais perfeita e comprovada espontaneidade.

Entretanto devemos, como testemunhas que somos da Verdade que é, uma palavra aos que militam nas hostes **protestantes**, que soem fazer da fé, da crença na Bíblia, a medida completa de ordem espiritual, de obrigação religiosa. Em primeiro lugar fica de pé esta razão – o espírito deve tornar-se puro e sábio, não o podendo fazer de um só golpe, nem por acaso e menos ainda por atender a sistema de culto contemplativo. Em segundo lugar prevalece esta outra razão – muitos dirão, um dia: “Senhor! Senhor!” – e lhes será respondido aquilo que também o evangelho encerra...

Verdadeiramente, há mais religião pró-forma na Terra do que culto espiritual de fato. As **aparências** encobrem as deficiências. Isto, fica bem entendido, perante o mundo e não perante a Grande Lei. A chamada morte derrete as aparências.

Nas regiões inferiores do Céu ainda há lugar para toda e qualquer forma de atuação religiosa. Nunca prevalece o princípio de salto, de mudança brusca, de avançamento repentino. Toda e qualquer condição terrena tem aqui o seu plano correspondente, a sua duplicata astral.

O teofanismo, o encontro com a Divindade, por natureza é a colimação do processo evolutivo, é o produto da sublimação interior, do exalçamento do Cristo interno. Que é, afinal, o grau crístico? Não é o processo evolutivo interno levado a cabo? Não é a levedação completa de um espírito? E que elementos oferece esse grau, uma vez atingido? Não é o poder máximo espiritual, pela dialética de ambas as virtudes, a do indivíduo que se apóia em Deus e a de Deus que apóia o indivíduo? Nem mais nem menos, pois o **estado crístico é o sintônico** por excelência, com referência a Deus – quem o alcançou colhe na Fonte Geratriz e distribui segundo a Justiça Suprema.

Nunca existiu um grande revelador, uma palavra autorizada, que não fizesse essa afirmação. As emendas sectárias, os cleros corruptores, a tudo desvirtuaram, mas a realidade é que todos vislumbraram, como ápice evolutivo, um ponto de sintonia entre o Filho e o Pai. A Humanidade deve aos cleros a corrupção dessa verdade, o aviltamento do verdadeiro sentido das sucessivas Revelações, a implantação da balbúrdia no lugar da realidade religiosa. E num ponto de suas artimanhas encontra-se a prova dessa verdade – não há clero sem dogmas, sem defesa cerrada de suas traficâncias interesseiras, materialmente interesseiras, pois o Céu não tem necessidade alguma de seus engodos, de suas afirmações ou negações.

Faz-se urgente uma compreensão – devem procurar aprender com a Verdade que é e não truncá-la por todos os meios e modos, a fim de manter um meio de vida que lança nas regiões inferiores, senão nas trevas, de onde muito custa sair.

Depois de muito saber destas realidades, uma vez mais obriguei-me a observá-la indo atender a um daqueles padres, em companhia de Mazzini.

– Está muito arredio – falou-me Mazzini – com ar tristonho. Teima em nada aceitar, nem de Deus nem dos irmãos, pois julga-se traído em sua profissão de fé. Diz que passou a vida a falar de Deus, o que já foi bastante merecedor.

– Onde está ele? – indaguei.

– Num calabouço... Meteu-se num calabouço...

– Fez isso depois de ser recolhido?

– Não, está na crosta; lá é que se meteu num calabouço.

– Logicamente, amigo Mazzini, a treva de dentro convida à treva de fora. Depois de tudo, quem fez da fé um comércio nunca deveria pensar assim. Ao menos devia ser coerente e concordar com a Justiça Divina.

– A questão, como já disse, é que ele pensa estar certo. Diz que passar uma vida inteira a falar em Deus, no Céu, no Diabo, no inferno, no purgatório, e a ouvir confissões, principalmente a ouvir confissões, muito deveria representar em seu abono.

– Pensa estar certo... Pensa estar certo... – balbuciou outro companheiro, um daqueles padres, agora bastante a par da Grande Lei.

Mazzini avançou:

– Tenho-lhe muita piedade. Foi, segundo já soube, em outros tempos, bondoso irmão carnal, havendo-se metido em grandes faltas por questões de terras. Tirou a vida a dois irmãos de jornada carnal, terminando os dias num calabouço... Agora, seja pelo que for, meteu-se num calabouço e de lá diz que jamais sairá, a menos que o convoquem para um plano superior, para um lugar feliz.

Inquiri:

– Então, está ele a par de tudo?

Respondeu-me Mazzini:

– Disse-lhe de tudo um pouco, mas nada o convence a admitir o desiderato Superior. E eu temo pelas conseqüências... Como sabe, a revolta faz os caracteres tenebrosos. Pode, por descer na

escala vibratória, projetar-se aos abismos, de onde será muito mais difícil ascender. Queria, por isso, a sua ajuda.

– E a terá, amigo Mazzini, com muito gosto. Contudo, quando a criatura não quer aceitar, por inteligência e afeição, pouco se pode fazer. Cada qual tem em si a chave que fecha e que abre; e Deus lhe garante, por lei, o devido uso.

– Persuadir, persuadir, eis tudo. Tenho alguma esperança.

– Vamos, então, ao nosso revoltado irmão.

Para lá nos trasladamos, indo encontrá-lo metido numa antiga prisão, bem no fundo de uma gruta aberta na rocha. Assim que nos viu, começou a endereçar-nos palavras de baixo calão e a dizer contra Deus tudo quanto lhe brotava da rebeldia em curso livre e intenso.

– Vamos conversar como bons amigos, ao menos – convidou-o Mazzini.

– Amigos! Amigos! Se é amigo, por que não fala com Deus para me auxiliar?

– Deus está no íntimo de tudo e de todos. E com Ele se fala através do Amor e da Sabedoria. Arrenda-se, Nicola, que bem sabe o quanto vale um arrependimento sincero.

Nicola rugiu, como se fora uma fera acuada, pronunciando os mais feios palavrões. Nada queria, nem de Deus nem dos homens.

Mazzini volveu, cheio de paciência:

– Seja compreensível, Nicola. Reconheça a Imaculada Justiça do Senhor. Se se fizer penitente, trabalhando e aprendendo, cedo estará bem. Jesus necessita de fiéis obreiros...

Lá da furna escura e fétida vinham blasfêmias e mais blasfêmias, agora endereçadas ao Divino Mestre, o símbolo vivo da renúncia e do perdão, a mais pujante testemunha da imortalidade e das glórias espirituais.

– Aqui está um nosso amigo, Nicola, e deseja falar-lhe...

A resposta veio, de acordo com o seu estado de ânimo:

– Que fale com os infernos!... Vão para o diabo que os carregue!...

Mazzini volveu a mim, cheio de tristeza, dizendo:

– Barnabé, esse é o caso. Peço a sua ajuda. Talvez com o concurso de alguns espíritos encarnados, que contribuem com poderosos fluidos, possamos convencê-lo e encaminhá-lo. Não acha?

– Mazzini, a estes tais aplicar-se-ia a palavra do Cristo, quando ordenou não se atirar dádivas aos cães e pérolas aos porcos. Contudo, vamos fazer o possível, uma vez que há de sua parte um grande interesse, um grande desejo de servir, de ser grato.

– Sim, de ser grato, pois foi-me bondoso irmão. Fiquei órfão ainda em tenra idade, vindo ele a se tornar a tutela mais que desejada. Criou-nos, a mim e a mais dois irmãos, instruindo-nos e consolidando nossas posições. Mais tarde, como já disse, para defender o que nos pertencia, em séria troca de tiros, matou e findou os dias numa cadeia. A hora chegou de ser-lhe grato... Deus me atenderá, tenho certeza, pois Sua Justiça ultrapassa os limites de nossas compreensões.

Do fundo daquela furna escura e fétida, uma sombra negra surgiu, encurvada, medonhamente suja e esfarrapada. Metia medo, causava horror. Veio ao nosso encontro, parou em nossa frente, e com aquela boca espumosa, que se abria em tufos de barba e bigodes sujíssimos, perguntou:

– Que conversa é essa?... Eu nunca tive irmãos!... Era filho único!...

Mazzini explicou:

– Em vida anterior, Nicola. Faz alguns séculos... Você não sabe, muita gente não sabe, mas as leis de Deus não são à custa das gentes, sejam ignorantes ou sábias. Tudo o que deriva de Deus é fundamental, não nos é sujeito, e com essas leis temos que harmonizar, se quisermos ser felizes.

Notei-o grandemente aborrecido, por isso que lhe fiz uma pergunta:

– Nicola, onde está a sua fé?

Olhou-me, com aquele monstruoso olhar, respondendo através de outra pergunta:

– Onde está a minha fé?...

– Sim, a sua fé, já que conhecimentos não tem. Ao menos a sua fé, a sua certeza das verdades de Deus. Um padre, por mais que seja um mercador da fé, por menos que entenda das verdades de Deus, nem por isso deixa de ser alguém que fala e estimula à crença. Onde está a sua certeza espiritual?

– A minha certeza espiritual?... – tornou, com voz quase embargada.

– Sim. Num encarnado a falta de fé representa inconsciência das leis originárias, constituindo um **grave erro**, pois nada há sem princípio, sem causa determinante. Num desencarnado esse erro se torna aberrante, vale como blasfêmia, pois quem sabe e sente a **continuidade da vida** não tem o direito de escandalizá-la. E quando o escândalo vem de um profissional da fé, tanto pior, tanto mais terrível é a blasfêmia.

Estático, idiotamente estático, gemeu ele:

– Fui traído... Fui traído... A religião me traiu...

– Não o entendo, Nicola – disse-lhe Mazzini, condoído.

– Fiz tudo por ela... Ela em nada se lembrou de mim... Fui traído!...

Mazzini atacou o ponto crucial:

– Jesus ensinou que os templos de fato são os irmãos, são os espíritos. Nós temos feito, como padres, o contrário, lutando pelas posses, pelos domínios temporais, pelas regalias mundanas. Além de traírmos o Batismo de Espírito, o centro de gravidade da função messiânica do Cristo, ainda por cima temos ficado com o mundo, com a política, com o dinheiro, com as terras e com as casas...

– Traidores do Batismo de Espírito?... Como assim?!... – interveio ele, esbugalhando ainda mais os congestionados olhos.

Mazzini falou-lhe, explicando-lhe a grande verdade, a dolorosa realidade:

– Irá ler, em verdadeiros documentos, no que se encerrou a missão do Cristo, que foi Batizar em Espírito, edificar doutrina sobre o culto da Lei e da Revelação. Irá entender o grande fenômeno do Pentecoste, e o culto dos Apóstolos, que se constituía de viver a Lei e cultivar a Revelação. Irá saber que até meados do século quatro, ninguém cogitava, em sã consciência, de títulos, de hierarquias, de papados, de templos, de políticas, de posses, de mil e uma pagodeiras, como daí em diante começou a ser, quando através da vitória militar e política de Constantino, o cisma foi vitorioso, a Revelação foi banida, Roma espezinhou a missão do Cristo e implantou a sua paganidade, a ferro e a fogo, por toda a volta do Mediterrâneo, onde quer que alguém falasse em Cristo.

Nicola interveio, afirmando:

– Tudo, em torno de Jesus, segundo os Evangelhos, transpira a culto de dons espirituais, de comunicações mediúnicas, de fenômenos e prodígios. É exato ter Ele dito, que lhe importava ser crucificado, para que o Consolador viesse. Dias depois, deu-se o fenômeno do Pentecoste, do Batismo de Espírito. Sei, também, o que sabemos ter sido o culto dos Apóstolos – eles praticavam a Revelação, assim é que lemos tantas vezes... Mas eu não cometi traição dessa monta, pois não fui o artífice de cisma algum. Obedeci, fiz como os superiores ordenaram, segui o rumo de todos os padres...

– Não os do Cristo – interrompi-o.

– A culpa não é, não foi minha; encontrei a Igreja assim – respondeu-me.

– Por que não acerta as coisas por si mesmo? – ventilou Mazzini.

Nicola ficou pensativo, gemendo outra vez:

– Fui traído... A Igreja me traiu...

Um nosso companheiro avançou, dando de ombros, com descaso:

– Quem traiu o Cristo não podia trair um simples padre?

Nicola endereçou-lhe penetrante olhar, observando-lhe:

– Que sabe você, preto velho? Também quer me culpar?

Como se referisse à cor do nosso companheiro, que era a mesma deste humilde servo do Senhor, intervi:

– Preto sim, mas trevoso não. Demais, irmão Nicola, aqui ninguém é acusador, pois para acusar bastam as próprias ações. Nós queremos é servir, porque essa, e não outra, foi a medida ensinada e praticada pelo Cristo.

Aquele companheiro aguardou a sua oportunidade, respondendo:

– Sei que sou livre pela graça de Deus, e que não me prendem medidas de homens, estatutos nem artigos de fé. Sou grato a Deus, por isso, e grato a mim mesmo, porquanto aprendi a ser simples e humilde, mas altivo e brioso quando se trata de respeitar as leis do Senhor. Não me escravizo pelas patacoadas que as religiões inventam. Aprendo o melhor possível e respeito o que merece respeito. Conservo a pele negra, mas não penso ter negra a alma, teimando e blasfemando contra Deus.

Esperava o revide daquela grotesca figura, mas afinal veio um murmúrio, uma plangente aceitação:

– Têm razão... Tenho-me revoltado contra Deus e contra tudo e todos.

Docilmente, Mazzini falou-lhe:

– O caminho da Verdade não se fecha jamais a quem quer que seja, embora nenhuma falta fique em esquecimento. Todavia, ninguém vence por teimar em contrário...

Nicola interrompeu-o:

– Pior do que estou, poderia vir a ficar? Não acredito!...

– Pior, muito pior, terrivelmente pior! – informou-lhe Mazzini – E saiba que lhe daremos quantas provas quiser a respeito, sem muito custo. Você está na divisa, está precisamente no ponto de transição entre um grau e outro, a caminho do pior. Foi por isso que convidei este amigo, a fim de persuadi-lo a trilhar outra senda, um caminho de libertação. Se a minha boa vontade para consigo representa alguma coisa, algum valor perante sua inteligência, peço que considere isto – se descer um pouco mais, muito mais lhe custará subir depois. Porque desmanchar é tão fácil o quanto construir é difícil. Pense e aproveite a boa vontade que lhe estamos oferecendo.

Saímos vitoriosos, pois ele respondeu:

– São dignos de muito respeito. Quem ama a tal ponto merece de fato respeito. Eu acompanhá-los-ei.

Fomos entregá-lo num posto de socorro, a fim de ser cuidado como era devido. O tempo foi contribuindo para que ele se pusesse em ordem. Mazzini, que se fizera ardente estudioso das velhas Revelações, metera-lhe em mãos tudo quanto lhe fora possível, alegando que, em casos tais, muito vale exaltar na criatura o senso de universalidade. Realmente, para quem daí chega em **condições mentais libertas**, por estudar e admitir tudo o que é bom, venha de onde vier, **não calcula** o quanto isso representa de bom. Os exclusivismos, ou sectarismos, enclausuram as criaturas em âmbitos mentais tão estreitos, que as estreitam também, tornando-as cheias de prevenção, esquivas, arredias aos melhores progressos.

Chegou o dia do desencarne de Etna, minha esposa.

Depois de quarenta e tantos anos de cultivo espiritista, e de haver amalhado elevadas credenciais de espírito, e ter penetrado vezes sem conta o plano espiritual em sã consciência, cumpria-lhe vir para aqui em estado de profunda inconsciência. Sua arteriosclerose a entregara a um derrame cerebral, caindo em estado de sonolência aguda. Enquanto o desligamento não fora ordenado, por quatro dias permanecera no leito, sem fazer mais do que respirar e gemer surdamente, à espera de algum recurso, de um socorro que só a morte poderia ofertar, isso mesmo através dos trâmites conseqüentes e em escala favorável.

Etna fora esposa exemplar, mãe carinhosa e espírita fervorosa, em obras. Vinha armada de seus merecimentos, de suas validades conquistadas à custa de uma vida saturada de trabalhos; suas preces foram feitas, em palavras e em obras de solidariedade humana.

A faculdade mediúcnica espocada, a incorporação a tornara capaz de servir a quem não via, a quem não sabia de onde vinha nem para onde iria. Muito conseguiu, e quanto o sabe Deus, pondo suas possibilidades ao serviço do próximo em geral.

Durante os quatro dias de espera, ora o espírito se recolhia, forçando a vida junto ao corpo em frangalho, ora se desligava um pouco, forçava a saída, mas era retido. Nós, cientes do que ocorria, velávamos pela criatura imortal, pelo espírito em vias de libertação. O ambiente estava repleto de amizades! Seu corpo já não lhe conferia a devida filtração das vibrações felizes, emitidas por tantas mentes, mas o seu espírito, de quando em quando, sentia uma paz, um gozo que não era do mundo.

De minha parte, obtive permissão e transporte para o ambiente de morte o maior número possível de padres arrecadados àquelas trevas. Queria fazê-los compreender alguma coisa; pelo menos, que as ações humanas, boas ou ruins, nunca ficam em esquecimento. E ali ficaram, entre muitas centenas de outros espíritos, algumas dezenas de ex-sacerdotes, observando o curso cíclico de uma lei fundamental, evidenciado através do fenômeno chamado morte.

Eu já os havia feito conhecer outras espécies de desligamentos, assim como os fizera assistir a alguns ligamentos, ou encarnações. Eles oravam, agora, humildemente, sem a pretensão de perdoar e menos ainda absolver. Compreendiam que, acima de todas as cogitações humanas, de toda e qualquer cogitação, feliz ou infeliz, é que paira a Imaculada Justiça. Sabiam, enfim, respeitar Aquele que de fato dá a cada um segundo as suas obras, através da Lei, do recurso que é íntimo em tudo e em todos, nada deixando para trás, nada deixando em esquecimento.

Quando o desligamento se deu, ou foi ordenado, assim como se recolhe alguém aí, estirado sobre uma maca, e transportado para um recinto hospitalar, assim foi Etna colocada em tal peça, para singrar os ares, atravessar algumas divisas magnéticas, algumas fronteiras espaciais, carregada por aqueles que julgavam lhe dever algumas gratidões. Uns eram agentes serviçais do bem, que se haviam utilizado de sua faculdade, para servir a outros, e que agora penhoravam reconhecidos sentimentos em favor de quem lhes fornecera o instrumento de ação. Outros eram daqueles servidos, que vinham aguardá-la nos umbrais da libertação, a fim de testemunhar gratidão. Outros, ainda, eram amigos e convidados, estudiosos e aprendizes, que saídos do mundo armados de títulos, vinham completar saberes no formidando laboratório da morte.

A caravana aportou em uma região, que era um lugar de paz, uma vila plantada entre bosques floridos, entre jardins olorosos, entre fontes cantantes, um lugar próprio para recuperações daquela ordem. A chegada fora notada por avultado número, que vindo pelos caminhos terrestres ou pelo chão, e outros pelos caminhos do ar, vieram saber da ocorrência.

Um informante anunciou-lhes:

– Simplesmente isto, queridos irmãos – uma preta velha desencarnou, depois de servir a Deus através do Consolador e do próximo. Quarenta e tantos anos de trabalho nas hostes do Batismo de Espírito, um derrame cerebral e o carinho desta grande maioria. Eis tudo, por ora. Há de seguir-se, entretanto, o recebimento daquelas dádivas que se acham amadurecidas no espírito. Disso cuidará o Senhor, através de Seus servos prepostos para tanto.

A multidão espalhou-se e Etna foi recolhida a um leito de hospital.

Imitando ao Divino Mestre, ela dera-se no mundo, por muitos anos, a impor as mãos sobre milhares de sofredores. Agora, a par de medicamentos outros, vigorosos passistas vinham beneficiá-la, com essa mesma terapêutica. E foi melhorando, e foi acordando, até que pôde levantar-se e andar, por entre aqueles bosques floridos, por entre aqueles jardins olorosos, por entre aquelas fontes cantantes e aqueles carinhosos amigos.

Agora eu valia por dois, porque a companhia de Etna era uma complementação de todo feliz. Na Terra ficaram vários filhos, sobrinhos e netos, prolongando trabalhos na seara do Consolador; quer dizer que, se é necessário criar condição para haver aproveitamentos felizes, eu me via e sentia, então, em completa organização funcional. De fato, trabalhos não faltavam e fatores felizes pareciam sobrar.

Com o advento da primeira guerra mundial, muito se avolumaram os serviços, que já eram em elevada escala, pois as mentes encarnadas, funcionando de modo violento, para um ou para outro lado, também fazem guerra, também complicam, porque movimentam poderes energéticos, porque ativam falanges inconscientes, rebeldes, ainda fanatizadas pelas coisas do mundo. A guerra não é feita somente por aqueles que pegam as armas, por aqueles que se enquadram em suas ordinárias lides; a guerra é feita, também e violentamente, por toda aquela mente que se entregue, esteja longe ou perto, num pólo ou noutra da Terra, a funcionar vibrantemente por um partido. Torna-se uma usina de ondas mortíferas, propulsoras de falanges inferiores, avassaladoras, que muito contribuem para o incremento dos ódios, fazendo subir em alguns, de tal modo, o poder de violência, de tara mórbida, que o entrega ao estado de semi-loucura. As guerras representam, verdadeiramente, fornecimentos a granel de poderes infernais, àquelas legiões que nos baixios astrais, nas faixas trevosas, pululam, lutam, aguardam oportunidade para subir e promover mil e uma tragédias.

De bom senso, ninguém deveria pensar em guerras. Entretanto, já que ainda falta maturidade espiritual à Humanidade em geral e aos homens em particular, seria de bom alvitre que o mal fosse circunscrito; isto é, que além dos rincões de batalha, o restante da Humanidade pensasse de outro modo... Mas, não dediquemos tempo ao que é por demais prematuro. De tudo chegará a hora, porque a Vida com inicial maiúscula encerra os valores que a isso conduzirão. Ninguém se faz grande aos saltos, nada é por acaso, todos os valores de fato encerram os seus justos motivos e comprovam o fator evolutivo, o processo levado a termo. Repitamos – o teofanismo prático é obra de colimação evolutiva!

No bojo da guerra levantou-se no mundo uma divisão de ordem político-social-econômica de tremenda importância; tremenda duas vezes – uma vez porque de ordem revolucionária, afrontando a tradição multi-milenar, e outra vez por constituir a base de uma lavratura materialista assustadora. Sabemos nós o quanto custou a obra de animalização desse movimento, que em tudo seria acolhedor e digno, não fosse pretender resolver os problemas do bolso e do estômago à custa de se lançar contra o espírito e contra Deus.

Deu muito trabalho, está dando e muito fez perder. Um prato de lentilhas, em maior escala social, fez perder muitos espíritos. E rumará tempos afora, até o dia em que se dê a peleja apocalíptica há muito prevista. Não surgiu por acaso e não terminará sem produzir o seu efeito. Depois da tragédia de maior alcance por que passará o mundo, uma nova ordem, um novo ciclo dirá de nossa afirmação.

O certo, porém, é que temos tido muito trabalho, pois faz-se importante evitar a catástrofe do regular edifício espiritualista até aqui erigido no seio da Humanidade, edifício que custou o martírio de mentores espirituais da maior elevação. E deixamos, uma vez mais, consignado o nosso espanto intelectual na seguinte interrogação: – por que fazem os pensadores de certa ordem confusão entre a chicana clericalista que deve terminar e a Verdade Imutável que deve merecer o respeito geral?

No entanto, vamos à frente.

Depois de uma esplêndida manifestação dos planos superiores, em que os ares ficaram divinamente ornados com a presença de legiões iluminadas, cantando os mais belos hinos, declamando as ultra-inspiradas composições de nossos poetas, num mundo de luzes múltiplas, impossível de ser descrito, de volta encontramos a ordem a tanto desejada – ir ao encontro de Bento, meu suposto pai.

Eu já havia, não só esquecido, mas até admitido aquele seu brutal procedimento para comigo. Impossível, entretanto, fora esquecer o irmão faltoso, fosse lá pelo que fosse. Arrastava comigo uma espécie de carga histórica, um liame vinculador, alguma coisa transcendente a me prender a ele. E no meu íntimo, fazia algum tempo, levantava-se um sentimento de aproximação, a idéia de buscá-lo, de lhe valer nalgum sentido. Atingiam-me, agora sei, ondas mentais solicitantes; mercê de Deus, como

estava sintonizado ao bem, aos ideais de amor e de perdão, essas ondas se aninhavam nos recessos de minha alma. Foi, pois, com imenso prazer que recebi o encargo de procurá-lo, de encaminhá-lo à paz e ao progresso.

Sabe-se, e muito bem, ser o espírito uma centelha divina, lançada na ordem das individualidades, simples e inconsciente, agindo em função do automatismo genérico, do Poder Supremo que o projetou no plano dos dinamismos evolutivos, mas que encerra, em potencial, o Céu em sua intimidade.

Depois de ser lançado, portanto, no plano individual, conseqüentemente torna-se evolutível pela lei do dinamismo, do movimento. E que espírito poderia furtar-se ao plano geral? Quem poderia neutralizar a força central que mantém e dirige as coisas e os seres?

Tomemos o homem, portanto, como parte integrante do organismo universal, no seio do qual terá que se mover e evoluir. Não tem outro recurso, não valem pretensas apelações inibidoras. É parte da Ordem Geral e a ela está ligado para todos os efeitos. Quando em atos se coordena com a Grande Lei, torna-se feliz e aumenta os próprios poderes de conquista; quando age à revelia, ou discorda, faz-se vítima, torna-se presa de suas mesmas faltas, adquire, para mais tarde, tributos dolorosos.

O burburinho da vida, ou das vidas, encobre, então, as contingências que provocam reacertos. Dissimulados por entre os lanços mais inesperados, por entre as fases de alegria e dor, os ditames da Ordem Geral fazem-se respeitar. O homem, como produto apenas de suas suposições intelectivas, esse homem pode morrer, pode sumir; mas o homem de fato, o homem de Deus, o espírito imortal, esse paira acima das cogitações em geral, acima do homem temperamental. A Lei Geral nunca jamais permitirá na perda de um centil de suas validades, negativas ou positivas. Dos abismos do espírito surtem eternos proclamos do Poder Supremo. Jamais restará do homem apenas a massa, o número; ele será eternamente um valor, um poder vibrante, uma energia transmissora, por mais que se empregue mal, por menos que faça por valer, porque é filho da Suprema Essência, porque é subordinado à Ordem Geral.

Assim como se arrastam pelo Infinito em fora os Infintos Mundos, em suas vertiginosas carreiras, marcando na cronometria dos ciclos os períodos evolutivos em marcha, assim o espírito se encaminha, através dos altos e baixos de suas ações, aos páramos da Vida. Ninguém deve, portanto, pasmar-se em face do homem do presente, quando tiver que focalizar, para efeito de meditação filosófica, o homem que na Terra pareça estar bem ou mal situado. Melhor é deixar para outros dias o serviço de aquilatação geral, de julgamento final. Porque, seja como for, a alma encerra glórias que a grosseria presente não permite sequer vislumbrar ao longe.

O riso pode muito bem transformar-se em pranto, como o pranto pode muito bem transmutar-se em riso. Enquanto se está no plantel das aparências, faça-se respeitoso silêncio, pelo menos se reconheça a validade das leis fundamentais e a enquadração do indivíduo em julgamento.

As vidas sucessivas são camadas experimentais superpostas; entretanto, a liberdade relativa de auto-uso pode corromper o direito e a alma se vale de um bem fundamental para adquirir um mal temporário. As torturas infernais foram todas elas conseguidas à custa de ações inomináveis, e estas ações foram levadas a cabo à custa de leis dignas de muito respeito. Deus, depois de lançar o espírito na ordem dinâmica, senhor de poderes celestiais e liberdades semidivinas, embora em potencial, não mais ingere em suas questões, não mais se impõe particularmente – é a Ordem Geral, é a Lei quem governa, porque ela é a manifestação, no próprio homem, da Presença Divina e da Justiça. Afirmando a Escritura a sentença e o Cristo a reproduzindo – “Vós sois deuses” –, ficou dito que o homem consigo mesmo acerta suas contas.

Eu e o meu então suposto pai, em certo tempo de nossa história, levantamos um débito de ordem íntima. Lavramos em nós mesmo uma terrível marca, não havendo outro recurso, para desmarcar, sem ser o trabalho ressarcitivo doloroso, em vista das circunstâncias em que a lavramos. Fosse outra marca de falta, e por menos má fé, o bom trabalho, a caridade, até mesmo o puro arrependimento valeria como dirimente. Agimos maldosamente, eu o forcei a proceder mal, e o seu ódio posterior encarregou-se de piorá-lo, de incriminá-lo ainda mais, enquanto que eu, reconhecendo a falta, e fazendo por liquidá-la, entreguei-me a reencarnações difíceis e a trabalhos árduos. Se não traguei de todo a morte na vitória, pelo menos desbastei em mim o quanto pude as arestas, as quinas que me apresentavam como um devedor.

Bento, ou o meu suposto pai na última reencarnação, fez o indevido – comprovou a velha assertiva, aquela que diz com muita propriedade, que um direito mal usado se transforma num débito encruado. Verdadeiramente, não basta ter razão, não basta ter direito; faz-se mister saber tê-lo.

Eu, Etna e alguns outros, fomos encontrá-lo em região inferior, não trevosa, mas bastante sofrível. Já havia passado pelo pior e achava-se em trabalhos árduos, qual condenado terreno em faina prisioneira.

Muitas criaturas acham-nos novelistas imaginosos, quando lêem o que transmitimos, relatando a vida e seus trâmites, nestes etéreos domínios, nestas plagas onde, de acordo com toda a obra do Senhor, uma normalidade sempre há, para dirigir os fenômenos a seus justos fins. Entendamos – os seres agem, as ações provocam reações e as reações demandam outras tantas ações; portanto, em parte forçamos o plano dos efeitos e em parte os efeitos obrigam-nos a reagir, surgindo então o dialetismo complementar, isto é, o ciclo mecânico completo, como produto da simbiose entre o necessário e o contingente. O homem é, no plano relativo, o centro de gravidade, mas por medida de ordem superior, não pode prescindir das imposições externas, a fim de evoluir. Age, cria casos e contingências, defronta situações, supera ou fracassa, mas sempre vive, tem suas necessidades, loba modos de vitória, lança-se à luta... Luta é ação, toda ação é conseqüente, provoca reações... Mas, para que repetir em palavras aquilo que a vida obriga a repetir em ações, até a complementação final? O ideal seria, compreendamos bem, que jamais fossem desperdiçados esforços. Entretanto, como dissemos noutro capítulo, muitas graças naturais são empregadas para fins menos recomendáveis.

E surgem, então, outras necessidades. Por exemplo, surge a necessidade ordinária de ambiente, de *habitat* próprio ou condizente, para que as reparações sejam levadas a termo. Na Terra é fácil pensar em tudo, seja a saúde, seja a doença, seja a riqueza, seja a miséria; todos os contrastes podem ser facilmente conhecidos e julgados. E não há quem pense sensatamente, racionalmente, e não faça uma indagação ao menos, sobre a tremenda diversidade entre umas e outras condições e situações.

Se na Terra é assim, como será no mundo espiritual?

Não somos novelistas, não pensamos distrair a quem quer que seja. Estamos agindo sob a tutela de Ordem Suprema. Relatamos o mínimo, porque o máximo seria ainda insuportável pela imensa maioria. Não é necessário que volte o Cristo e repita aquilo de que trata o versículo doze, do capítulo dezesseis, do Evangelho segundo João; nós sabemos o quanto é esquivo à Verdade o espírito malicioso do homem terrícola.

Todavia, a quem perguntou a Verdade alguma coisa, a fim de que se testemunhe como Verdade? Não importa como nos interpretem; muito piormente fizeram com os grandes reveladores, aqueles mesmos que se acreditavam senhores de toda Verdade! Seria o escândalo uma verdade, sendo filho da simplicidade ou da indiferença? É certo que não. Nesse caso, surjam os pretensos conhecedores de toda a Verdade, de todas as leis, de todos os poderes, e fabriquem escândalos.

Um dia, também dia ordinário, comum, simples, porque em face de Deus não prevalecem especialidades, a Verdade vencerá a malícia. Cessará então a contradição; o pretenso sabichão fará marcha à ré, deixando a vaga para outros e mais outros primitivos, outros tantos sabidões de si mesmos...

Bento, portanto, estava numa faceta astral, numa terra etérea bastante inferior, mas sempre terra, sempre lugar integral em sua feição ambiental. Tórrido o sol, ressequidos os campos, mirrados os arbustos, miseráveis os seres, despóticos os chefes em geral. Enfim, tinha o mundo exterior na razão direta do seu mundo interior... É bem fácil entender, não é? Já não ficou dito que o **Céu de fora corresponde ao Céu de dentro**? Como entregar a um mundo de luzes gloriosas aquele indivíduo cujo “olho interno” seja trevoso?

Fomos encontrar Bento, precisamente onde devia estar.

– Então, irmão Bento? Sempre esperançoso? – abordei-o.

Suarento, esfogueado, olhou-me bastante e não me reconheceu.

– Sou Barnabé – avisei-o.

Largou as latas, ou baldes, com que transportava água montanha acima, fazendo um trejeito facial que me pareceu longínquo vislumbre de alegria.

– Não tem o que dizer? Somos iguais em natureza e destino. A diferença...

Tampou o tostado rosto com as duas mãos e caiu em profundo pranto. Etna falou-lhe, carinhosa e confortadoramente, dizendo-lhe de nossa função. Desceu as mãos calosas, deixando ver o tisonado rosto todo banhado pelas lágrimas. Ninguém mais lhe falou, aguardando a sua palavra. Ele, então, fez um sinal – era mudo.

– Quando emudeceu? – perguntei-lhe.

Fez outro sinal, dizendo que depois do trespasse. Fiz-lhe, então, o sinal que definia a nossa presença ali. Ele sorriu, um sorriso cheio de terno reconhecimento, agarrando-se ao meu braço direito e pondo-se a nos acompanhar. Etna apanhou-o pelo outro braço, com o que ele muito se agradou, osculando-lhe respeitosamente a mão. Fomos ao departamento administrativo, demos conta do encontro, agradecendo a todos, havendo partido rumo ao plano indicado na ordem de serviço.

Bento ficara entregue ao corpo médico local, para ser tratado. Eu e Etna fomos-lo visitar no dia seguinte, fez sinal de que nada lhe haviam feito, embora o tivessem examinado atentamente. Saímos, indo falar ao assistente geral, pois o do pavilhão não se achava presente.

Disse-nos o assistente geral:

– Não tem vestígio físico algum. Por isso, oficiamos ao departamento informativo, a fim de sabermos a origem de sua surdo-mudez. Como sabe, algumas falhas orgânicas têm origem nos fenômenos psíquicos intensos, mormente quando se trata de sentidos, cujo mecanismo depende, na maior parte, do equilíbrio eletro-magnético. Se a informação vier conforme nossa expectativa, faremos aplicações de ondas energéticas, ao mesmo tempo que o sujeitaremos a passes contínuos.

– De qualquer forma, tudo sairá bem – ventilei.

Abanou a cabeça, em sinal de inteligência, considerando:

– Se os espíritos fossem perfeitos, onde estariam os corpos doentes? Como pode observar, até aqui se prolongam as formalidades que denunciam a necessidade premente de aquilatações minuciosas. ***Lei é Lei, seja onde for... Ninguém poderá inverter a ordem normal das coisas; jamais haverá quem possa de fato escandalizar a Lei. Ela se faz minuciosa, impõe-se e triunfa, fazendo vencer, obrigando a triunfar...*** Podemos pensar em contrário, mas essa é a norma fundamental.

Suspirou tristemente, talvez rememorando algum feito próprio, rematando:

– Entretanto, duro é enfrentar a Lei... Eu também fui aleijado, eu também tive as minhas liberdades, eu também usei mal certas liberdades... Enfim, aqui estou, tratando dos outros. Compreende? Desci, fui vítima de mim mesmo, paguei, e aqui estou zelando pela felicidade alheia, naquilo que me toca ser útil.

Encarou-me vigorosamente, penetrantemente, indagando:

– E você? Que crime cometeu?

– Fui recepcionado... O Céu veio em meu amparo... Desencarnei em ordem...

Ele me olhou com certo espanto, medindo-me dos pés à cabeça. Depois, entredentes, murmurou uma pergunta:

– Sendo preto?...

Respondi-lhe:

– Sendo preto, sim senhor.

Qual dementado, gargalhou, esparramou-se na cômoda poltrona, repetindo:

– Graças a Deus!... Meu pai dizia que um preto é sempre um preto!... Vejam só que maravilha!... Quem diria?... Deus pensa de outro modo!... Deus não usa os pretos para serem escravos!... Que maravilha!...

Aquilo espantava-me um pouco. Um pouco só, não muito. Aquele homem era um douto, um rico, um portador de certas vantagens. Parecia meio dementado, meio louco, assim como quem sai de um manicômio, meio curado, meio doente.

Perguntei-lhe:

– Seu pai?...

Ele avançou intempestivo:

– Ora! Ora! Ora! Meu pai era fazendeiro, dono dos corpos e das almas, da saúde e da doença, da fome e da fartura!... Dizia que um preto é um preto, que nunca passa disso, que nasceu para ser escravo... Que estopada! Que estopada para ele!... Agora está na Terra, é preto, é preto!... Preto retinto!...

– Seu pai?...

O assistente geral fechou carranca num repente, transmudou-se, fez-se outro. A minha vez era a de ficar quieto, a de guardar silêncio. Ele nada mais disse, eu nada mais perguntei. Despedi-me, fui para meus penates. Minha mente fervia, minha alma fremia, minha razão considerava. Toda a filosofia que eu sabia não bastava, não era suficiente para aquilatar aquilo. Entretanto, a vida tudo podia comportar, eu era mais ignorante do que sábio. Sabia pouco, estava de acordo com a vida, com os seus matizes, com a Grande Lei... Acima de tudo com a Grande Lei!

A vida, por aqui, caracteriza-se pelo múltiplo infinito de seus aspectos, de suas gamas, de seus matizes; de alto a baixo os graus se distendem incontáveis na escala geral. O gênero desmancha-se em graus e números a mais não contar, e os graus e números pululam em montantes astronômicos no painel genérico.

E cada indivíduo apresenta-se com as suas características definidas.

Por ser igual em origem, plano de evolução e finalidades, nem por isso faz a vez de outrem, vale mais ou menos. Não, é como é. Representa o tom específico e nada mais.

Ninguém julgue, portanto, completo a espírito algum, desses que se apresentam nas sessões, desses que ainda se mesclam nas questões humanas, seja por serem amigos, seja por serem guardas, seja por serem guias; enfim, seja lá pelo que for. Cada qual tem o que conseguiu ter e nada mais. Quanto a estes planos, as condições, situações e funções variam, sempre na conformidade da evolução e dos merecimentos. O panorama psicológico apresenta-se aqui muito mais amplo do que se julga aí. E bastaria, nalguns casos, um simples e distante vislumbre da realidade, para que alguns pretensos conhecedores e julgadores se assustassem.

Afinal, como já alinhavamos conceitos há pouco, faz-se mister haver lugar e condições para todas as graduações e matizes evolutivos. Graduações e matizes evolutivos significam tiques psicológicos, muitas vezes mal disfarçados traumas, outras vezes bem pronunciados distúrbios.

Cada indivíduo é alguém que deve trabalhar o seu próprio material; não adianta pensar em mistérios, em milagres, em favores, em saídas furtivas ou esquivas entradas. O indivíduo vive, agita poderes, imprime características, recebe efeito das ações – isto quer dizer, apenas, que forjou para si casos e estados, no presente e para o futuro. Erra gravemente se acredita resolver seus problemas à custa de recursos adventícios, supersticiosos; os escapulários valem muito, mas é para aqueles que os vendem, e isso mesmo enquanto palmilham a carne e necessitam de confortos materiais... Logo, em verdade, também prestarão suas contas e defrontarão seus casos e estados, suas ações e conseqüências.

As questões de ordem espiritual não são de ordem traficante. As permutas são necessárias, altamente necessárias, mas não se confundem com os comercialismos de outras ordens. O próprio conceito contemplativo, e sua aplicação como ética religiosa, apesar de puro, quando é puro, fica bem entendido, não basta! *Porque o espírito não se torna puro e sábio apenas por crer e confiar em Deus.* Esta verdade é irretorquível, esta verdade jamais passará.

O mundo exterior, com todo o seu poder contributivo influencial, nada mais representa, em sã verdade, do que a simbiose entre o estímulo e o forçamento, o prazer de ativar recursos potenciais e a necessidade tangente de fazê-lo. O cadinho, porém, onde se devem processar os trabalhos purificadores, onde as infusões se devem produzir e permanecer, esse é o **íntimo do indivíduo**. O contemplativismo, ele que já é alguma coisa, que já é luz, não cresce entretanto. E não basta que haja luz interior, luz opaca, luz mortíça; faz-se necessário haver luz viva, luz que cresça em si mesma e que aumente cada vez mais, a fim de tornar-se glória e poder.

Nas regiões inferiores do Céu, legiões existem e vivem, legiões que se votaram na Terra aos empregos contemplativos, induzidas pelas suas religiões; agora reconhecem, no entanto, que **não basta crer e confiar**, pois o melhor é, em conseqüência da crença e da confiança, mobilizar os recursos próprios e pô-los a trabalhar, a produzir. Crença e confiança valem como alicerces; surjam depois, os trabalhos edificadores, os esforços construtivos.

Nas esferas inferiores do astral, podemos estudar casos aos milhões. São legiões que se movimentam, nos mais heterogêneos misteres, procurando ganhar aqui, à custa da crença trabalhada, da fé produtiva, aquilo que não conseguiram ganhar no mundo, através dos mil e um baratinos religiosos. Ainda bem que é assim, ainda bem que se não corrompe a Lei! Caso contrário, que lucrariam aqueles que, por incultos e pobres, esquecidos do Estado e das babujas cerimoniais, carregados de filhos, de obrigações e misérias, se vêem impossibilitados para tais normas de crença?

Fomos visitar Bento, alguns dias depois, encontrando em seu poder uma recomendação do assistente geral. Queria falar-nos. Como tal, fomos em seu encaço.

– Os documentos de Bento estão aqui – disse-nos ele – e revelam agravos acima de tudo espirituais, isto é, de acentuado fundo moral. Errou contra a Lei, diremos assim para facilitar a compreensão, enquanto afirmava a Lei. Apelava para Deus, para o Cristo, para o Evangelho... Mas, infelizmente, **agia no plano da contradição.**

Deu uma piscadela de olhos, gesto muito seu e contínuo, procurando assinalar a melhor inteligência a seguir. Como lhe ficasse à espreita, demorou-se um pouco, afinal ventilando:

– Irmão Barnabé, pensei no emprego de fluidos humanos. Os fluidos animais comportam imensos valores eletromagnéticos. E você conta com essa facilidade. Os serviços que presta são por meio dos múltiplos intercâmbios.

– Não há dúvida que sim, senhor assistente. Como queira, assim faremos.

– Afinal, foi seu tutor, não foi?

Não respondi de imediato, mas achei que devia apartear:

– É meu irmão para todos os efeitos. Outras valências são por demais problemáticas, a fraternidade fundamental é sistemática, é impassível.

Olhou-me de soslaio, designando:

– Fica entregue o caso ao seu critério, durante cinco ou seis dias. Se não surtir resultado, volte com ele para este hospital, que havemos de tentar outras medidas.

Convoquei alguns companheiros, a fim de transportar Bento. Cumpre dizer, aqui, estar localizado esse hospital em região bastante inferior, servindo a quem mais não merece e conferindo trabalho a elementos do mesmo naipe. Sempre o retalho a par do tecido...

O assistente admirou-se do recurso posto em prática – onda mental em forma visível, emitida e dirigida com todo o vigor possível. Ele não alcançaria, no momento, realizar tal efeito, embora o compreendesse perfeitamente.

Chegados aqueles companheiros, entreguei-lhes Bento, rumando eu, Etna e mais um jovem recém-desencarnado, para a crosta. Ele devia falar aos pais, por merecimento destes, que muito haviam rogado, também.

De volta, fomos encontrar Bento em preces, em rogos; ele ainda pensava, que de tanto orar é que se tiram muitos proveitos. Isto é, rezava pela cartilha de muitos outros, pois a Terra é pródiga em criaturas que falam muito e realizam pouco, contrariando assim a medida justa, o requerido pela Lei.

– Que faz, irmão Bento? – perguntou-lhe Etna, notando-lhe o concentrado balbucio, a ponto de não nos perceber a chegada.

Meio assustado, pois fora por ela sacudido, com expressivo gesto respondeu:

– Rezo! Rezo!

Etna silenciou, franzindo entretanto o cenho, como quem percebe a nulidade d'alguma iniciativa, por inconsistente ou inoportuna.

Observando ele essa atitude, fez o gesto de quem diz:

– Quero ouvir, necessito ouvir!... Rezo, peço...

Etna sorriu-lhe, fez sinal de sim e recomendou-lhe paciência. Ele também sorriu, um sorriso bastante desconsolado, aceitando o conselho. Depois, mudo, quieto, triste, passou a fitar-nos, mas como quem espera alguma coisa, alguma notícia confortável.

Eu não sabia como resolver o problema da melhor forma, dizendo-lhe, por gestos, que no dia seguinte o levaria à crosta. Queria fazê-lo saber onde, mas não atinava com a mímica que significa uma sessão espírita. Repeti, portanto, a recomendação de Etna – paciência, muita paciência.

Etna apanhou-me o pensamento, a onda mental, opinando:

– Ele talvez não goste de sessões espíritas... É protestante...

Aquele jovem recém-desencarnado, observou:

– O que era quando estava nas trevas?

Etna, percebendo, repetiu:

– Protestante...

O jovem comentou:

– Então fica provado que a Verdade não tem preferências sectárias.

Bento continuava a nos olhar fixamente, como quem espera a resolução final para uma final equação. Ao nos retirarmos fizemos sinal de paciência e amanhã.

– Tenha paciência... Amanhã faremos o possível...

E saímos.

No dia seguinte, pela tarde, fomos buscá-lo. Ele aguardava-nos, de espírito sequioso, alerta, feito a imagem da esperança.

Por gestos, esboçou a pergunta:

– Será hoje? Estou ansioso!

Etna fez-lhe sinal, recomendando:

– Contenha-se. Seja temperado em qualquer contingência.

Bento fez sinal afirmativo, com a cabeça, mas seus olhos revelavam febril expectativa. Embora tivéssemos em mente suas pretéritas obras, a causa daqueles dolorosos efeitos, compreendíamos a sua razão. Ninguém pode ser feliz e sofredor ao mesmo tempo, nem mesmo estando, como ele vinha de estar, recolhido a um plano algum tanto melhor. Sem desrespeitar a Lei, sentíamos por ele compaixão.

Conduzimo-lo para a crosta, entregando-o ao espírito que guardava o recinto familiar onde se faziam algumas sessões. É que, pela necessidade específica, procuramos um ambiente próprio, onde havia um médium de efeitos físicos. Seus fluidos grosseiros muito poderiam valer num caso tal.

– João – disse eu ao servidor – fique com o irmão Bento; voltaremos mais tarde, pois temos dois outros para arrebanhar.

Partimos, à cata de dois outros, também indicados como bastante errados, também criaturas forte em palavras e frágeis em obras; isto é, a par da imensa maioria dos crentes. Porque, apesar de todos os pesares, é tradicional, desde que existem seres responsáveis sobre a Terra, haver muito mais aparências do que realidades, em matéria religiosa.

Abramos um parêntese, para focalizar o caso desses dois irmãos.

Não foi um simples lembrete do Cristo; é que, de fato, não convém ganhar o mundo e perder a alma. Compreendamos, porém, a relatividade da expressão – ninguém perde a alma, tornando-a, apenas, temporariamente embargada aos melhores proventos. Desconta os males, dirime as faltas, faz-se livre a fim de progredir, de avançar nos caminhos do Amor e da Sabedoria. Nada mais, nada menos, nunca havendo perdição total.

Mário e Daniel eram também irmãos carnis. E possuíam outros irmãos. Contudo, como senhores de mais idade e possuidores de outras experiências, tudo fizeram a fim de lograr mais posses, quando chegou a hora da partilha. O inventário serviu a eles, por suborno, de instrumento de lesão contra dois outros irmãos carnis. A terra estava ganha, e muito bem ganha, enquanto o Céu interno, o Céu do espírito entrava em colapso, ofuscava-se. Acontecer isso entre criaturas religiosas, que vivem, teoricamente, proclamando os esplendores excelsos da moral cristã, representa não apenas um fenômeno de lesão individual, mas também e acima de tudo uma demonstração do escândalo doutrinário. Um ato é apenas um ato; mas entre dois atos idênticos, aquele que implique em maior exemplo coletivo, esse é maior, para todos os efeitos. Se bom, tanto melhor; se ruim, tanto pior.

Não acompanha a pauta cristã aquela outra advertência, aquela que torna mais responsável o mais conhecedor? Entretanto, nisso mesmo muito se fala, enquanto pouco ou nada se faz. Há muita crença, é certo, em determinadas horas; nas horas teóricas, contemplativas, votivas. Quando chega a hora de adorar em Espírito e Verdade, em obras sociais, porque a Deus bem se adora amando-nos com fervor, então, infelizmente, a religião fenece e o mundo levanta-se, cresce, impõe-se e leva o crente às barras da Grande Lei.

Mário e Daniel foram assim. Tal e qual outros milhões ou bilhões, gerações e mais gerações recamadas, superpostas, escalonadas através dos tempos e das eras, estiradas ao longo do infalível tribunal interno, peregrinando, por isso mesmo, entre duras vidas e as calamitosas experiências. Mário e Daniel, um símbolo vivo, expresso em caracteres majestosos, indicando à grande caravana a seta que aponta o rumo do Céu interior. Criminosos de autotraição, iguais a nós outros, pois todos temos denegrado aos anelos mais íntimos e santos, mesmo que falando muito sobre um Homem, cujo nascimento deu-se numa estrebaria, que se vestiu com uma túnica sem costura, que andou de preferência descalço, falou a linguagem dos pobres e com eles chorou e gemeu sob o guante das mais corruptas autoridades, vindo a morrer, quase desvestido, encravado num lenho infamante.

Eis o retrato moral da imensa maioria dos cristãos!

Mário e Daniel terminaram ricos, muito ricos, altamente festejados pelo mundo, principalmente por aqueles que a eles passavam os mais subidos valores da religião. Eles começaram a vida fraudando, roubando a seus irmãos carnis, daí passando aos demais, culminando em apoteose e fausto mundanos. Os donos do credo esposado, davam-lhes tudo, ou trocavam graudamente. Deus, Esse estava muito longe, bastante longe para tratar de coisas tais, pensavam eles. Mas... Como poderia ser de menos? Quem nasce já não o faz hipotecado à morte?

Os ossos repousam, até hoje, em lugar de merecimento. Não importa, ao mundo, que as almas sejam, pelos motivos que honram e nobilitam os restos corporais, alguma coisa agravada, impedida, toldada; ao mundo bastam as aparências! E dizer que, com isso, uma religião faz a parte que lhe toca!... E dizer que, à custa dessa parte, duas almas se sentem hoje debitadas, lastreadas a um futuro de ressarcimento!...

Não escapa, a um espírito servo da Lei, a observação que faço, quando não seja a título de filosofia, o que seria diletantismo apenas, porquanto somos todos do mesmo nível originário e finalista. Questões alheias são cogitações minhas. Se me importo com os trabalhos, claro que posso me interessar pelas valências causais. Quem, pensando ajuizadamente, estaria contra mim? Quem, sendo razoável, deixaria de considerar a chama apavorante que consome os pensamentos de alguns irmãos menos felizes?

Gosto de aprender as soberanas lições da vida! Aprendi, quando ainda no curso terrícola, a não menosprezar as mais simples oportunidades educativas; e vim completar carreira nestas plagas,

onde se refletem todos os procederes aí consumados. Não acreditando na **falácia do Céu por sorte**, menos ainda na **mística dos milagres**, e muito menos ainda nas **falsas prerrogativas** que certos credos pretendem confeccionar e exportar, tudo me saiu a favor, a Verdade sorriu-me por completo.

Diga, quem bem queira dizer, como bem entenda; mas a realidade evolutiva é um processo **íntimo**, é a lavratura, no próprio espírito, da trabalhadora amorosa e sábia. Superar, sempre superar, eis a medida. E quem olvida a obrigação de serviços internos, superadores da ignorância e dos sentimentos menos honrosos, esse pode esquecer, também, a importância dos escapulários, achados, dados, ou comprados.

Os dois por lá andavam. Andavam? Não, corriam, desabalavam, numa febre egoísta, clamorosa, infernal. Terras, fazendas, indústria de laticínios, residência, escritórios, tudo eles varriam, reviravam, penetravam, atuando sobre uns, molestando a outros, criando casos e mais casos. Foram rezadas missas, foram dadas a institutos beneficentes importâncias em seus nomes; todos os recursos externos foram usados, todas as valências teóricas foram movimentadas em favor de suas almas. Eles, entretanto, continuaram correndo, zarpando, penetrando posses, escritórios, residências, sempre azucrinando alguém, sempre exigindo muito, nunca satisfeitos, jamais concordes com alguma coisa.

A Lei não faz leilão de princípios básicos; não arrecada fora de si nem oferece desideratos por acaso ou de favor. Embora tivessem, num templo, colunas de mármore a lhes lembrar o nome e honrar os títulos, Deus, expresso em seus íntimos, através da Lei, não partilhava do festim mundano, estava à margem dos conchavos estatucionais e dos interesses subalternos de seus manipuladores.

Fomos defrontá-los num imenso canavial, de permeio com uma trintena de capinadores, que se haviam estirado à sombra de algumas frondosas figueiras selvagens, aguardando a passagem da hora de mais intensa canícula. Eles berravam, vociferavam, tornavam-se terríveis em palavras e gestos. O véu da carne, o sudário adensado, entretanto, punha-os ao longe daquelas almas simples. Qualquer repelão, de ordem mental, sentido por alguns, mais sensíveis, era atribuído ao calor, ao álcool ingerido, a qualquer diferença de ordem física. Eles continuavam a xingar, a chamá-los de nomes feios, nem sequer ouvindo que conversavam a respeito da morte de ambos. É que ardiavam nas garras do febril egoísmo, ou da soma de múltiplos erros cometidos. Estavam submersos numa atmosfera doentia, eram presa de estado mental tão longa e intensamente elaborado; viviam no seio de uma aura individual, de um mundo criado por eles mesmos, mundo áurico que refletia tudo aquilo que haviam criado e sustentado por muitos anos.

O espírito é um agente fundamental e vibrante. Pode sê-lo positiva ou negativamente, a favor ou contra a Lei, porém jamais deixará de ser um agente fundamental e vibrante. É sempre criador de estados, de situações e condições, que podem variar em grau, do mais psíquico ao mais somático, do mais invisível ao mais visível, do menos ao mais concebível. Aqui reside uma questão de ordem, pois embora seja o que é, não sabe tudo a seu próprio respeito, e jamais alcançaria penetrar no conhecimento integral de suas possibilidades dinâmicas, estando, como está, atrelado ainda a um nível evolutivo tão inferior.

Não sabe o que é, nem sabe do que é capaz! No entanto, por natureza é dinâmico e movimentado valores que lhe podem ser causa de alegrias ou de tormentas. Estando nas trevas ou nas divinas claridades, vibra e atua, faz movimentar e recebe em troca o reflexo de suas possibilidades dinâmicas. É muito interessante, ou mesmo integralmente interessante, conhecer cada vez mais a seu próprio respeito, a fim de se atinar com o seguinte – não confundir os direitos naturais com as liberdades relativas.

Somos, o que somos, por força de um Supremo Poder, que do íntimo nos oferece direitos fundamentais e liberdades relativas. Assim como numa sociedade organizada, ou civilizada, os direitos de liberdade individual cessam na fronteira das obrigações decorrentes do estado gregário, assim também cessam as liberdades do espírito, em face da Lei, quando começa a invadir o campo da Harmonia Universal, em sentido contrário. Quem mais sintoniza com a Lei, tanto mais se faz livre e poderoso, jogando com os seus poderes, colocando-nos ao serviço de sua vontade; o que se faz arbitrário, avesso, contrata serviços de compromisso com a dor!

A pusilanimidade intelecto-moral, por injunção ou forçamento religiosista, ou tradicionalismo rampeiro, nalguns casos por mera superstição ou ignorância das leis, encarrega-se depois de enviar o indivíduo ao culto da mais frisante hipocrisia – tecer cantilenas à dor, levantar-lhe honras, como se, adular o efeito doloroso, não fosse o mesmo que ratificar a causa criminosa. E isto mesmo, entendamos bem, cantilenas que são muito bem feitas para efeito de exportação, porquanto aquilo mesmo de que trata com muito carinho em teoria, trata com azedume e aversão na prática. E que dizer do erro conceitual, da falta por suposição, uma vez que há sido imposta à Justiça Divina a responsabilidade, o patronato de sofrimentos e mais sofrimentos que, afinal de contas, são oriundos apenas de muita falta de critério, da excessiva negligência na usança da vida?

Mário e Daniel passaram por todas as modalidades conceptíveis, depois de recolhidos e atrelados ao carrilhão do melhor conhecimento. Culparam ao credo esposado, quando eles mesmos é que ofereciam dinheiro e outras ofertas, em troca das possíveis indulgências perante a Grande Lei. Julgaram-se castigados por Deus, embora fossem integrais conhecedores dos atos delituosos praticados durante a vida toda. Deram-se a rezar muito, pensando convencer a Lei no sentido de perdão. E acreditaram-se dignos de perdão, por terem sido muito crentes, a seu modo, esquecidos de que o desfazimento é na razão direta do fazimento, da feitura. Mais tarde, mostraram-se ressabiados em face da necessidade de reencarnar, por julgarem a carne muito acessível aos rogos da inferioridade, enquanto que eles haviam afincadamente trabalhado, com o propósito de subtrair aos semelhantes, de roubar ao próximo, tudo quanto a eles apetecia possuir, ter de sobra!

Seguindo na trilha do peso específico, do lastro cármico, da embalagem do passado, são agora dois ricos, pois sentem horror pela pobreza, e vivem metidos em ambientes de culto mediúnico inferior, onde se procura melhorar a vida, onde tudo é admissível, enquanto haja dinheiro, enquanto sejam satisfeitos os desejos de centenas de espíritos menos conscientes.

Nós, naquela ocasião, fizemos o devido. Mais tarde, quando chegar para eles outra hora de aferição de obras, se formos indicados para traduzir a Lei, dar-lhe cumprimento, compareceremos e faremos. Caso contrário, outros farão o devido, na devida hora, porque a Justiça Fundamental não sofre a falta de soldados fiéis.

E assim por diante, para eles e para nós todos, porque ninguém é mais nem menos perante as leis que regem o Universo.

Naquele dia, em que Mário e Daniel foram submetidos ao cadinho mediúnico, Bento o fora, também, na tentativa de cura para a sua surdo-mudez. Não se faz mister frisar a **importância terapêutica** da ingerência mediúnica; porque, em verdade, difícil é ingressar no conhecimento integral de suas profundas raízes. Para mim é impossível, pelo menos por enquanto.

Por quê? Simplesmente porque o mediunismo se processa através do **eletromagnetismo**, cujas gamas, cujos alicerces emanam das profundezas do espírito, de sua natureza, da divindade que lhe é fautriz, evidenciando elementos de virtude e poder que escapam a quem, como eu, ainda palmilha a senda obscura da involução, das primeiras letras no vastíssimo pergaminho da Vida.

Em conformidade, portanto, com os ditames da Lei, que refletem méritos ou deméritos, em singeleza de verdade inapelável e incorruptível, o contato mediúnico organizado e disposto em caráter evangélico opera maravilhas. Evangélico significa, para todos os efeitos, amável, sublime, não importando a cor sectária que se queira ou pretenda arrogar, impor ou subentender, porque as virtudes do espírito são universais como o próprio Deus!

Senão vejamos, compreendamos, penetremos no âmago de grandiosas lições vindas do Céu. Sim, do Céu, porque estes fatos, pela importância de suas ingênitias virtudes, significação e influências, só poderiam mesmo ter vindo das cimalhas divinas.

Foi em trânsito pela amplidão dos desertos que Moisés, atendendo aos ditames do Plano Diretor, escolheu e reuniu setenta homens, a fim de que a mediunidade neles se manifestasse, para que, em senso de melhor justiça pudessem ajudá-lo a governar. Leiam tais relatos no Livro de Números, capítulo onze.

Jesus Cristo, que veio para Batizar no Espírito, não setenta homens e sim toda a carne, foi realizar ou consumir o mandado superior num recinto que não era um templo sectário. Leiam os dois primeiros capítulos do Livro dos Atos dos Apóstolos, e todos quantos textos falam, nesse Livro, o mais puro, o menos adulterado, sobre as manifestações do Espírito, em línguas, profecias, curas e muitos outros fenômenos.

Percorram, com inteligência, com honestidade mental, os capítulos doze e quatorze da Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, onde trata ele das faculdades mediúnicas e do culto dos Apóstolos, se porventura o faz em caráter sectário.

Expandam, enfim, suas analíticas cogitações sobre o desencadear dos fenômenos mediúnicos do século dezenove, que tão vasta o quão profundamente, e em tempo curtíssimo, ultra-exíguo, abalou e fez movimentar as mais subidas mentalidades; perguntem se, porventura, foram procurados os donos de seitas, os que vivem à custa da fé, os encravados e encruados da clerezia exclusivista e ronceira.

Tais acontecimentos, sem dúvida bastariam para testemunhar o espírito libertador e revelacionista do Evangelho, pois aquilo que antes dele aconteceu, não foi senão para lhe preparar sementeira, tanto quanto aquilo que posteriormente se deu, mais não constituiu, do que a complementação devida e profetizada. Compreendamos, de uma vez por todas, que nós, os espíritos, ou nos fazemos templos luminosos ou ficaremos sem luzes no templo, mesmo que adquirindo vastos domínios materiais, ainda que sendo proprietários de imóveis sem conta nem monta. Pretendendo aprender com as verdades mais simples, observemos quão gerais são as majestades telúricas, aquelas forças que representam pelo que escapa ao domínio dos fanatismos religiosos – não foram as seitas, não foram os estatutos humanos que criaram a Terra, o Sol, os Infinitos Mundos, etc. Nem mesmo o ar que respirem, que de algum modo respiramos todos nós, apesar de ser bastante local, nem mesmo ele é menos comum e universal. Não é verdade que as lições mais simples são as mais completas e fundamentais?

Volvendo, pois, desta digressão à margem ao assunto de que se tratava, queremos focalizar o caso Bento, por ser digno de algumas considerações, por lastrear elementos de fato altamente significativos.

Bento fora por nós encostado a um médium bastante possante em sua capacidade ectoplásmica ou metérgica; e tudo com ele foi tentado, o quanto sabíamos nós, e mais aquilo que foi a contribuição

de elementos presentes e bem intencionados. De tudo zombava aquele fenômeno, aquele defeito psíquico que se traduzia como lesão orgânica apenas aparente. Digo orgânica referindo-me ao perispírito, ao chamado corpo espiritual, tão suficiente aqui para toda e qualquer ordem fisiológica, como nunca o seria aí um corpo mais denso. A menor densidade facilita acesso à maior intensidade; basta saber isso, portanto, para que se saiba o quanto é ele capaz de conferir elementos de oportunidade ascensível ou descensível, de melhora ou piora, para vocês inconcebíveis.

Do corpo espiritual de Bento, nada podíamos conseguir. Estávamos nessa altura dos fatos, quando se apresentou no recinto uma entidade muito superior, direi refulgente, cuja presença fez crescer no ambiente o estado psíquico, o tom espiritual sublimado. Frente ao mensageiro superior, estacamos, aguardando a palavra que decerto viria.

Depois de nos saudar, avisou-nos:

– Não adiantam esforços, meus amigos, porque outras são as disposições a tomar. Vossas mensagens mentais atingiram o nosso plano, e aqui estou para vos instruir da melhor forma, a fim de que todos sejam satisfeitos; não digo pela cura de nosso irmão, mas sim pela oportunidade que alguns hão de ter, pois serão, os implicados na questão, postos a par de atos cometidos num tempo que vai longe, e num acontecimento histórico que fará época por todos os milênios do futuro. Se me não importo com a cura de nosso irmão, menos é por não avaliar o bem alheio, mas sim por mais estimar a Suprema Justiça, o fator que nobilita todos os efeitos da Vida, situando a tudo e todos com exatidão. Repito o que já vos foi ensinado, a vós outros que sois servidores da Verdade – **nada fora da Lei!**

Suas palavras faziam fremir o éter ambiente, pela autoridade com que eram proferidas, pela certeza que traduziam. Verdadeiramente, nossas instruções sempre foram assentes num primeiro quesito fundamental – respeito à Lei! Jamais um instrutor, fazendo preleções, deixou passar aquela oportunidade apresentável de fazer essa recomendação. Os méritos do Amor, do grande Amor, são por Suprema Justiça. Sem Justiça, repetimos, até o Amor deixaria de ser. Isso já lhes foi dito e repetido muitas vezes. Falamos, é certo, da Justiça Divina; enquanto isso, lembramos aos homens em geral, e aos servidores da justiça humana em particular, em quanto importa agir bem ou mal. Porque, um dia, tudo será posto à frente de cada obreiro e nem um só ceitel passará sem ser contado! Entrementes, situando a justiça humana entre as verdades relativas ou falíveis, fazemos questão de salientar a importância do **perdão entre irmãos**. Deus, pela Sua Justiça, faz colher com exatidão. O homem, pelas obras de amor, cresce perante a Justiça de Deus!

O grande mentor prosseguiu:

– Tomastes parte num acontecimento histórico de total importância religiosa; fostes algozes do Cristo, da Verdade que por Ele foi exposta ao mundo. Tendes o que ver, antes do acerto de contas...

Olhou-me com bondade, ordenando:

– Volta com ele para tua região, aguardando novas instruções.

Despediu-se e partiu, pelo que vimos num raio de luzes ultra a rasgar o espaço e penetrar nos confins estelares.

Retiramos Bento dali, recomendamos o encerramento dos trabalhos e fomos no rumo indicado pelo mentor. Em trânsito para a nossa região, cuidando estar Bento em tristeza, pelo repetido fracasso, dissemos-lhe, por sinais:

– É pena, irmão Bento... Mas, afinal, iremos saber algumas coisas mais...

Ele me interrompeu, todo frenético, fazendo gestos que deviam querer dizer:

– Pena? Isso nunca!... Vi um anjo de Deus!... Um anjo de Deus!... Viu como ele brilhava, como faiscava luzes tão bonitas?!...

Etna comentou, ela que estava num estado parece que de encantamento:

– Não deixa de ser um tremendo estímulo. Vale a pena ser espírito!...

Um outro servo do bem, que nos acompanhara, fizera a sua emenda:

– Vale a pena despertar os poderes latentes de que somos senhores por natureza. Vale a pena trabalhar pela iluminação interna. Viu como ele brilhava de dentro para fora?... Que quer isso dizer?...

Ora, enquanto as religiões ensinam a esperar os milagres de fora, os favores misteriosos que em verdade não existem, os mais inteligentes cultivam a ciência da **iluminação interior**... Eu atravessei muitas vidas, recapitulei muitos dias, confiando em palavrórios decorados, esperando o desfecho de bastantes posturas arrecadadas na vastidão do mercadismo formal... Aí está a diferença, a chocante diferença, a triste contradição.

Bento, que aprendera bastante da arte de entender pelo movimento labial dos interlocutores, fez uns sinais que traduziam o seguinte pensamento, o pensamento que ele de fato lançava no éter:

– Basta!... Basta de choradeira!...

Admirei-me de sua atitude, sabendo que era incapaz de penetrar tanto no íntimo dos movimentos labiais, e muito menos capaz ainda de vasculhar os pensamentos alheios.

Fiz-lhe um sinal, indagando:

– Como entendeu o que está ele a dizer?

Bateu com a mão sobre o coração, e, com isso, explicou-se:

– Senti... Senti...

Se os planos inferiores do astral sujeitam os espíritos aos mais grosseiros estados, às mais infelizes situações, por representarem medidas de Justiça, coisa diferente se passa com os planos superiores, que por Justiça libertam, sublimam, deslumbram, divinizam!

Sabemos que não há separação de fato entre o chamado Criador, a chamada criação, as Leis e as Virtudes; que **tudo é uno; que a separação é aparente, é apenas para efeito de ordem.** A UNIDADE FUNDAMENTAL é a realidade inconfundível. Mas, para efeito de ordem cada coisa tem o seu justo lugar no plantel do Universo. Deus, em Si mesmo, e no íntimo de cada criatura, delimita extensões, dá segundo as obras.

O Céu é dos celestes, o inferno é dos infernais e assim por diante... De conformidade com a marca interior, assim o ambiente exterior... Que adiantaria discutir em contrário? Haveria inferno exterior, para quem o não sustentasse interiormente? E como não respeitar os direitos de um espírito sublimado?

Quantas coisas pensei, durante minha estada no plano de habitação daquele alto mentor! Sorvendo aquele Céu, aquele matiz de Céu, considere os que se acham nas regiões trevosas e fiz mil e um pensamentos sobre aqueles que, imersos, mergulhados na carne, e por ela nas dobras do materialismo, tudo negam, tudo traem, perdem as mais urgentes vantagens!

Entretanto, o mundo é como é. A Vida Total escoá-se pelas vidas relativas, e o seu mecanismo observa ritmos fundamentais e eternos. Quem dispôs assim? Por que foi assim disposto? Seria justo pretender modificar? Como se faria isso? Quem poderia fazer isso? Com que elementos de ordem e poder?

Deixemos de lado essas cogitações, que excedem astronomicamente aos nossos infantis recursos conceptíveis. Vamos tratar de nossas culpas de outrora, que bem podem constituir a explicação das questões acima vislumbradas.

Fui procurado em minha residência, por um emissário daquele alto mentor; como viesse revestido de tão alta comenda hierárquica, deram-me, os meus superiores locais, a liberdade necessária. Isso me valeu uma entrada em plano superior, ingresso, como se diz por aí, em outros ares. Fui alçado ao mais e melhor! Que tem de melhor o plano mais elevado? Dizer em palavras é muito complicado, pois as palavras, até mesmo os temas conhecidos, as regras clássicas, não se revelam suficientes a tais cometimentos, a tais funções discernitivas.

Todavia, lá vai um pensamento – o mais celestial é sempre o mais sublime, ainda que em matéria de sublimidades pouco ou nada podem objetivar, principalmente quando se trata de assuntos e coisas do plano espiritual. Mas é sempre o mais e o melhor, até mesmo o divino, o indizível, o indefinível. Eu sei como pensava no tempo em que me achava aí, arrostando com o peso da carne e imaginando, até podendo sentir, e bastante, as coisas do mundo espiritual; eu sei, repito, que tudo era medíocre, mesquinho, infinitesimal!

Bastam, para tais confrontos, as sensações que nos transmitem os sentidos de paz, de liberdade, de amplidão, de contato direto com a Divindade! Ser de paz, nos domínios da morte, já é ser celestial. Disso não tenho dúvidas, porque vastas são as lições que a prática me tem ensinado. A paz é sempre uma graça espiritual; mas a paz, como a temos e fruímos aqui, é mais e melhor, é divinal!

Ingressando no reino superior, ingressei no mais e no melhor. Que adiantaria dizer-lhe de outro modo? Como poderiam entender? Como poderia fazer-me entendido, se eu mesmo não posso definir, para mim, o que de fato é?

O exterior revela-se glorioso e o interior exalta-se a tais impulsos; o interior vibra nas aras do excelso e o exterior oferece matizes sem conta de luz, de som, de apoteótica prodigalidade em geral. Um plano superior é um **estado de festa** sem limites, assim parece, mesmo considerando as limitações hierárquicas irrevogáveis. Porque, cumpre ter sempre em mente os estados seguintes, os graus que se prolongam na continuidade gloriosa da Vida Superior, dessa Vida que é o Alicerce Sagrado de tudo e de todos, e que num crescente evolutivo se vai expondo, numa apoteótica demonstração de íntimos e divinos poderes.

Podem afirmações místicas pretender revelar as glórias espirituais; que se façam cálculos sobre tudo quanto não dito os Grandes Reveladores; mas que ninguém pretenda falar com certeza, a par da realidade espiritual sublimada. Crisna, no Sublime Cântico da Imortalidade, o Evangelho da Índia, afirma tal como é – das glórias espirituais só podem falar os que **as experimentam**. Jesus Cristo fez compreender isto por variantes modos. E nós, que deste palanque feliz lhes transmitimos informes, entramos em detalhes para avançar na tese, afirmando que, nestas plagas a variação de graus e matizes é vastíssima. Para baixo há de tudo, a fim de que a Grande Lei confira a cada um segundo sua evolução e merecimentos; para cima a regra judiciária confirma-se, ostentando na escala evolutiva graus que se desdobram sem conta e matizes que se multiplicam ao infinito, para que cada indivíduo em particular, e as comunidades em geral, possam receber, também na conformidade dos emolumentos progressivos adquiridos e firmados.

Expor, entretanto, em natureza e potenciais, a esses graus, estados e nuances, seria impossível. A linguagem falece por estéril, enquanto que nossas próprias possibilidades sensitivas jamais alcançariam penetrações de tamanha monta.

Ângelo, aquele alto mentor, deu-me explicações sobre múltiplos aspectos de sua região, e dos fenômenos deslumbrantes, e das realidades superiores, afirmando que verdades há, para os rumos acima, dos quais nada podia dizer, com certeza, por serem muito excelsos, demandando outras etapas evolutivas, isto é, outros merecimentos. Entretanto, afiançou, radiante de felicidade:

– Sejam, porém quais forem as divinas alturas, nada há sem a marca da radical conhecida; **tudo é lógico**, tudo é por lei, não prevalecem mistérios nem milagres. Direi mesmo, entendam como bem quiserem entender, que um sentido de **racionalidade** jamais falta, servindo de baliza e linha de conduta, de regra geral e de plano funcional. Assim sendo, as belezas da Terra transmudam-se, sublimam-se e atingem soberanas altitudes, ganhando, alcançando expressões de inenarráveis glórias, sem, no entanto, perderem contato com a **matriz**, com a **radical terrena**. Vejam bem portanto, que um planeta representa uma expressão não apenas do Sagrado Princípio, mas também um ponto inicial de escala, comportante, em natureza, de relações as mais respeitáveis. E, se bem o quiserem entender, como poderia ser diferente, se tudo constitui parte da UNIDADE SAGRADA?

Verdadeiramente, quem opinaria em contrário, observando o Universo destes encantados rincões?

Ficou estabelecido que passaríamos, Bento e eu, por uma visão retrospectiva; um pouco de nossa história seria revisto, a fim de que pudéssemos compreender e resolver um problema de ordem moral e afetiva, que de longe nos toldava os melhores propósitos de trato social.

Dias depois, frente a um aparelho complicado, começamos a ver as plagas percorridas pelo Precursor, e em seguida pelo Divino Mestre. Tudo se desenvolvia muito bem, até que um servidor daquela casa nos impôs as mãos, obrigando-nos a cair num esquisito transe, um semi-acordado, um misto de sonho, de semiconsciência.

Já não víamos as imagens de longe, naquela imensa tela, onde a Palestina daquele tempo se apresentava viva, fragrante, palpitante, feita convulsão, um ambiente de expectativa, de clamores os mais contraditórios; nós ali estávamos, naquele reboiço vibrante, naquela fervente situação, tomando parte no frenesi discussional que aqueles dois homens fizeram estourar, obrigando a todos falar, cogitar, opinar, etc.

Eu era eu mesmo, em consciência individual; mas não era eu como personalidade vigente ou clássica. Em mim sentia a sobreposição de uma outra personalidade, como se estivesse vivendo duas vidas ao mesmo tempo, duas personalidades conjuntamente. Assim sendo, tinha a vantagem de ver, de observar, e de viver, de tomar parte ativa na transbordante questão.

Num plano de feliz expectativa, vimos o nascimento e crescimento de ambos os Profetas; vimo-los, depois, serem entregues, pelos pais e tutores, a um grupo de circunspetos homens, vestidos como os da Seita dos Nazireus ou Escola de Profetas de Israel. Vimos que se apartaram, forçados por aqueles homens, que os tratavam com profundo respeito.

Foram focalizados em seus estudos e exercícios... Vendo o relacionamento que havia entre um e outro plano, podemos dizer que faziam Espiritismo, tal como o fazem, tal como o fazemos hoje.

Ao longe de um local, sabia-se estar o Egito. Ali estava o Precursor fazendo seus preparativos. Um dia, quando fosse tempo, sairia e inflamaria a Palestina com o seu verbo inflamado, incontido, quase violento, dirigindo muitos homens, outros discípulos daquela mesma Escola.

Distante, e não muito longe do Lago Salgado, estava Jesus. A natureza era superior, os aprendizados faziam-se e o tempo chegaria. Tudo obedece à lei dos ciclos, das movimentações **ordenadas**... O ambiente exterior corroborava, facilitava estados íntimos de recolhimento e ternura, de exaltação e sintonia... Jesus cresceu e fez-se homem adulto entre criaturas nobres e poesias naturais... Sua alma sonhadora não teve abalos graves na infância e juventude, a não ser aquilo de que se sabe, segundo relatos evangélicos, e de algum confronto menos completo, nalguma conversação em que se dedicava a tratar de assuntos espirituais, com pessoas estranhas. Cedo compreendeu a diferença conceptiva reinante, fator que um dia o encravaría num lenho infamante. Por isso, muito bem avisado pelas falanges iluminadas, evitou todo e qualquer contato, antes que fosse de fato chegada a hora.

A hora chegou, porque para ela é que nasceu.

Nesse tempo, eu e Bento, e muitos outros, alguns que já fizeram suas narrativas, já estávamos preocupados com as corridas tumultuosas de João Batista, orador inflamado, batizador em água, que dizia ser a moralização do batismo tradicional e a sementeira de um outro batismo, de Espírito e de fogo, que viria por intermédio de um outro, muito mais digno do que ele, e que se achava entre o povo e a caminho. Tudo isso, de par com as críticas que fazia aos elementos do governo, e principalmente contra Herodes e sua amante, mulher de seu irmão, punha a plebe em polvorosa, punha as autoridades em pânico e os mais sonhadores em devaneios místicos, havendo quem esperasse o fim do mundo para breves tempos.

João Batista e seus homens passaram, como passa um furacão, deixando em seu caminho os vestígios mais patentes de sua tremenda ação; todos aguardavam o que vinha para Batizar no Espírito! Uma febre tumultuosa invade Israel de ponta a ponta! Para afirmar ou para negar, mas todos conversavam a respeito. Ricos e pobres, cultos e incultos, autoridades e povo, todos viviam tecendo as mais desencontradas cogitações, porque João Batista falava com tremendo vigor, atacava o mundo e suas misérias, criticava o trono e prometia um nivelamento fantástico. O Profeta era de amedrontar!

Revimo-lo tal qual como fora, tal qual como o defrontamos um dia, prendendo-o, encarcerando-o. Eu e Bento éramos soldados, eu superior, ele subordinado.

Com a prisão de João Batista deu-se a projeção de Jesus no cenário das movimentações. Eram fisicamente parecidos, mas eram diferentes de ânimo. Se em momentos de santo e exaltado furor, Jesus tomou certas posturas orais, ainda assim o fez de outro modo; a severidade maior surtia de um não sei quê, do poder vibrante que as suas palavras continham, da integral firmeza de seus conceitos.

Todavia, em Jesus estava o perigo maior – **curava!** Arrastava legiões em suas pegadas! Sua fama avançava com a velocidade do raio! Os sacerdotes viviam atônitos, o governo estava de espreita e o povo das ruas exultava. Curava de graça, dizia coisas sublimes, cariciantes, divinas... Advertia aos ricos e potentados, enquanto que prometia o Reino do Céu aos mansos e humildes. Para que melhor Profeta?

A onda turbilhonante crescia, avolumava, assustava. O clero muitas vezes lembrara o poder civil sobre as vantagens de fazer aquilo ter fim imediato. Os representantes de Roma, no entanto, viam naquilo uma questão religiosa, um movimento contra o clero, gente com quem eles também não simpatizavam, pois viviam a reclamar de tudo, querendo sempre mais, nunca satisfeita.

Os poderes temporais, entretanto, sempre se entendem melhor; e Jesus foi, um dia, arrancado, violentamente subtraído à multidão. A grande violência foi a de ordem moral, pois a prisão deu-se num momento de quietação estranha.

Eu havia morrido fazia uns seis meses, quando Jesus foi preso, naquela noite morna, lúgubre, de certo modo apavorante.

Entre mim e Bento, então Jacó, havia muito em comum, porque éramos primos carnais, porque nunca fôramos muito religiosos. Os romanos eram pagãos e dominavam-nos, apesar de todas as prerrogativas de Israel, de seus Profetas e de seus sacerdotes. Diremos, como hoje se diz – respirávamos um ar todo militar.

Uma vez morto, agarrei-me a Bento ou Jacó, mesmo porque era por ele atraído; e vivendo numa penumbra mental, num mundo áurico feito por mim e a meu inteiro gosto, nunca pude enxergar a divina claridade que envolvia o Divino Mestre. Por não merecer, ou **por ser como me havia feito**, continuei na mesma e com tendências a pioras sem conta. Já não podia andar sozinho... É que estava ligado ao primo, ao soldado, no dizer dos da mesma raça, a um judeu traidor, pois todo e qualquer judeu, que chegasse a se igualar, em pensamentos e atos, aos que pisavam o chão de Israel, era considerado traidor. Piormente, com relação aos romanos, pois esses não eram considerados apenas impuros, mas sim inimigos totais.

Durante o seu tempo de pregação, repetia Jesus, de contínuo, dois acontecimentos; não era somente eu que assim os qualificava, mas todos quantos estavam longe de encará-lo como sendo o Cristo prometido, e portanto capaz de os cumprir, de os concretizar – eram considerados loucos tais acontecimentos! Quem, em sã razão tradicional, clássica, aceitaria as afirmações de um homem que prometia ressurgir dos mortos e derramar do Espírito sobre a carne? Quanta gente lhe não disse, em vida, para que em vida o fizesse? E tendo como resposta a negativa, pois afirmava a necessidade do próprio sacrifício, quem não tomaria suas palavras como evasivas, eivadas de manhas loucas?

Eu não pude ver tais coisas, como teria sido bom vê-las e entendê-las, quando se deram e como se deram. Mas pude vê-las, na grande visão retrospectiva, em todo o esplendor possível – vi a ressurreição do espírito, a volta do espírito e o Batismo de Espírito. Tudo aquilo que afirmam os dois primeiros capítulos do livro dos Atos, eu vi e compreendi intensamente. Jesus volveu, **em espírito, e Batizou em Espírito**, cumprindo a velha promessa. A minha situação, entretanto, nunca poderia ser pior; estava aterrado, comprometido, sujeito a reincidências tremendamente graves.

Meu primo arrastou-me por muitos anos; creio que é melhor dizer de outro modo, pois em verdade eu o arrastei para um triste fim – a loucura! Ele era devedor, não resta dúvida, mas eu o fiz penar cruas terríveis da semiconsciência, de um estado mental doloroso, que não permite o bom uso da razão, mas que impõe as torturas do desequilíbrio e suas conseqüências. Fosse um mentecapto total, ficaria livre de certas cogitações, de revoltas momentâneas, pois estaria inibido de suas

faculdades de raciocínio. Como era, porém, meio louco, meio são, tinha lá suas horas de consciência e de grandes sofrimentos. Terminou seus dias numa enxovia, longe de todos, esquecido e purulento.

Sabem o que é deixar a carne em tal estado?

Continuamos juntos, agarrados, trocando torturas, mesclando desgraças inenarráveis. Foram dezenas de anos, até que alguém nos falou, avisou e instruiu. Começou, então, a fase de ódios entre ele e eu. Acusava-me de tudo, de tudo me responsabilizava. É certo que o induzi a ser soldado, e que lhe meti na cabeça algumas idéias de revolta e descrença; mas ele não as havia aceitado? E eu não estava em grandes sofrimentos, também?

De qualquer modo, aquele aviso, aquelas instruções, quando muito nos custaram sofrimentos de outras modalidades. Sabíamos de nosso estado e situação, mas onde encontrar o meio de solucionar o caso? Aquele instrutor sumiu, desapareceu, e em face de tremendos sofrimentos meu primo não fazia mais do que crescer em ódio contra mim. Foram anos torturantes! Foram tempos cruéis!

Eu queria acordar daquele estado, pois, como já disse, em parte era eu mesmo a ver, a viver a trama, e em parte era aquela personagem então vivida; nada conseguia, porque o servo que mantinha a sua mão sobre as nossas respectivas cabeças era poderoso, ou agia segundo leis determinantes.

Volvemos ao plano carnal, um dia, depois de cair em profunda letargia. Foi durante o **século quatro da Era Cristã**, quando se deu o grande cisma, quando os políticos de Roma decidiram interferir e liquidar com o culto do Batismo de Espírito, com o prolongamento do Pentecoste. A vitória de Constantino alçou o paganismo, em nome do Deus Único e de Jesus Cristo, tomando por base as regras levíticas, apenas escoimadas de algumas práticas litúrgicas. Foram perseguidos os cultores da Revelação, foram liquidados! Todos os que eram apanhados em práticas tais eram sumariamente liquidados! Levantou-se para isso acusação irrecorrível – **o diabo** era artífice de línguas diversas, de curas, de sinais, de profecias, de tudo quanto o mediunismo prodigalizava. Tais práticas eram consideradas crime contra o Império. E os novos senhores da fé, ou donos da nova ordem religiosa, muito bem pagos e garantidos pelo Estado, impunham-se com todo o rigor possível.

Estava levantado, organizado e oficializado o **grande cisma**! Eu e o meu terrível inimigo, outra vez juntos, de novo tomamos parte no infeliz acontecimento. De novo amigos, para de novo tomar o pior dos partidos. Fomos, então, dos primeiros sacerdotes da Igreja Católica Apostólica Romana, que assim teve o seu nascimento.

Onde Roma governava, ninguém poderia prosseguir em conformidade com o culto dos Apóstolos; os ensinamentos de Paulo, como se acham na primeira carta aos Coríntios, capítulo quatorze, foram banidos como diabólicos. A Revelação era crime de morte!

Volvidos ao estado ordinário, tivemos de ser recolhidos ao leito, tal o cansaço, tal o grau de abalo geral. Ficara Bento muito pior do que eu.

Dias depois, ainda em vilegiatura naquela esfera de esplendores, onde fôramos submetidos à visão retrospectiva, convidaram-nos para assistir uma conferência, que seria feita num dos amplos salões da cidade, por um mentor vindo de região ainda mais elevada. Que diria um mensageiro das esferas superiores? De que assunto trataria?

Soubemos que faria uma palestra sobre os grandes eventos religiosos do planeta. E assim o fez, afirmando a unidade total entre os dois planos da vida, pois nem a morte faz milagres nem em Deus existem favores. Os problemas acompanham os espíritos, na Terra ou onde quer que seja, porque os problemas são de obrigação individual. As esferas de vida, nas regiões da morte, colocam os espíritos à frente de suas próprias questões, e nas condições inerentes, para que as situações forcem no sentido necessário, conclamem às resoluções devidas.

O mentor não falou do Céu, a não ser do Céu que jaz em potencial no íntimo de cada centelha. E para bem compreendermos a importância desse valor, fez projetar numa tela o desenvolvimento de um espírito. A princípio não parecia interessar muito, absorvendo ele mesmo as atenções, porque era muito belo e radiante e sua palavra encantava; mas quando a centelha em avançamento ingressou no reino animal, e começaram os despertares da razão, mui lentamente, parece que numa tremenda luta íntima com o instinto, então se fez a lição maravilhosa, então prendeu as atenções. Aquilo sim é que foi uma lição zoológica! E como nunca falta o bom humor, de permeio com as graves lições, houve uma demonstração regressiva – apareceu um grande vulto, um verdadeiro Senhor, que espargia luzes e poderes, glórias e virtudes, numa intensidade que se não podia encarar livremente. O glorioso vulto, muito lentamente foi se apagando, diminuindo, reduzindo... Atravessou os reinos, as suas fronteiras, prosseguiu através das gamas e foi desaparecer numa poeira, para a seguir, num pasmo para nós, ou pelo menos para mim, aparecer no ESTADO TOTAL, ou Deus, sem ser definido, ou individual, mas ali estando naquela GLÓRIA INTEGRAL, tal como a pudemos ver e suportar, pois nos disse o mentor, que só nas esferas superiores podia ser apresentado AQUELE ESTADO, em grau mais avançado. Ele não disse total, disse mais avançado, apenas.

No dia seguinte fomos devolvidos à nossa região, tendo iniciado os serviços rotineiros, armados, entretanto, de poderes algum tanto superiores. Bento ficou residindo conosco, mas sempre surdo-mudo, apesar de tudo aquilo, mesmo que apresentando um semblante confiante e feliz, fato que nos incutia surpresa, acontecimento que nos compungia, pois, em tantos anos de trabalhos socorristas, de curas e maravilhas, nunca se nos apresentou fato idêntico, fenômeno tão encruado, débito assim radicado, capaz de ter raízes tão fundamente penetradas num caráter humano.

– É realmente um caso de surpreender – comentou um companheiro de trabalhos e estudos, quando tivemos oportunidade para uma conversa longa a respeito.

– E dizer que fomos brindados com aquela tremenda lição, a visão retrospectiva que nos valeu por uma advertência, enquanto nos estimulou vigorosamente. Eu diria, então, ser o fim daquela tortura. Entretanto, ninguém por lá tratou do caso, nem eu tive coragem de abordar alguém a esse respeito, sabendo que **tudo acontece por ordem**, que **acaso não existe**. Aguardo, portanto, o que der e vier.

Com firmeza, reforçou o companheiro de serviços e estudos:

– Nem há com que fazer de menos! A Lei não age em função de particularidades, por mais que se represente nos indivíduos em particular. Pelo contrário, se assim é, comprova-se pela assertiva dos fatos, pois compele os indivíduos em particular à **Ordem Universal**, afirmando sempre a disciplina fundamental, a necessidade premente de **compenetração unitária**. Bento errou muito, na última etapa carnal, ao pretender justificar ações cruéis levadas a termo, cumuladas de reincidências, a custa das longas e fanáticas parolagens que mantinha em torno das verdades evangélicas. De que valem as sintonias teóricas, quando as ações refletem traição e vilipêndio? Não constitui, essa prática mais do que leviana, porque hipócrita e revoltante, um crime consciente?

– Os homens estão muito versados na triste arte de honrar com a boca...

– E a Lei não percebe limites de ação, porque de fato os não tem. Resumindo, a vida se constitui de **semear e colher**, nada mais; e por Lei se colhe conforme a sementeira. Queixar contra quem e como?

– Bem, vamos aguardar o desfecho. Estou muito curioso a respeito, pois Bento e eu temos bastante em comum, por história. Afinal, tomamos parte em dois grandes crimes – um na crucificação do Divino Mestre, outro na ereção do mais errado cisma, pois foi trevosa ação lavrada contra a função messiânica do Mestre. Verdadeiramente, meu amigo, não sei qual dos dois crimes será o maior, se o praticado contra a pessoa física do Cristo, se o levado a cabo contra a Sua missão, que era edificar Doutrina sobre o culto ostensivo da Revelação.

– As palavras do Cristo são incisivas – serão perdoados aqueles que pecarem contra o Filho do Homem, mas não o serão aqueles que pecarem contra o Espírito Santo. Quem ler, com inteligência, os dois primeiros capítulos do Livro dos Atos e os capítulos doze e quatorze da primeira carta de Paulo aos Coríntios, poderá saber perfeitamente o que seja o Espírito Santo, como síntese da Revelação ou do seu vastíssimo mecanismo.

– Em face de tão profundos erros, dou-me por feliz!...

Encarou-me o amigo e companheiro, com certa gravidade, indagando:

– De quantas vidas pretéritas tem conhecimento?

– Exatamente, para falar com certeza, apenas duas; aquela em que tomei parte nos acontecimentos do Calvário, e aquela em que fui grande protagonista, no quarto século, com o aparecimento do cisma romano, da corrupção prevista pelo Cristo contra a Sua Doutrina. Naquela, pesando como espírito trevoso nos ânimos de meu primo, fi-lo vergastar o Mestre durante o curto mas violento período processual; e na segunda, a fim de firmar os propósitos de Roma, e cimentar as prerrogativas daí decorrentes, ordenei extermínios inflexíveis, liquidações em massa. Essas duas vidas, posso dizer que as conheço muito.

– Nada mais?

– Minha última vida, como sabe, foi exemplar. De outras vidas não tenho ainda conhecimento. Apesar de tudo, não sei de outras etapas carnis. Por que me pergunta? Sabe alguma coisa de outras vidas que terei tido, como encarnado?

– Certo mentor, ontem, fez referência à sua pessoa histórica. Relatando, para efeito de aula, certa passagem dos capítulos religiosos do planeta, referiu-se a você com entusiasmo, pela capacidade evidenciada na hora dos resgates, assim como o denodo posto em prática nos momentos de testemunhos urgentes, quando chegou a hora da restauração profetizada pelo Divino Mestre. Eu não sei se me é devido falar-lhe, mas tomou parte muito ativa nos acontecimentos que envolveram a personalidade mística de Joana d'Arc, vindo mais tarde, como personagem feminina, a tomar bom posto na confecção dos livros básicos da Doutrina Espírita, servindo como aparelho mediúnico respeitável. Ora, tudo isto nobilita um espírito, fá-lo desgastar os erros e construir monumentos de verdade interior.

Fui obrigado a verter lágrimas de satisfação. Como poderia ser de menos? O réprobo, um dos fomentadores da corrupção doutrinária, indicado para servir, sob a égide Daquele traído Divino Mestre, nos serviços de restauração! Embora sabendo que a reparação é sempre na razão direta da lesão, isso foi maravilhoso de saber. Rendo graças, hei de rendê-las eternamente!

A Justiça Divina compele a vida a ser completa em suas lições. Por mais que fizesse juízos atinentes ao caso de Bento, à sua surdo-mudez, nunca seria capaz de lóbrigar, cogitando, o final que viria a ter. Depois daquelas compenetrações, inculcadas pelos mais veementes dados retrospectivos, chegava a julgar normal uma pessoal presença do Cristo, para aquela liquidação ansiosamente desejada. Se a presença, por ingerência, de tão altos mentores, e a visão de qualquer forma gloriosa, de acontecimentos pretéritos de tamanha monta, nada haviam feito, por que seria de estranhar a presença real do Divino Mestre? Eu nunca O vira pessoalmente, mas outros diziam maravilhas de Sua presença, de longe em longe, e quase sempre ao ser menos esperado, em festas de agradecimentos ao Supremo, em que Ele tomava parte, como simples partícipe, disfarçado no meio da multidão, aparecendo no momento final, para que Sua graciosa autoridade, servisse de fecho esplendoroso.

Eu e outros pensávamos assim – que o Cristo, em pessoa, viesse dar fim à lesão de que vinha sofrendo Bento.

No entanto, um dia, ao receber instruções sobre serviços a executar, encontro a ordem, o mandato singelo. Bento comunicar-se-ia por uma senhora de cor, num recinto familiar, e dali sairia ouvindo e falando. Lembrar-se-ia, até outras vigências, daquela preta mulher, podendo cogitar, sempre que o desejasse, a respeito dos alcances da simplicidade.

E assim foram cumpridas aquelas ordens. Bento, sem ser avisado, foi introduzido no humilde recinto. Depois, também sem prévio aviso, foi colocado ao lado da médium indicada, que por suas faculdades o atraiu. Nada se passara, pelo menos que eu visse, de mais intensivo, de mais revigorante; entretanto, Bento desandou num choro convulsivo, começando a balbuciar palavras de agradecimento a Deus, a Jesus, a todos... Eu sei que a DIVINA PRESENÇA, como ESSÊNCIA FUNDAMENTAL, jamais poderia ser ausente; sei que essa verdade é a básica, derivando dela todas as demais, que são infinitas em manifestação; mas, convenhamos, eu nunca esperaria um fim desses para aquela tormentosa lesão.

Bento, então, fora mandado para uma zona inferior, onde trabalharia muitos anos, arrancando irmãos das garras trevosas, dos lugares sem luz e sem paz, lugares que ele bem conhecera, por tê-los merecido, infelizmente.

Consciente, armazenado em fé e vibrante esperança, deixamo-lo entregue ao chefe de uma organização, bem nas fronteiras entre duas esferas da vida, uma rumando às mais densas trevas e torturas, outra convergindo às zonas de recuperação e glórias.

Nós prometemos visitá-lo, de quando em quando.

Ele nos prometeu:

– Podem estar certos de uma verdade – jamais deixarei de avisar, a quantos possa, sobre os verdadeiros princípios libertadores, não mais quereirei saber se as criaturas pertencem ou não a algum credo religioso; afirmarei, entretanto, a vantagem singular e inconfundível do Amor!

Fez uma breve pausa, abanou de leve a cabeça e disse, com voz quase embargada:

– Tivesse eu vivido um pouco mais a Doutrina do Cristo, na parte afetiva! E ainda que nada compreendesse a respeito da Revelação, do Consolador, teria colhido um pouco de paz, um pouco de amor... Entretanto... Colhi trevas... Sofrimentos...

A crise passou, a calma voltou, tendo repetido:

– Cristianismo não é conversa fiada, **não são posturas formais**, jamais será obra de engodos humanos. Os fermentos religiosos do mundo não o podem contaminar. Estes passam, mas a Verdade se mantém, fica sempre de pé, intervém na hora certa, impõe-se, convence e deixa bem claro não estar sujeita a discussões humanas!... Todos os formalismos, todas as atitudes pretensamente religiosas, de toda uma vida, não valem por um só ato de caridade, de perdão, de tolerância...

Outra vez com os olhos marejados, olhou-me com ternura, depois baixou a cabeça, tomou o braço do funcionário que estava ao lado e se foi, entrando pela sala do chefe daquele grande centro de serviços.

Nós partimos, trazendo na retina a visão daquela criatura reconhecida, onde palpitava um coração agora afeito aos ditames da Grande Lei. Não possuía os méritos de quem acerta por Amor e

por Ciência, mas estava curvo aos imperativos do sofrimento; não merecia, por isso, um lugar melhor, mas se encaminhava a um futuro promissor, custeado pelos mais duros esforços em prol do bem alheio. Se não era pródigo em sentimentos espontâneos, pelo menos estava equipado com as armaduras da experiência dolorosa. Um dia, por certo, falaria com autoridade sobre as vantagens da nobreza espontânea, da paz que se não filtra pelos meandros tenebrosos da dor, mas a que se chega, gloriosa e feliz, através de aplicações sensatas e amorosas. Porque isto convém saber – vale mais um ceutil dado espontaneamente, do que todo um cabedal oferecido através de compressões dolorosas. Não percamos, portanto, as melhores oportunidades, acertando pelo gosto de acertar, edificando pelo prazer de fazê-lo. Porque, do contrário, mesmo a despeito de erigir respeitos à dor, nunca se chega a ter a mesma satisfação, embora se chegue a ter os mesmos merecimentos. Aqui há inteligência; ninguém se iluda nem se engane.

Não sei como se terá processado, noutros mundos, a educação espiritual de suas criaturas; mas sei o que vai pela Terra, deduzindo e concluindo, terem os credos religiosos traído o verdadeiro culto do espírito e de Deus!

Talvez não possa condenar os Grandes Reveladores; mas também não posso convocar meus respeitos aos cleros que se foram organizando em torno deles, de suas Revelações, porque esses cleros procuraram, antes de mais nada, as próprias satisfações temporais.

Resumindo, o cidadão terrícola é quase sempre um errado conceitual, **alguém a se enganar**, sempre que tenha de se apresentar em face da mais íntima e premente de todas as questões – sua natureza, valores intrínsecos e destinação.

Sendo uma centelha divina, e comportando em potencial valores incalculáveis, que lhe cumpre despertar à custa de trabalhos e aprendizados, forçadamente ou espontaneamente, mas sempre na íntima estrutura, termina, por falsas concepções, ou por nefastas insinuações clericais, formais e idólatras, a pretender superar, vencer e ultrapassar, por meio de ridículas crenças, de fetiches oficializados, decerto impostos como sendo atos milagreiros, provindos de alguma cornucópia misteriosa, de engendração contraditória, mas que se desfaz em esparzimentos de toda ordem e validade, conquanto seus crédulos saracoteiem ao redor de seus fabricantes e proprietários, por sua vez espargindo crenças supersticiosas e dinheiros.

Assim como tudo, na ordem relativa, marcha no âmbito das leis cíclicas, assim também o fiandeiro de crenças idólatras, ou exteriores, chega ao topo da jornada terrena. Entrega o corpo à terra e entrega-se aos meandros seguríssimos das plagas etéreas. E verifica estar cheio por fora e vazio por dentro!... Armado de cangalhas formais, padece fome de recursos espirituais, defronta-se com as mais prementes necessidades íntimas. Suas compras não foram apenas inúteis, mas até bastante comprometedoras.

É tarde, porém, para deliberações reparadoras; vencido o ciclo, quase tudo em vão, outra alternativa não resta, senão a de preparar-se para outras etapas, onde talvez seja mais feliz, vivendo em mais equidade com a Verdade.

Nós, os socorristas, a todo momento enfrentamos casos desta natureza e ordem. E como devíamos procurar Bento, naquele centro de serviços, a fim de em sua companhia arrancar das brenhas um cidadão, eis que de novo encontramos alguém, cuja situação lamuriosa tinha origem na deformidade religiosa posta a funcionar, e a peso de ouro, durante os dias de romagem carnal...

O infeliz estava andrajoso, ferido, feito um animal acuado pelas matilhas perseguidoras que infestam as regiões subcrostianas mais profundas e tenebrosas. Uma vez recolhido e curado, fora-lhe de pronto indicado o caminho de uma nova imersão carnal.

Recebera o aviso e mergulhara em tristeza cruel.

– Voltar à carne?!... Mas se dela vim há tempos, mergulhando nos pântanos fétidos, e agora mal venho de saborear um pouco de santa paz!... Não haverá em tudo isso um pouco de engano?!...

Informe-me-o, conforme a ordem superior:

– Nenhum engano, caro amigo e irmão. Apenas ordem superior, apenas compromisso assumido através de obras levadas a cabo nas três últimas encarnações. Como pobre, foi invejoso, ladrão, blasfemo, caluniador, etc. Como rico, deu largas a todos os desmandos, não refreou as sanhas mais animais, tripudiou sobre a dignidade alheia, alçou-se aos píncaros do orgulho, etc. Que fazer, senão voltar e tentar reparos intransferíveis?

– Tenho horror pela vida carnal!!... Eu fracassarei de novo!...

– Tentará outras tantas vezes. A vida é eterna e a Grande Lei não se precipita jamais.

– O senhor já esteve naqueles abismos, onde criaturas humanas viram feras e se acuam mutuamente? O senhor já se viu como eu, andrajoso, fétido, feito um réptil dos infernos?

– Eu, quando por lá estive, foi **à custa de minhas obras**. E assim mesmo o senhor, e todos os quantos por lá estiveram, estão ou venham a estar. Tudo, meu amigo e irmão, não são mais do que possibilidades espirituais. **Céus e infernos estão dentro de nós**; e podemos cultivar o que bem

entendermos. Ou não terá tido tempo suficiente para ler, pelo menos uma vez na vida, o último capítulo do Apocalipse!

Olhou-nos com espanto, afinal sussurrando:

– Não... Nunca li... Que diz ele?...

– É fácil de saber. Vá para o seu domicílio, que lá está um livro sobre a mesa. É um exemplar do Novo Testamento. Leia pelo menos o último capítulo do Apocalipse. Se não puder entendê-lo a contento, lembre-se de que há um outro capítulo, num outro livro, que encerra a resposta integral.

– Qual é?

– O capítulo treze da primeira carta de Paulo aos Coríntios.

O acabrunhado homem saiu de diante de nós, para ir ler alguma coisa.

O espírito é uma centelha manifestada em caráter individual; **é um pedacinho de Deus**, uma partícula da ESSÊNCIA INFINITA. Portanto, crescendo em seus valores íntimos, cresce em universalidade. O sentimento espontâneo de universalidade é virtude que cresce na razão direta do aumento dos valores intrínsecos. Isto é, que, partindo do estado potencial, se elevam à condição de poderes patentes, dinâmicos, evolvidos, vibrantes, intensos.

Um espírito embrionário em evolução é uma fortaleza que dorme, que se perde nas profundezas de múltiplas nulidades; um espírito evolvido, bastante desperto em seus valores íntimos, é uma centelha que se levantou das nulidades, forçou os caminhos da Sabedoria e do Amor, penetrou nos arcanos sublimes e com eles passou a fruir dos poderes divinos.

Só pode alcançar mais em universalidade, seja em saberes ou sentires, aquele que é mais crescido em si mesmo!

Decorre, então, que ainda estamos longe dessas maravilhosas situações evolutivas... Somos a imagem viva do lusco-fusco... Marcamos passadas difíceis ao longo das porfias trabalhosas, visando colimar aqueles graus, fitos os olhos ávidos na personalidade modelar de Jesus Cristo – o Paradigma!

Ligados estamos, portanto, aos laços de sangue e de outros ligamentos inferiores... Ter toda a Humanidade como irmã, isso está para mais tarde... Amamos por escala, permanecendo nos primeiros degraus...

Por ser desse naipe hierárquico, fiz tudo para localizar minha mãe, aquela da última etapa carnal, que me largara sozinho no mundo, havendo-se arrancado violentamente do rol das gentes encarnadas. Houve um tempo em que, decerto forçado pelos tentáculos poderosos de vivências passadas, fui obrigado a interpelar a seu respeito, movimentando a boa vontade de alguns mentores.

Se alguém chafurda por abismos, ou se alça aos páramos luminosos, disso dão conta os departamentos administrativos. Ninguém se achará, jamais, à margem dos controles devidos e necessários.

Fui instruído a respeito, tudo fazendo, posteriormente, a fim de encontrá-la e auxiliá-la, na medida do possível, nos quadrantes da Grande Lei. Onde estava ela? Em que condições? Enfrentando que situações?

Visto ter-se lançado contra a Lei, não poderia estar sob as asas tutelares da paz. Não se poderia querer em contrário, sob pena de pretender escandalizar a Lei; levando de roldão aqueles que em caráter administrativo aplicam-na. Entretanto, não esperava, depois de tanto tempo encontrá-la tão gravemente cúmplice com as revoltas de aparência indômita; por se tratar de uma mulher, criatura por várias razões mais afeita aos nobres sentires, acreditava poder encontrá-la melhor postada no plantel das recuperações inderrogáveis. Tal não se deu; fui encontrá-la num túmulo, qual fera raivosa, engalfinhada com aquele homem que a tornara minha mãe, logo após abandonando-a. Lutavam os dois, em meio a uma assembléia asquerosa, nojenta, que se divertia a valer. Era de estarrecer! Para estar bem ao rés da vida carnal, bem junto dos encarnados, não se podia pretender cena mais dantesca, visão mais horrenda.

De volta ao plano onde colhera as informações, debrucei minha tristeza nos ouvidos de avantajado mentor.

Pensativo, respondeu-me:

– Eu sabia disso... Vá e faça o melhor possível. Quem melhor indicado?...

Tomei-me de vigor, pois a Lei estava comigo. Podia agir, subtraí-los àquela inferneza, encaminhá-los a melhores dias, a mais futuros tempos.

Organizei a sortida e arrancamo-los dali. Separamo-los; mais difícil, porém, foi doutriná-los. Meu pai reconhecia a falta e fez-se acessível; minha mãe era a personificação da revolta, do ódio, da vingança.

Muitos dias se passaram... Muitos conselhos foram aparentemente perdidos... E músicas ternas parece que nada podiam, contra aquela alma embutida nos grilhões de tamanha revolta.

Chegou o dia em que lhe pude aparecer, com autorização para evidenciar os poucos esplendores com tanto custo adquiridos.

Estupezata, exclamou:

– São Benedito?!... São Benedito?!...

– Não, minha mãe. Eu sou teu filho... Teu filho Barnabé...

Alguém abriu a porta de um cárcere e nós saímos, sentindo as mesmas dores, gozando as mesmas esperanças, derramando as mais ardentes lágrimas e antevendo os gloriosos esplendores do porvir.

FIM